# A BARONEZA DE AMOR

---

## ROMANCE

# A BARONEZA DE AMOR

## ROMANCE

POR

Joaquim Manoel de Macedo

TOMO II

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA NACIONAL
1876.

36 — 76.

# TERCEIRA PARTE

# VINGANÇAS.

# A BARONEZA DE AMOR.

---

## I

### O Marido.

O barão de Amorotahy leu a carta anonyma com impaciencia visivel mas sem manifestar na physionomia agitação, nem colera.

Não era essa a primeira denuncia, que assim recebia dos desasisados amores de sua esposa : mais de um pretendente infeliz e indigno tinha dess'arte procurado vingar-se da baroneza, e talvez que algum parente ou amigo houvesse por meio semelhante prevenido o barão do seu vergonhoso infortunio.

Como que habituado a taes escriptos maldosos ou de importuno interesse por sua

honra, o desbrioso marido apenas depois de ler a carta, examinou-a attentamente pela unica razão de lhe parecer de mulher a letra mal dissimulada, e convencendo-se do acerto de sua observação em vez de queimar o bilhete denunciador, conforme aos outros fizera, guardou-o em sua carteira.

O barão de Amorotahy era; mas não se reputava esposo envilecido.

Elle sabia da baroneza muito mais do que esta o pensava, e só em um ponto menos do que lhe conviria saber.

Não fôra sorprendido, recebendo o primeiro aviso dos desatinos da esposa; já os tinha observado, e reconhecido a principio com alvoroço do seu orgulho; mas não se animára a romper em criminações e em ciumes.

Como e para que fazel-o?... como, se o barão fôra e continuava a ser o provocador do seu tão grande infortunio?... ninguem ignorava, que por longo tempo a baroneza se conservára admiravelmente casta apezar da vida desordenada que elle levava, e, se por fim prevaricara, como iria o esposo tomar-lhe contas da prevaricação, tendo a certeza de que a victima lhe responderia com a exposição das torturas do seu passado?...

Que diria o barão, quando a baroneza

perguntasse: « quem foi o meu algoz?... quantos mezes vivi honesta e pura, embora afflicta, como esposa repudiada?... »

E' bem certo que o adulterio do esposo não desculpará jámais o subsequente adulterio da esposa.

Mas com que fim, e com que proveito o barão se manifestaria ciumento e revoltado sabedor do procedimento reprehensivel da baroneza?... a vergonha e a baixeza de estereis e repugnantes brigas domesticas não podem entrar em hypothese: o esposo só poderia pensar, explicando-se com a esposa, ou em desquite ou em reconciliação regeneradora do passado.

O escandalo do desquite tinha uma espada de dous gumes, e o barão temia-se della: além disso não havia facto realmente positivo que o armasse com o recurso extremo do desquite, se a baroneza o repellisse.

A reconciliação regeneradora era impossivel; porque a baroneza exigiria sem duvida a mutua fidelidade conjugal por base, e o barão era misero escravo da concupiscencia, e já estava engolfado e perdido nessa paixão brutal e ruim.

Infelizmente não é novo o caso.

O vicio traz em si castigo inexoravel e como providencial.

O esposo adultero, e homem dissoluto ultrajado em sua honra por subsequente desregramento da esposa, não podendo zelal-a, nem ser sentinella á porta do lar; porque longe do lar vive afogando-se em orgias; não podendo moralisar; porque é fonte de desmoralisação,—quando não escandalisa a sociedade com ruidosos conflictos e desconcertos domesticos que se tornam publicos, submette-se a fingir cegueira, a tolerar o opprobrio, simulando ignoral-o.

O barão de Amorotahy, reconhecendo-se incapaz de tornar á vida de esposo, senão casto, ao menos cauto, aceitou sua vergonhosa posição de marido cego e surdo.

Castigo do vicio, deixando a baroneza livre, abandonada, solta em seus delirios de vingativa, soffreu tormentos horriveis nas affrontas que despedaçavam o seu vão e falsissimo orgulho, que não era mais do que ouca vaidade; e ainda castigo do vicio, teve horas de amargura, de furias, e de insania, elle o ignobil, e lascivo, imaginando rendida á amante feliz a baroneza, a esposa, cujos encantos elle rememorava muitas vezes.

Nessa situação difficilima, artificial, escabrosa o barão de Amorotahy em desespero de sua condemnação á vida de cegueira, e de surdez que só poderia ser explicada pela

mais infame tolerancia do transviamento vergonhoso de sua esposa, agarrou-se á afortunada consolação, abriu os olhos a uma luz, que outrem tomaria apenas por penumbra, que lhe viera trazer nobre e digna senhora, que aliás bem podera parecer suspeita.

Dona Margarida, a extremosa tia da baroneza, confiou em segredo ao barão tudo quanto ouvira á sobrinha de seus planos de vingança tresloucada em que ella de proposito se compromettia em publico, ostentando todas as apparencias de incastidade que em sua vida particular repugnava e desmentia com todo o nobre recato antigo.

Semelhante explicação deveria ser insufficiente, inaceitavel para qualquer homem honesto e brioso; mas o barão de Amorotahy applaudiu-a, adoptou-a, como fundamento de cega confiança.

O adultero como que sophismava comsigo mesmo, e fez mais, quiz tambem que se propalasse como certa a especie de vingança que a esposa offendida e ciumenta delle tomava, e em zombaria fingida, mas indigna, referiu-a a amigos seus.

Ninguem lhe prestou credito e foi delle que todos riram, delle que tambem pouco acreditava no que dizia.

O desbrioso foi além, desceu a maior

baixeza: dia e noite fóra, longe do tecto conjugal, expôz a misera esposa á espionagem de sua criada particular e de seus lacaios: era o extremo do aviltamento; os espiões porém adoravam a baroneza, e por isso disseram della sómente a verdade que certificava a explicação dada por dona Margarida.

O barão de Amorotahy chegou emfim a crer nesse limite da vingança terrivel, limite material que não podia poupal-o ao ridiculo mais opprobrioso; contentou-se porém com elle, e quasi que o applaudiu ufanoso.

Havia em tudo isso contradicções de orgulho, falsificação de sentimentos; mas o barão precisava enganar a si proprio, e como que aturdir a consciencia, que o flagellava com o seu publico infortunio; aceitou pois aquella pauperrima consolação, abraçou-se com ella, e aos poucos se habituou a consideral-a não perfeita; mas sufficiente segurança de sua supposta dignidade.

Que idéa fazia esse homem da honra?...

Mas como pedir noções perfeitas do dever e da honra ao dissoluto que se desenfreava na carreira precipite do vicio?....

Em seu absurdo orgulho o barão julgava bastante, quasi que agradecia a reserva continente, e, digamol-o assim, a virtude corporal da esposa.

Elle sabia muito mais do que a baroneza o pensava atraiçoada generosamente pela tia; não sabia porém que sua esposa desprezada e delirantemente vingativa o amava sempre com ardor invencivel.

Repellido á principio pela baroneza justamente resentida, suppondo-se depois aborrecido, odiado, morto para a baroneza vingativa, cujo amor, cuja ternura como que infinita elle atrozmente assassinára em tormentos de adultera perfidia, o barão distanciando-se primeiro por confundido, depois pelo incentivo da lascivia, e emfim de todo pelo costume da discreta e disfarçada separação conjugal, esquecêra completamente a esposa, e sob o mesmo tecto, salva a decencia das relações obrigadas do lar commum, raro convivia com ella, e era na realidade dessa convivencia, como estranho a conviver com estranha.

Era vida apparentemente placida, secretamente horrivel, e talvez menos singular do que se imagina.

A nova calumnia levantada contra a baroneza não impressionaria o barão mais do que as anteriores; veiu porém achal-o preparado para desprezal-a; porque elle estava informado da honestidade das relações de sua esposa com o capitão Avante, e incapaz de

preoccupar-se do injurioso aleive; porque dominava seu animo afflictiva contrariedade que na perversão de seus sentimentos mais potente o excitava.

Avançando pelo campo da licenciosidade o barão encontrára nelle Mario de Villares, o marido de dona Amalia, e não tardára em tomar aquelle que lhe fôra amigo de familia por socio de libertinagem: se precisasse de alguem para estragar-lhe ainda mais o caracter, não poderia ter feito escolha mais acertada de mestre de corrupção.

Mario de Villares excedia muito o barão na petulancia da depravação, e no rebaixamento da ignominia: Amalia devia-lhe não a delicadeza e o decóro, sim o desprezo que a deixava viver isenta da espionagem repugnante que cercava a *baroneza de Amor*.

Mas não póde haver lealdade, nem sentimento algum generoso e puro, onde reina e se cultiva o vicio, a impudicicia, e o sensualismo sem freio.

Mario de Villares acabava de roubar ao barão de Amorotahy nova e já petulantemente celebre *alcaçarina*, por quem este apaixonado e captivo exagerava o preço de exclusiva e ostentosa posse.

Questão de ciume inconfessavel, de capricho de libertinos ricos, de vaidade ridicula e

escandalosa, pouco importa, o barão tinha perdido a *alcaçarina*, Mario lh'a tomára, e elle vencido e ludibriado se confrangia colerico, a imaginar vinganças, e a atormentar-se com a furia da paixão, e com a vergonha da preferencia que o abatia, e o amesquinhava.

A carta anonyma denunciadora dos amores da baroneza e do capitão Avante chegára ao barão na manhã cruel que seguira á noite do desengano.

O marido todo occupado da amante roubada nem pensou na injuria feita á esposa injustamente accusada.

Mas o homem sensual e pervertido tinha ainda em taes circumstancias podido notar que a letra da carta anonyma parecia de mulher, e chegára, examinando-a, a convencer-se disso.

Uma mulher era sempre o objectivo dos impulsos do sensualista.

O barão guardára a carta com a idéa da mulher que a escrevêra.

Concentrou-se torturando-se a maldizer da *alcaçarina*, a odiar Mario de Villares, a imaginar o que elle lhe tomára, e o que gozava... e a forjar planos estereis de desforra sem base.

Pagar com usura a deslealdade do amigo falso era todo o seu empenho.... daria um

anno de vida para conseguil-o; mas como?... rico contra rico a *alcaçarina* preferira a chuva de ouro de Mario: vencido com armas iguaes de ouro, tudo mais era inutil........ Mario triumphava.....

O barão tentou distrahir-se.... quiz dominar os tormentos de sua paixão afflictiva e violenta, e constrangendo o animo preoccupado do lascivo infortunio, tirou da carteira a carta anonyma, abriu-a, estudou de novo o caracter da letra mal disfarçada, e foi pensando ou dizendo entre si a principio sem interesse, e depois com ardor curioso:

— A letra é de mulher.....

— Que mulher escreveu esta carta?.....

— Foi ou inimiga ou rival da baroneza...

— Inimiga, a baroneza deve ter muitas por inveja; é inutil procurar uma.....

— Inimiga já deveria ter denunciado a incastidade da baroneza com apparencias de mais provaveis fundamentos....

— Mas esta é a primeira denuncia escripta por mulher....

— A carta não é de inimiga, é de rival, que ama o capitão Avante....

— Que mulher no caso de ser suspeitosa rival da baroneza ama o capitão Avante?...

Perturbado pela paixão que o torturava; mas teimoso a querer poupar-se a ella, o

barão considerava assim a carta; procurava adivinhar a sua procedencia; e de inducção em inducção, chegando á ultima, que era um problema a resolver, ficou reflectindo, lembrando, conjecturando....

Cinco minutos pelo menos a reviver na memoria horas de baile.... a presença do capitão.....senhoras que o olhavam.....

De subito o barão estremeceu todo ao luzir de uma feliz idéa, e radioso murmurou, como se fallasse a alguem:

— Oh!...se fosse della!...

E foi indisivel o riso sinistro e infernal que se abriu nos labios do barão.

Elle examinou outra vez a carta; e outra vez demorou-se reflectindo, lembrando, conjecturando....

E por fim ainda mais radioso, e satanicamente inspirado não fallou, mas disse comsigo mesmo:

— A carta é de dona Amalia de Villares.

E sahiu immediatamente de casa.

## II

### Abysmo que se abre.

Era uma hora da tarde, quando o barão de Amorotahy com a certeza de não encontrar Mario de Villares chegou á casa deste no momento em que dona Amalia surgia á porta para sahir.

Com effeito a carruagem estava posta e o pagem em pé tinha a portinhola aberta.

Vendo o barão a dous passos, dona Villares esperou-o e disse-lhe risonha:

—Passa opportunamente para me offerecer a mão.

—Mas eu não passo, chego, dona Amalia.

A invejosa lembrou-se da carta anonyma, que por ciume e malevolencia tinha escripto; serena porém como lhe convinha mostrar-se, perguntou:

— Uma visita, barão?

— Que lhe roubará meia hora de passeio e de cultos; se é possivel, peço-lhe esse sacrificio.

— Ah! o milagre da sua presença e a curiosidade do seu empenho, além do proprio desvanecimento me convidam a dar-lhe não meia hora; antes o dia todo....

E dizendo ao pagem:

— Não saio hoje.

Amalia de Villares tomou o braço do barão, e subindo para a sala de recepção, logo que entrou nella, perguntou:

— Desejaria fallar-me em confidencia?

— Sim, dona Amalia; adivinhou o meu pensamento...isso me exalta....

— Porque?

— Porque para ler assim na minha alma era preciso que se deixasse demorar voluntariamente nella.

Amalia sorriu-se, e disse:

— Em caso de conversação confidencial a minha sala particular naturalmente se recommenda por mais discreta.

E indo abrir uma porta, que dava entrada para a sala contigua, acrescentou:

— Entre e espere-me dous minutos: a sua impaciencia não me póde negar o direito de libertar-me deste horrivel chapéu imposto pelo capricho de feia moda.

Dona Villares sahiu ligeira e graciosa: a libertação do chapéu fôra pretexto; a instinctiva impulsão da necessidade de breve recolhimento para reflectir sobre a inopinada visita do barão immediatamente depois do recebimento da carta anonyma fôra a causa unica daquelle recurso improvisado pela senhora invejosa e leviana.

Mas dona Villares era incapaz de reflexão, e não podia pensar seriamente cinco minutos a menos que se occupasse de urdir a intriga, ou o plano de compromettimento, e de diffamação contra uma rival. Tirando o chapéu, e corrigindo, aperfeiçoando o penteado diante do espelho, ella só teve idéa de que era linda; só lembrou o cumprimento e a lisonja, que recebêra do barão, e no fim de um quarto de hora pelo menos, voltou curiosa a ouvir a confidencia sem que tivesse estudado e resolvido o seu proceder na hypothese de se tratar da denuncia calumniosa, que lhe pesava na consciencia.

O barão esperava pacientemente. A sala onde entrára lhe era perfeitamente conhecida, como antigo e muito frequente amigo nos tempos de sua vida de proceder honesto.

Dona Amalia de Villares tinha sido a flôr leda e mimosa de uma familia intimamente ligada á de seus pais, e o barão já casado e

ainda bom marido, a escusar-lhe as leviandades, frequentava-a generoso, protegendo-a com o prestigio da amizade de sua esposa, que era então o prototypo da castidade e da virtude.

Mais tarde o barão viveu por dever e por vangloria apenas noites e horas de excepção obrigada na sociedade elegante e nos salões aristocraticos.

Deslembrára-se de Amalia de Villares, como olvidára outras relações e amizades.

A sala particular de dona Villares era, como tantas outras de vaidosas e ricas senhoras, primor de custosos ornatos, abysmo de ouro em vasos de alto preço, em multiplicados albuns de ornamentos carissimos, em grandes espelhos cujo valor era ainda excedido pelas molduras luxuosas: era um salão caprichosamente enfeitado que nos thesouros que ostentava aos olhos, e nos tapetes e na mobilia de maravilhoso gosto obrigava a pensar, que elle continha em sua manifestação do gozo mal sentido de uma só senhora mais do que fôra preciso para alimentar cincoenta ou mais familias pobres durante um anno.

As duas salas de recepção particular da *baroneza de Amor* e de Amalia de Villares distinguiam entretanto notavelmente as duas senhoras: eram ambas talvez iguaes em

riqueza; mas a da baroneza primava pelo gosto delicado, e pelo testemunho irrecusavel do conhecimento e do apreço das bellas artes.

Ornando suas salas uma em ostentação irreflectida e cega dissipava thesouros; a outra sacrificava thesouros, pagando primores de arte, e a idolatria do bello.

O barão de Amorotahy pensava, ou não nessa eloquente differença das duas salas indicadora da distancia immensa, que separava por seu caracter e por seus sentimentos a *baroneza de Amor*, e Amalia de Villares, quando esta voltou, entrando apressada, quasi a correr, e a rir de si mesma, dizendo:

— O espelho é o demonio da mulher: a tentação prendeu-me: perdôa-me a demora, barão?...

—Neste momento só penso na graça da sua presença.

—Ah! é verdade! acudiu ella já sentada no sophá e inclinando-se para o lado em que lhe ficava o barão; é verdade! mereceu-me a graça de meia hora pedida e de todo o dia concedido para...não sei que confidencia.... aqui estou....e curiosa a não poder mais....

O barão demorou por instantes no rosto de Amalia olhar fito e penetrante que poderia ser impertinente, mas não iroso, nem confundidor.

Dona Villares resistiu impassivel á fixidade desse olhar sem abaixar, ou desviar o seu, e perguntou meio séria, meio ironica:

—E' assumpto grave, barão?....

O barão teve receio de vêl-a começar a rir e apressou-se a fallar.

—Dona Amalia, não venho perguntar-lhe, venho dizer-lhe o que sei.

—Ah! isso é mais facil e commodo para mim.

—Estimarei que o seja; indispensavel porém me é partir da communicação da minha certeza.

Dona Villares cada vez mais se tranquillisava, notando o olhar, e o tom com que lhe fallava o marido da *baroneza de Amor*.

—Então que é que sabe?...perguntou.

O barão levando a mão ao bolso e tirando o bilhete anonymo, apresentou-o a Amalia, e disse.

—Sei que foi a senhora, quem escreveu esta carta.

Corando apenas de leve; mas com impavidez que o barão estava longe de esperar, dona Villares respondeu sem alteração de voz:

—Fui.

Passou em silencio pelo menos um minuto, durante o qual o esposo offendido por ventura suffocou algum resto de dignidade, e a

calumniadora denunciante a brincar com o seu leque, manejava-o, traçando linhas sobre os joelhos, como se estivesse resolvendo problema geometrico.

Mas um minuto de espectativa e de paciencia era muito tempo para a estouvada.

— Barão! disse ella, reclinando-se languidamente no sophá; apraz-lhe que eu comece a bocejar?....

— Não, dona Amalia; interessa-me muito conhecer o sentimento que forçou-a á escrever-me esta carta.

— Neste caso o mais simples é o mais racional: cumpre-lhe acreditar que o sentimento que inspirou a carta foi a amizade que por tão antiga já me aborrece a denunciar-me velha.

— Porque não é franca e positiva, como se mostrou á pouco?

— E o barão que pôde chegar á certeza de que a denuncia anonyma partira de mim, porque não descobriu, não adivinhou tambem o affecto ou o paixão que me impulsou?....

— Porque hesito entre duas hypotheses.

— O melhor é admitir ambas.

— Impossivel; repellem-se.

— Quer que o auxilie na escolha ?...quaes são as suas hypotheses?...

— Não zombe, dona Amalia! não deve

zombar em assumpto de tanta delicadeza, nem calcula as flammas, e o incendio que ateou na minha alma!....

Dona Villares, interpretando erradamente as palavra do barão, exclamou com fingida piedade:

— Pois só agora?....ah! não me perdôo o ter deixado de lhe escrever á mais tempo!..

E toda commiseração, e condolencia apparentemente caridosa a linda Amalia procurou e apertou com ambas as mãos a mão do marido da *baroneza de Amor*, como a fazer-lhe mil tristes revelações nesse amigo impulso.

Mas o barão em vez de confundir-se, e de alvoroçar-se prendeu, e violentando, ou sem violentar as duas assetinadas e pequeninas mãos, levou-as aos labios, e as beijou duas vezes.

Dona Villares olhou para o barão com instinctiva suspeita; immediatamente porèm recolheu o olhar indiscreto, e murmurou commovida:

— Ella....talvez ainda....

O barão interrompeu-a impaciente, dizendo:

— Eu sei tudo quanto devo saber em relação á baroneza; sei, o que me cumpre perdoar-lhe, e o limite que ella respeita e não ultrapassa em seus erros a que tenho dado causa:

mas, dona Amalia !... não me lembre minha esposa; não é della que se trata!...

— Ah! eu pensava, que o objecto da confidencia era a carta, que deixou de ser anonyma.

— E'.

— Mas a carta só se occupa da baroneza, embora eu esteja arrependida de havel-a escripto.

— Sim; eu porém só vim pedir-lhe a confissão leal e franca do sentimento, que a obrigou á escrever uma denuncia fulminadora de sua amiga....

A palavra—amiga—feriu e devia ferir como a ponta de um punhal o coração e a consciencia da invejosa e calumniadora rival da baroneza.

— Tem a idéa de increpar-me?...perguntou dona Villares com a fortaleza, e audacia que lhe dava a lisongeira suspeita, que ella pouco antes acabara de lubrigar.

O barão respondeu, olhando-a com doçura:

— Dona Amalia, a senhora é linda ainda mesmo encolerisando-se ; é porém muito mais encantadora, quando ri.

Dona Villares riu-se.

— Assim! disse o barão; mas dê-me a luz que lhe pedi e que almejo...

— E' inutil; o barão já tem acesos dous archotes.

— Como?...

— As suas duas hypotheses.

— Quer que lh'as indique?

— Oh!... quanto tempo perdido para chegarmos ao fim!... precisa que eu diga «quero?...» pois bem, quero!

Pela sua inconsideração e leviana ousadia Amalia de Villares se expunha ou chegava a autorizar atrevimentos, e além disso o barão já atrevido por seus costumes impudicos, vinha com projecto assentado, e com animo de tudo dizer.

-- Dona Amalia, a senhora sabe tanto como eu o motivo, e o fim do procedimento que desde alguns mezes tem tido minha esposa.

— Ah! disse a terrivel Villares; trata-se portanto da baroneza!

— Não: eu quiz apenas firmar a base de minhas hypotheses. Recebendo a carta anonyma e reconhecendo a sua procedencia, eu disse comigo:— ou foi muito tardio e por isso bem duvidoso o interesse da amizade que escreveu esta denuncia, ou são falsos e calumniosos, como tenho razão para consideral-os, os diversos amores attribuidos á baroneza, e só é verdadeiro o que se me annuncia agora.

— Suponhamos isso.

— Dona Amalia, eu continuei com os olhos

na sua carta a dizer sempre comigo:— mas quem escreveu esta carta, não o fez por amiga do marido ultrajado; porque muito tarde no zelo da honra delle, manda-lhe aviso do novo e quinto amante da esposa infiel, e apenas então lhe falla de quatro successivos amores antecedentes, que deveriam ter sido opportunamente denunciados pelo mesmo sentimento de amizade.

— E dahi?... perguntou dona Villares, que não pôde fugir ao aperto do raciocinio do barão.

— Dahi eu cheguei a concluir, que a carta fôra inspirada pelo ciume de uma rival, ou pelo impulso vehemente do amor de um coração sensivel, e exaltado...

— Ciume, e amor! disse dona Villares; mas não ha ahi duas, ha apenas uma hypothese, barão; porque o ciume é filho do amor.

— Ainda bem, que procura sophismar; mas não nega!...

— Eu ainda não confessei, nem neguei, e muito menos sophismarei: é claro que a sua logica leva além os descobrimentos: continue.

O barão continuou:

—Escripta pelo ciume ou pelo amor exaltado a carta só pôde, só podia ter por empenho abater a baroneza por menos digna de seu

marido, ou crear embaraços á paixão em que ella pela quinta vez se compromette.

— Concludentissimo... evidente!... e por consequencia, barão?...

— Por consequencia esse empenho teve forçosamente por arrojado motor um de dous sentimentos...

— Diga-os!

— Dona Amalia!... a senhora ama ou o supposto amante, ou o marido da baroneza.

Dona Villares respondeu sem hesitar:

— Convenho em ambas as hypotheses....

E desatou a rir.

Mas rindo como irreflectida, e adoudada que era, ella pensou no amor transpirante, inesperado e por mil estimulos indecorosos allucinante do barão de Amorotahy.

Este calculadamente respirava silencioso depois de chegar ao termo de suas conclusões de logica sentimental.

Amalia o provocou a proseguir no mesmo tom da conversação confidencial e arriscada, dizendo-lhe:

— Estou vendo que vai acabar por declarar-me sua solicitante apaixonada!

— Não, dona Amalia! respondeu o barão, fingindo-se commovido e desalentado; não! até hontem eu era sómente infeliz desatinado e imperdoavel cego; mas hoje que imaginei

e entrevi indisivel felicidade, logo após me achei abysmado na escura noite da desesperança.

— Barão! a sua logica é mil vezes mais eloquente do que a sua rhetorica.

— Talvez que eu comece a não saber o que digo! mas é certo que das duas hypotheses abandonei logo a segunda; o marido da baroneza, revendo em sua memoria a imagem da autora da denuncia, reconheceu que ella era lindissima e adoravel; mas essa imagem não lhe lembrou o mais leve indicio de amor, o mais passageiro signal de attenção affectuosa.

— E portanto?...

— Ainda o pergunta?... estou condemnado ao martyrio da primeira hypothese...

— Recorde-m'a, barão!

— Dona Amalia, a senhora escreveu-me a carta anonyma; porque ama o capitão Avante!

Já preparada para ouvir esta conclusão; simulando-se porém sorprendida por ella, dona Villares representou perfeitamente rapido movimento de repugnancia, e logo, rindo-se zombeteira, disse:

— Ah, barão!... que sagacidade! que dom de adivinhar!...

— Nega-o, dona Amalia?...

—Ao contrario confirmo: o capitão Avante é

o mais precioso dos namorados e dos amantes ; porque traz no rosto o privilegio de não comprometter senhora alguma.

— Primeiramente isso não é negar o facto.

— Se eu já declarei que o confirmava !

— E depois é claro que não acredita em tal privilegio quem, accusando outra senhora, julgou-a mais do que sensivel ao amor do capitão.

Apanhada outra vez em falso ou em contradiçcão ; mas lisongeada, contente e a sonhar doudices, dona Villares em falta de plausivel resposta, teve por melhor cerrar os olhos, deixar aberto nos labios o seu sorriso enlevador, e apoiar a cabeça no encostamento do sophá, levantando-a e dobrando-a tanto quanto era preciso para ostentar todo o garbo de seu collo e toda a belleza de seu peito que sob fino véo alvejava entre os hombros soberbos e deixava-se á vista até quasi o nascer dos seios.

Noite incompleta e formosa no cerrar dos olhos, céo branco, luzente e puro na alvura e na belleza do collo e do peito, festivo brilhar de aurora no sorriso enfeitiçador, Amalia de Villares se ostendia encantadora e voluptuosa.

Ardente e lascivo o barão contemplou-a allucinado nessa atrevida exposição inflammadora.

— Parece que o barão me fez dormir! disse emfim a namoradeira, abrindo os olhos.

— Mas desperta em face do meu martyrio ainda mais aggravado!

— Qual é?... já me não lembra....

— Dona Amalia!.... sua carta abriu em minha alma a cratera de um volcão...

— Accusa-me de incendiaria?

— Não zombe: incapaz de malevolencia e de aleive sua denuncia podia ser impulsada pelo ciume; mas sahiu-lhe da consciencia.

— O barão volta á logica: tanto melhor!

— Impulsada pelo ciume; verdadeira porém, eu a vejo amando o capitão Avante, e ferida pela negação do amor, que outrem lhe rouba...

— E... depois?...

— Sahida da sua consciencia e talvez bem fundada, eu, o esposo offendido, não posso amar minha esposa...

— Adivinha-se, barão, que está tocando a ultima consequencia, que eu ardo por ouvir.

— Sim, dona Amalia!... eu lhe venho offerecer de joelhos a compensação do amor que lhe roubaram; eu venho pedir-lhe de joelhos a compensação do amor, que a senhora extinguiu no meu coração!...

— Que quer dizer, senhor barão?... perguntou dona Villares, tomando de emprestimo

certa attitude grave recommendada pela exigencia de apparente decoro.

O barão prostrou-se aos pés da provocadora namoradeira, e disse com apaixonado fervor, tomando-lhe, apertando-lhe e beijando-lhe as mãos:

— Adoro-a, dona Amalia!... rendo-me seu escravo!... peço-lhe o encantamento, a dita, a gloria de permittir que a ame, e de vêl-a sorrir com o seu sorriso angelico e irresistivel aos extremos do meu amor!...

Dona Villares recolhendo as mãos depois de fervorosamente beijadas, respondeu ainda ironica; mas sem rir:

— Barão! quero ser franca: o senhor é muito logico, e eu sou muito absurda: isto dá que pensar...

— Dona Amalia!...

— Que quer?... o seu amor chegou-me tão inopinado e é tão attractivo e deslumbrante que merece tres dias de reflexão de quem até hoje nunca reflectiu tres minutos.

— Tres dias?... oh, é muito!

— Muito, quando lhe concedo já a esperança?... murmurou docemente dona Villares.

O barão tornou a apertar-lhe e a beijar-lhe as mãos.

## III

### O Calculo no gelo.

Amalia de Villares não era tão nescia que acreditasse logo na subita paixão de um cavalleiro que por tantos annos a tratara sempre com agrado e amabilidade; mas sem jámais deixal-a presentir affectuosa ternura. Naturalmente ella estava convencida, de que encantadora, como se julgava, podia em qualquer tempo, e por casual estimulo, ou por effeito de inesperada impressão mais reflectida, captivar o homem que depois de prolongada isenção, a tivesse emfim melhor e detidamente apreciado.

Mas o amor do barão rompendo de repente de um facto que devia aliás inspirar-lhe justo e profundo resentimento e em poucas horas arrojando-o tão impetuoso que immediatamente o levou ao extremo da declaração mais

apaixonada, era por um lado pouco respeitoso, porque nem soubera simular-se timido em honra da senhora amada; e por outro muito suspeitoso pelo caracter do namorado, e pelas circumstancias em que se manifestava.

A esposa adoudada e incasta não deu importancia, nem talvez attendeu á rudeza do desrespeito; tomou porém a peito averiguar a sinceridade ou a malicia da verdadeira ou falsa paixão de que era objecto: este empenho estava na sua indole, e nos seus habitos; porque ia emmalhal-a em intrigas subtis.

Entretanto o amor do barão de Amorotahy abria perspectivas deslumbrantes aos olhos de Amalia de Villares.

Ella não amava o barão, nem homem algum: se houvera tempo em que tivesse sido susceptivel de sentir verdadeiro amor, á força de muito fingil-o, estragara de todo a sensibilidade.

Não a preocupavam os dotes agradaveis do barão, seu bello rosto, sua figura alta e graciosa, seus modos attractivos, sua elegancia e seu donaire.

O que a exaltava, e fazia arder sua imaginação maldosa era o facto de ser o barão esposo da *baroneza de Amor*, de quem fôra

invejosa toda sua vida, e que ainda por ultimo amante ou não do capitão Avante, sem duvida fôra a causa que determinára este a offendêl-a, desdenhando-a claramente.

Dona Villares já tinha alimentado muito a sua inveja, concorrendo para o delirante despenho da *baroneza de Amor*; então porém chegaria a sacial-a se pudesse dominar sobre o barão, e tornal-o instrumento de sua caprichosa e absoluta vontade.

Este pensamento, este almejo, esta aspiração ruim apoderaram-se do animo da invejosa.

O que Amalia de Villares fez, pôz em acção, manejou, descobriu e reconheceu, ella guardou para si, esperando o barão, que não faltou ao terceiro dia aprazado, contando aliás nos tres o dia da sua amorosa declaração.

Dona Villares contava com elle; mas logo depois de recebêl-o, disse-lhe:

— Barão, lisongêa-me o seu erro; lembro-lhe porém, que lhe pedi tres dias de reflexão; marquei a hora, em que me deixou; e asseguro-lhe que chega hoje apênas quarenta e oito horas e trinta e sete minutos depois do seu eclypse...

E mostrou-lhe o seu pequenino e rico relogio, do qual o radiar de magnificos

brilhantes quasi que não deixava distinguir a hora marcada.

— Ah! dona Amalia, foi o amor que marcou-me o tempo!

— E não lhe disputarei um dia de menos: bastaram-me dous: já reflecti.

— A reflexão me faz medo... porque é fria e eu só aspiro flammas!...

— Barão! vamos fallar do seu.... e talvez do nosso amor...

— Sim!... do nosso... dona Amalia!...

— De accôrdo, barão!... vamos conversar sobre o nosso amor, como se fallassemos, estando a tomar sorvetes?...

— Ah!... que quer dizer?...

— Não se alvoroce: eu não lhe nego, que possa esperar-nos futuro de fogo; mas por agora é indispensavel, é mesmo leal, que comecemos a entreter-nos sentados sobre uma camada de gelo: caso do Hecla, barão!!... gelo cobrindo o volcão..

— Não comprehendo...

— Bastar-me-hão poucas palavras para fazêl-o comprehender o meu pensamento.

— Passo o coração para os ouvidos, dona Amalia.

— Oh! deixe esse esbanjador no seu lugar: nós vamos fazer um discurso, que bem poderá terminar com peroração sentimental;

mas de cujo exordio é excluido o coração.

— Em todo caso escutarei ancioso.

Dona Villares sempre no mesmo tom ás vezes brincão, ás vezes sarcastico fallou a abanar-se levemente com o leque, e sem commoção nem constrangimento.

— E' claro, barão, que o terno affecto que me veiu confessar, e que o terno affecto que por ventura chegaria a merecer de mim não passariam de suave enlevo, de innocente amor poetico isento de consequencias que me confundiriam.

Não podia haver supposição mais improvavel; o barão porém respondeu promptamente:

— E' claro.

Dona Villares conteve o riso.

— Tambem é claro, que sob tal condição o amor de um cavalleiro como é o barão, recommendavel, distincto por todos os titulos, e digno de todas as preferencias, enfeitiçaria a vaidade, e venceria o rigor da senhora mais exigente; porém sensivel.

— O elogio não me lisongea, assusta-me, dona Amalia!

— Pois bem; ainda assim, ainda supposto innocente, e com o prestigio das suas qualidades, barão, o seu amor veiu rebaixar-me cruelmente.

— Oh!. . protesto! exclamou com ardor o barão.

— Perdoe-me, disse Amalia, por ora tenha por inopportuna qualquer explosão de affecto: eu o preveni de que começariamos a conversar sentados sobre uma camada de gelo.

— Mas rebaixal-a!.. eu?....

— Não ha negal-o, ou sómente provas irrecusaveis, evidentes em seu futuro proceder, me convenceriam do meu erro, que aliás tem todos os fundamentos da mais barbara verdade.

— Dona Amalia, assiste-me o direito não de pedir, mas de exigir que se explique.

A leviana mascarára-se com expressão physionomica de seriedade.

— Barão! o seu amor tornando-me rival da baroneza não me rebaixaria pela comparação na rivalidade.

— Que quer dizer?... emfim....

— Se eu fosse tão louca, e tão vil, que todos os deveres sacrificasse á sua, e á minha paixão, eu me reconheceria criminosa, justamente punida pelo meu opprobrio; ao menos porém, olhando para a minha rival vencida, me julgaria ainda alta por achal-a da minha altura.

O barão quasi que se atraiçoou, deixando

perceber a agitação do animo perturbado pelos avisos da consciencia; ainda porém se abalançou a dizer:

— E finalmente.....por quem é, dona Amalia!.... poupe-me, acabando de uma vez por fazer-me comprehendel-a!...

— Barão!... não foi quasi a tres dias, que teve a graciosa bondade de vir declarar-me subitamente o seu amor inesperado e repentino?...

— Foi, salvo o protesto contra o ultimo qualificativo.

— E foi quasi a quatro dias, barão!... foi um dia antes daquelle em que me declarou o seu amor, que a ultima das suas predilectas do alcaçar, pouco importa o seu nome escandalosamente celebre, uma pobre infame, como as outras, lhe fechou a porta que acabava de abrir á meu marido.

O barão empallideceu, e confundido no primeiro momento não soube que responder.

Amalia cravára nelle os olhos, a desejar uma negativa, qualquer, o mais absurdo e inaceitavel principio de defesa; vendo-o porém enleiado, e aturdido, continuou, para dar-lhe tempo a socegar, e orientar-se, dizendo como dolorosamente ferida:

— Minha rival não é pois a *baroneza de Amor*, que tem a minha altura! minha rival

seria uma desgraçada mulher, que não se chama senhora; e que fosse mil vezes mais bella do que eu, nunca chegaria a tocar ao estrado, onde pisam meus pés!....

— Dona Amalia!.... murmurou o barão, começando a voltar a si; porque desce do céo a confundir-me, e a castigar-me, procurando-me ainda no paul, onde eu me afundava, e d'onde me arrancou milagrosa pela magia da sua belleza?

— Magias de belleza!.... isso é facil de dizer; mas a verdadeira eloquencia e a logica evidente estão nos factos: a quatro dias meu dissoluto marido arrebatou-lhe a corrompida amante, e um dia depois o senhor veiu declarar-me o seu ardente amor para vingar-se de meu marido, empenhando-se em tornar-me sua amante!....

— Em tal caso reputa-me o mais desmoralisado, e o mais perverso dos homens!...

E o barão, fallando assim, voltava os olhos, como a procurar o chapéu.

Dona Villares sorprendeu-lhe a intenção da retirada que não podia convir-lhe, e prompta recorreu ao expediente do enternecimento doloroso, que obriga a consolação.

Calculadora e fria como o gelo da camada em que se imaginára sentada, ella espremeu

e lançou dos olhos duas lagrimas que foram demorar-se pendentes de suas faces, como gottas de orvalho em flores branco-roseas abertas á aurora.

Dona Villares balbuciou em doce voz um gemido em melodia:

— Eu.... em troca..... de uma alcaçarina!..... é demais!!!

O barão ao ver-lhe as lagrimas, e ao ouvir-lhe o gemido, que era canto de sereia, ajoelhou-se aos pés da artificiosa Amalia de Villares, e prorompeu em explosões de juramentos e de flammigeros protestos do amor o mais arrebatado.

Habil e provecto na arte de seduzir, e de representar apaixonados sentimentos, elle soube confessar; mas confessando com requintada simulação de indifferença e de desprezo o facto vergonhoso que excitára o resentimento e a indignação de dona Villares; feita porém a confissão, exclamou:

— Essa mulher foi e será a ultima das nodoas que mancham minha vida até quatro dias desregrada!...se o têl-a perdido pudesse revoltar-me contra quem m'a tomou, minha completa vingança estaria na propria victoria do rival; mas eu tornei-me, não, a senhora tornou-me outro, dona Amalia!...a sua carta anonyma foi involuntario estimulo que me

transportou ao ponto de manifestar-lhe o amor invencivel que desde annos eu abafava temeroso no coração! oh!... foi a carta anonyma!...foi sua a culpa!... eu a adoro!...

Amalia desde que pudera verter as duas lagrimas, e que murmurára a sua dolorosa queixa, tinha escondido o rosto com o leque aberto, indicando-se agitada no respirar quasi afflictivo; mas perfeitamente serena escutava o que dizia o barão até que ao ouvil-o repetir a declaração de amor, fechou convulsiva o leque, e disse:

— Ama-me?...

Mas como sorprendida pela attitude do barão, acudiu logo:

— De joelhos!...oh! que inconveniencia!... que juizo faz de mim?...se algum dos meus criados....

O barão levantou-se, dizendo:

— Eu já não tenho responsabilidade do que pratico; porque a senhora me endoudeceu!

E sentou-se.

— Isso é commodo para quem projectou abusar; admittindo porém a sinceridade da desculpa, devo prevenil-o, de que errou o caminho da casa dos doudos.

O barão perguntou seriamente:

— Cumpre-me entender que me despede?...

Amalia respondeu, perguntando no mesmo tom:

— Ajoelhando-se a meus pés teve a idéa de poder comprometter-me?...

— Oh, dona Amalia!...que prevenção injusta e cruel!...

— Em falta de realidade a falsa apparencia de nossa mutua ternura aproveitaria não pouco ao rival vencido por Mario de Villares.

A senhora artificiosa e calculista insistia, ferindo e torturando o barão no verdadeiro ponto de sua fraqueza, que ella resolvêra tomar por elemento de força.

O sensualista corrompido, mas amestrado pela experiencia defendeu-se, insistindo tambem na negativa, e explorando o recurso sempre mais ou menos fructuoso da thurificação da vaidade.

Amalia de Villares, como que se achasse fatigada da conversação demasiado constrangente, e já um pouco longa, interrompeu o mais terno e eloquente dos rasgos do seu apaixonado pretendente e disse-lhe:

— Barão! poupe-me a sua rhetorica!... está escripto que hoje não sahiremos do gelo, onde começamos sentados...

— Mas porque, dona Amalia?...

— Porque eu tenho sempre sobre o coração uma duvida, uma prevenção, uma idéa

horrivel, que se chama a esposa de Mario de Villares pela alcaçarina que Mario de Villares tomou-lhe!...

— Oh!... que injuria me faz!...

— E porque em troco lhe concedo outra duvida contra mim, o direito de julgar que lhe escrevi a carta anonyma em impetos de ciumes e de inveja da *baroneza de Amor*, por suspeital-a feliz amante do capitão Avante, que adoro desprezada...

— Juro, que não creio nisso!...

— Pois digo-lhe, que deve suspeital-o!

— Dona Amalia!

— Eis-ahi duas duvidas crueis! o barão a conspirar contra Mario de Villares, meu marido, e eu a conspirar contra a *baroneza de Amor*, sua esposa!... isto é franco! qualquer das duas duvidas chegada á evidente demonstração de verdade seria testemunho irrecusavel de perversidade!...

— Sim, por certo!...disse o barão, suffocando um brado da consciencia.

E dona Villares proseguiu, dizendo:

— Mas é sómente o meu, e o seu proceder de hoje em diante que poderão evidenciar a innocencia ou a malicia, a lealdade ou a traição do amor, que cada um de nós está doce e ternamente, ou hypocrita e refalsadamente confessando ao outro!

O barão enthusiasmou-se, e disse com vehemencia:

— Portanto... posso esperar.....

Amalia de Villares respondeu logo:

— Ama-me, barão?...sei que o diz; mas eu duvido ainda.

— Oh!...

— E eu tambem lhe digo, que o amo, barão!... mas convenho, em que igualmente duvide ainda do meu amor...

— Não!

— Sim! sim! duvidemos ambos um do outro, barão: eu positivamente duvido da sua lealdade; siga o meu exemplo: olhe que é bom conselho.

— Porque?...

— Porque a duvida é o meio mais seguro para se chegar ao reconhecimento da verdade.

— Oh!...pois bem: caber-me-ha a gloria de obrigal-a a convencer-se do meu amor!... disse o barão com ternura.

Amalia de Villares afigurando-se docemente commovida, murmurou, suspirando, mas com um meio-sorriso indicador de embrandecimento:

— Duvido sempre... deixe-me! quero dormir... para sonhar!...

E cerrou os olhos inconsiderada e seductoramente.

Sensual e ousado o barão não hesitou em aproveitar essa provocadora e abandonada posição, e dobrando o corpo, e estendendo o pescoço, foi achegando o rosto ao de Amalia para roubar-lhe um beijo...e ia roubal-o...

Mas ao arrojo do furto dona Villares rapida cobriu os labios com a mão, e nesta recebeu o beijo.

— Ainda é muito cedo! disse.

## IV

### V — vingança.

Pela primeira vez Amalia de Villares tinha querido entreter em segredo um galanteio: resolvida a conspirar contra a baroneza, e a urdir o seu maior infortunio, se não pudesse abatel-a, tomando-lhe as preferencias e o amor do capitão Avante, por quem a suppunha amada, convinha-lhe não alvoroçar a rival com o conhecimento das pretenções amorosas do barão, e da sua calculada acquiescencia.

Mas o que era util ao plano de dona Villares, não podia quadrar ao barão, que em impetos de fingidos ardores apaixonados tomára por principal fim ser ou ao menos parecer seductor feliz da esposa daquelle que lhe roubára a amante impudica e venal.

A intriga rompia rica de compensações aviltantes; porque dona Villares não amava o

barão, nem este a ella, e ambos simulavam amar-se com designio perfido e semelhante; pois que tramavam contra a esposa de um, e o marido da outra.

E' claro que nesse enredo, nesse certamen de falsidades a mulher havia de finalmente vencer o homem; a principio porém foi a mulher a vencida, calculando mais importante e segura victoria ulterior.

O barão de Amorotahy ao mesmo tempo que, procurando assiduo Amalia de Villares, empenhava em suas intimas confidencias todos os esforços para sacrifical-a ás suas flammas lascivas, em publico não a poupava ao galanteio mais compromettedor.

Dona Villares precata e astuta animava as tentativas de seducção, preannunciando-se cada dia em vesperas de completo rendimento, que aliás adiava sempre, repetindo a sua premeditada defesa:

— Duvido ainda!

E sob mil pretextos de revolto pudor, e de attenções devidas á baroneza recusára-se a corresponder publicamente á côrte immodesta do seu apaixonado.

Em breve porém ella presentiu que a sua resistencia exasperava o seductor, a quem não concedia a consolação e os incentivos do namoro franco e patente, que por um lado

sorria á fatuidade do barão, e por outro devia indicar arrebatamento de amor.

Amalia de Villares tinha os olhos fitos na baroneza, e as mãos já aferrando o barão: naquelles o olhar da serpente, nestas as garras de tigre.

O barão era sua preza, a baroneza havia de ser sua victima: ella teve medo de que lhe escapasse o primeiro, levando comsigo o talisman infernal do seu calculado poder contra a segunda.

Dona Villares cedeu sem confessar que cedia, e affectando-se não condescendente por fraqueza, mas arrebatada por paixão, entregou-se indecorosa ao galanteio opprobrioso do barão de Amorotahy.

Todavia sempre refalsada ella ousou tentar novo ardil, embora rude e crasso, para illudir a rival.

Por mais de uma vez cruelmente ferina, e alardeando lealdade amiga, dona Amalia tinha attribulado a baroneza, queixando-se da namoração importuna, de que era objecto, e fazendo reconhecer no seu comportamento a fria indifferença com que desprezadora fulminava-a.

A esposa offendida achava recursos na altivez para abafar e esconder a dôr, e em acerbo rir ironico e em gesto de repugnancia

respondia, escusando palavras, que apezar seu denunciariam tormentos intimos.

Ambas jogavam armas proprias de seu sexo: Amalia a ostentar fidelidade deixava punhal envenenado no coração da baroneza; esta a refulgir altiva rebaixava aquella com o tedio que lhe causava esse embellezo de seu esposo.

Quando porém urgida pelo barão e forçada pelo calculo abandonou-se, como captiva de amor a essa mesma namoração, á que se fingira indifferente, dona Villares julgou que ainda poderia beijar a face da amiga atraiçoada.

Após o beijo ella contava explorar o ardil.

Dous dias depois que em numeroso circulo de familias se manifestára mutuo e sem reserva o embellezo do barão e de Amalia, encontrou-se esta com a baroneza, chegando ambas ao mesmo tempo ao theatro.

Por casualidade seus camarotes eram nessa noite contiguos, e como de costume nem uma nem outra fôra acompanhada pelo marido.

Ao verem-se tocando as portas dos camarotes, dona Villares avançou risonha, abrindo os braços e tentando o beijo; mas a baroneza recuou, negando o seio e os labios.

Amalia corou de despeito e colera; dominando-se porém logo, disse sentidamente:

— *Baroneza de Amor!* comprehendo tudo.... mas... porque não me ouves antes de maltratar-me?....

A baroneza fez um movimento para entrar no camarote, e immediatamente estacou, notando que dona Villares indicava querer seguil-a.

— Minha senhora, disse-lhe friamente; nem me lembraria do que suppõe que comprehendo, se a minha dignidade não devesse ao publico a repulsão do seu contacto.

Franca e positiva era a injuria; a injuriada porém devorou-a profundamente raivosa e respondendo resentida; mas quasi apiedada para em todo caso ensaiar o perfido estratagema:

— Perdôo-lhe, senhora baroneza, perdôo-lhe; porque ainda ingratamente mal julgada, teimarei na mais generosa astucia, que hade confundil-a, quando eu desenganando a tempo o perseguidor, a quem illudo, conseguir leval-o arrependido e regenerado aos pés da esposa tão longamente desamada.

A baroneza convulsou enfurecida e não pôde fallar.

Dona Villares errou, acrescentando antes de retirar-se:

— O meu empenho era... e será esse! senhora baroneza .... espere e julgue-me

depois: e se póde... esperando, contenha injustos ciumes.

A voz acudiu á esposa ultrajada, que disse com terrivel sarcasmo:

— Ciumes!... tranquillise-se: a rivalidade não póde ser comigo: a rivalidade é lá muito embaixo, onde V. Ex. apenas agora succede ás amantes mundanas do senhor barão.

E voltando as costas, a baroneza entrou no camarote.

O decóro acabava de ser offendido nesse dizer de extremo insulto sahido da boca de uma senhora de fina educação; mas a violencia da dôr, e a furia do ciume tinham desorientado a baroneza.

Dona Villares ficára como fulminada; mas em breve instinctivamente cuidadosa volveu em torno rapido olhar, observando, se algum curioso testemunhára a affronta tão desabrida: parecendo-lhe que ao menos escapára a ouvidos indiscretos, respirou mais desopprimida e logo depois enchendo o coração de sanha de tigre, foi sentar-se na frente do seu camarote, levando nos labios sorriso de anjo.

A noticia do novo e aditado amor do barão de Amorotahy já não pouco propalada ainda nem por isso tinha espantado a côrte que de diversos cavalleiros recebia a alegrona e leviana Amalia de Villares.

O barão chegára ao theatro mais cedo, do que costumava mostrar-se ahi ao lado de sua esposa, e tivera o máo gosto e aspero rigor de ir primeiro com a mais cruel preferencia render finezas á bella do camarote contiguo.

A baroneza estava sentada dando costas para dona Villares, que descansando o pulso no parapeito do camarote, brincava com o leque entre os dedos travessos e de modo que se quizesse poderia tocar com elle no braço da rival.

A baroneza soube fingir-se alheia ao que se dizia tão perto, e com revoltante olvido da sua presença, ou em todo caso ostentou frio e soberano desprezo : a immodesta Amalia expandia-se, gozando primeira e pungente desforra, quando se apresentaram a cumprimental-a dous elegantes jovens que pertenciam ao circulo dos seus adoradores.

O barão pouco tardou em retirar-se, indo salvar apparencias, que aliás nem mais sabia zelar, mostrando-se ao publico na companhia da baroneza.

Os dous mancebos motejavam a rir com Amalia de Villares e indicavam em gracejos e insinuações alludir a uma recente e inacreditavel paixão amorosa.

A tresloucada senhora avivava o combate com a sua habitual indiscrição.

— Mas V. Ex. faz-nos esquecer um empenho que traziamos ; disse emfim um dos dous ; laboramos em uma duvida que só V. Ex. póde resolver.

— Qual é ?... eu resolvo tudo.

— Quando V. Ex. desembarcou de seu carro á porta do theatro, estavamos alli cinco peccadores por máos pensamentos.....

— Só cinco ?... não os absolvo, porque deviam ser em maior numero.

— Mas depois que V. Ex. passou, olhámos para o seu carro, e vimos pintado em ouro na portinhola um V maiusculo. Quizemos interpretar essa inicial, e nenhum dos cinco admittiu que o V significasse *Villares*.

— Acertaram todos.

— O primeiro, o velho coronel Pereira disse : V *vadia*.

— Errou ; mas teve razão ; porque é velho, e eu não me occupo com os velhos.

— O segundo fui eu e disse : V *voluvel*.

— Tambem errou ; mas eu lhe perdôo por generosidade e gratidão.

— O terceiro foi aqui este bello commendador que disse : V *vertigem*.

— Errou igualmente : desconfio que tomou o effeito pela causa innocente.

— O quarto foi o visconde de... que disse : V *volcão*.

— A prova de que elle errou é que apezar seu não apresenta queimaduras.

— O quinto emfim, e o mais pretencioso de haver bem interpretado, aquelle que está quasi a ponto deconvercer-nos do seu acerto, foi o Dr. Viveiros que disse : V *vencida* !...

— Vencida !.. diga-lhe que nunca o serei !.. respondeu dona Villares, que se sabia ouvida pela baroneza.

E acrescentou logo :

— Vencida !.. vêl-o-hão !... erraram todos : querem saber o que exprime essa inicial ?...

— Sim.

— V quer dizer *vingança*.

E com insolente impulso de sua mão direita Amalia de Villares tocou com o leque no braço nú da baroneza, que estremecendo, como se fosse mordida por uma serpente, ergueu-se, escapando-lhe dos dedos o lenço, que foi cahir na platéa.

— Perdão, senhora baroneza ! não tive intenção de incommodal-a ; disse hypocritamente dona Villares, fallando para o camarote vizinho.

A baroneza nem os olhos voltou para o lado d'onde lhe viera a desculpa, e ainda em pé, mas sem volver o rosto para o barão, murmurou como se fallasse comsigo mesma :

— Cahiu-me o lenço.

E tendo com argucia feminil indicado o mais profundo desprezo na unica impressão que experimentára, a cahida do seu lenço, tornou a sentar-se indifferente, e placida.

O barão evidentemente perturbado sahiu do camarote, e avançando alguns passos ficou parado no corredor a desvanecer o seu constrangimento.

Quasi ao mesmo tempo os dous mancebos adivinhando quebra de relações entre as duas senhoras que não podiam mais ser amigas, e sentindo a inconveniencia do que acabava de passar-se, e de que innocentemente tinham sido causadores, despediram-se de dona Villares que agradavel e prasenteira os acompanhou até a porta do seu camarote.

O panno subira nesse momento, e continuava a representação; Amalia porém deixou-se ficar á porta, cedendo á subita inspiração perversa.

Ella não tinha tido intenção de fazer cahir o lenço da baroneza, nem esse incidente lhe occupára o espirito; vendo porém o barão no corredor, esperava-o para observar a amabilidade que lhe merecia ainda immediatamente depois da acção atrevida ou supposta emergencia que parecêra offender sua esposa,

quando avistou um porteiro do theatro que se aproximava, trazendo o lenço cahido.

A inspiração perversa luziu no mesmo instante.

O barão recebeu o lenço de que nem se lembrava, e só então escapando ás suas reflexões, voltava ao seu camarote sem reparar em dona Villares, que nelle tinha os olhos.

— Cégo! disse esta á meia voz.

— Ah! estava ahi?... murmurou o barão, aproximando-se.

— Estava... para admiral-o sem olhos pelo cuidado de um lencinho branco!

E Amalia se indiciava ciumenta.

O barão quiz apertar-lhe as mãos e apertou-as, dizendo-lhe baixinho:

— Só hoje sei como a adoro!

Dona Villares entregára as mãos ao barão sómente para tomar-lhe o lenço, e tomou-o.

— Detesto-o; mas quero vêl-o! disse no mesmo tom.

E abrindo, e examinando o lenço, observou quasi raivosa:

— E' semelhante ao meu... veja!... o meu porém nunca o tornaria cego!...

E mostrando-os, a perfida namoradeira, aproveitou o primeiro olhar que o barão cravou-lhe no rosto para trocar subtilmente os

lenços, e entregou-lhe o seu, dizendo-lhe tremula, e irosa:

— Ahi o tem!... leve-o á luz dos seus olhos!...

E entrou no camarote, cuja porta cerrou.

O barão sorriu-se desvanecido dos ciumes de Amalia de Villares, e foi restituir o lenço á baroneza, que recebeu-o machinalmente, e sem desviar os olhos do palco scenico.

A baroneza tinha percebido o murmurinho das vozes abafadas do esposo e da incasta rival; mas não pudera ouvir o que elles se diziam.

Muito tarde e sómente em sua casa, quando trocava a esplendida *toilette* de theatro pelas telas suaves da noite a dormir, ou a velar em tormentos foi que a misera esposa reconheceu que lhe tinham trocado o lenço.

A baroneza no primeiro momento apenas se preoccupou levemente do facto, e do motivo possivel da troca; mas logo depois de breve exame, estremeceu, e atirando para longe de si o lenço, exclamou fervente:

— E' de Amalia de Villares!... foi ella que o trocou!... trocou-o!...

E acrescentou logo depois em voz surda e sahida por entre os dentes cerrados:

— Traz por cifra um *V*... e ella o disse, o *V*—quer dizer *vingança!*....

## V

### Conselho terrivel.

A baroneza vivia contorcendo-se em novos e secretos martyrios: algum tempo antes e ainda nas vertigens de sua desvairada vindicação reputava-se a mais infeliz das esposas; porque se sentia esquecida, menoscabada e até em suas fingidas traições completamente alheada pelo marido adultero, a quem a pezar seu amava sempre; começára porém para ella outro e differente periodo de tormentos mil vezes mais dolorosos e crueis.

A ingratidão e a perfidia do esposo tinham-se aggravado: d'antes era longe de seus olhos, e nos turvos abysmos do vicio desprezivel e condemnado que se apascentava a sua depravação; agora elle trazia para dentro dos horisontes da sociedade que ella frequentava a ostentação da mais provocadora

e selvagem affronta, rendendo em sua presença publico, amoroso e deshonesto culto a uma senhora casada; mas suspeita de virtude fraca.

A baroneza era pois testemunha da traição e do escandaloso insulto que em todo caso a offendiam manifestamente, e a sujeitavam á triste condolencia de amigos e de estranhos que observavam o menoscabo e o desprezo de que era victima.

Como isto dóe no coração de uma mulher, só a mulher o avalia e comprehende.

Mas a baroneza perspicaz, intelligente e habituada a discernir as impressões e sentimentos da sociedade que era o seu mundo, o seu paraizo e o seu inferno, soffria ainda mais por não poder illudir-se: nem ao menos lhe concediam condolencia perfeita; nos sorrisos malignos, no olhar indiscreto e perseguidor, nas expressões physionomicas, nas confidencias, e nos motejos dos observadores ella interpretava o juizo, a apreciação que predominavam: o barão era censurado, Amalia de Villares abocanhada sem piedade; aquelle porém ganhava desculpas, que se deduziam dos incastos amores de sua esposa!...

Portanto a baroneza, victima embora, era ainda assim suppliciada pela convicção geral de seus perjurios conjugaes!...

E a esposa que realmente não fraqueára, como pensavam, sabia que todas as apparencias a condemnavam, e exasperava-se pela impossibilidade de provar sua innocencia!...

E a desconsolação, o supplicio, o desespero iam ainda além.

A baroneza recuando tarde, mas recuando sem ter jámais cahido, renegando a vindicação delirante que era o seu suicidio moral, e tornada ao proceder honesto, casto, e severo que não fingia, que marcava fiel e puro a sua indole, o seu caracter, a sua educação, sentia-se mal julgada, indignamente calumniada, ferida pela accusação de hypocrisia, e rojando no chão do descredito, onde a consideravam ré de cinco adulterios, e tendo por quinto amante o capitão Avante.

Tinham já passado a febre e o delirio do tempo em que ella provocava a malediscencia e urdia artificios de insolentes amores para ultrajar o esposo que a ultrajava, e despertar-lhe os brios pela nodoa lançada em seu nome: a voz da honra e da lealdade conseguira fazer-se ouvir pela consciencia da baroneza; a consciencia alvoroçou-a, o arrependimento dos erros passados tocou-a; a peccadora regenerava-se; mas era tarde!... a estima publica estava perdida.

A baroneza era honesta; e bem poucos acreditavam na sua honestidade.

O supplicio chegava a ser horrivel; mas a suppliciada reconhecia que retalhava e ensanguentava as mãos, colhendo os fructos de sua propria sementeira de espinhos.

Sobrava-lhe a riqueza, refulgia pelo luxo, alteava-se pelo titulo nobrecente, radiava nas festas, e nos espectaculos mais ostentosos, respirava thurificações de lisonjas e de adulação; mas sentia-se desgraçada; porque lhe faltava o gozo supremo que já tinha tido: faltava-lhe o geral e grandioso culto á sua magestosa virtude.

A baroneza se confrangia, notando-se injustamente rebaixada ás condições moraes de Amalia de Villares.

Desvanecia-se de formosa, fulgurava na primavera, nos mais bellos annos da vida; primava pela educação e pelas magias delicadas do espirito; sensivel, seu coração era ardente pyra de amor, padecia escrava de paixão pelo esposo ingrato, e estava condemnada a viver em furias apparentemente odientas contra o homem a quem amava, e a arrastar-se para a velhice e para o tumulo desamada, não comprehendida, morta ainda antes de morrer, flôr preciosissima em murchidão precoce no deserto do desprezo,

coração atrophiado por esmagadura ingrata e que em ancias baldadas ainda pedia amor.

A baroneza era martyr; martyr porém ignorada.

O orgulho e a soberba emprestavam-lhe forças para carregar sua cruz: ella parecia a todos olhar á seus pés a sociedade que a mordia, e não enchergar por muito abaixo de seus pés o barão e Amalia de Villares que se namoravam escandalosos.

Depois da noite de theatro, e da troca dos lenços que erradamente attribuira a cumplicidade do barão, as intimas e abafadas amarguras da baroneza começavam a exceder ao esforço artificial da vontade com que fingia enregelada indifferença de altiva soberana, que não abaixa os olhos.

Para a martyr só poderia haver pobre; mas suave consolação nos conselhos generosos e nos delicados sentimentos do amigo honradissimo e severo que lhe reacendêra n'alma a luz do bem e do dever; esse mesmo recurso porém lhe era raras vezes concedido.

O capitão Avante, sabedor da calumnia propalada contra elle e a baroneza, evitava frequentar a casa desta para negar pretextos e inducções á maledicencia.

A esposa e senhora desgraçada achava-se portanto abandonada ás suas afflictivas

reflexões e em face de seu patibulo incessante.

Amigas umas falsas, outras indiscretas vinham ás vezes repetir-lhe aleives que ultrajavam a sua honra, e vehementes indicios, quasi provas incontestaveis das relações criminosas do barão e de Amalia de Villares, e a baroneza precisava esgotar toda a dissimulação de suas torturas para conservar a mascara da impassibilidade desprezadora.

Um dia ella tinha recebido a jantar duas senhoras cada qual menos suspeita de deslealdade e de indiscrição: uma era a viscondessa de..... antiga e intima amiga de sua mãi, a outra sua propria tia, a viuva dona Margarida.

A baroneza confiava absolutamente na amizade de ambas, e ambas depois do jantar passeavam com ella pelo jardim a fallar-lhe de seus desgostos, de sua sorte mofina e da insistencia cruel de seus injustos detractores.

A baroneza ao menos sem constrangimento podia ora corar, ora verter lagrimas, e ás vezes desprender vivo protesto.

A viscondessa mostrava-se mais franca a dizer verdades severas, dona Margarida mais contida pela indulgencia do amor quasi maternal.

Nem uma, nem outra tinha poupado o barão: elle era o pervertido causador de todos os males, marido indigno da esposa modelo, a quem desnorteára.

Mas a viscondessa responsabilisára a baroneza pelos seus desvarios, e desculpára a detratacção injusta pelas apparencias dos delictos.

Depois de doloroso e triste retrospecto do recente passado a baroneza, arrancando dos olhos o lenço que lhe recebêra as lagrimas, perguntou irosa:

— E agora?... que lhes parece meu marido, e que lhes pareço eu?...

— Ainda não mudei de parecer: vejo sempre o algoz, e a victima; respondeu a viscondessa.

— E Amalia de Villares?...

— Oh!... quem se occupa dessa mulher?...

— Não é peior que o barão, e deste nos temos occupado.

— Mas o barão é marido da senhora, de quem nos occupamos.

— Pois bem: e eu agora?... e a calumnia que envenenada me despedaça?... senhora viscondessa! diga-o: o capitão Avante, esse nobre cavalleiro, cuja santa amizade me perturbam, tambem póde passar por meu amante?...

— Não o é, sabemol-o.

— E todavia a perversidade o aponta, como o quinto amante da *baroneza de Amor!!!*

— Menina!... disse a amorosa tia, apertando as mãos da baroneza enraivecida.

— Onde estão as apparencias que me compromettem, e que ainda desta vez desculpariam o aleive?...

— Baroneza!... tem animo para ouvir a verdade?...

— Senhora viscondessa, o meu animo deve ser calculado pelas proporções da minha desgraça.

— Em tal caso ouça e não proteste: essa calumnia abominavel tem um pretexto maldito e implacavel nos erros da sua delirante paixão......

— Ah!... sim!..... o passado que nunca passa!... murmurou a baroneza com desespero concentrado.

— E em uma falsa apparencia recentemente: acrescentou a viscondessa em tom grave.

— Qual?...

— Baroneza, a profunda indifferença com que finge não ver, ou desprezar o amor indigno e revoltante de seu marido e de Amalia de Villares, só se explicaria pela exclusiva absorpção de outro amor que a dominasse.

— Oh!... exclamou a baroneza; que queria então que eu fizesse, senhora viscondessa?... devia eu enclausurar-me, privar-me de toda a sociedade para não ser testemunha das traições de meu marido, ou ao contrario ir dar-me em ridiculo e aviltante espectaculo na manifestação de ciumes, e em scenas de inutil e indecoroso furor?...

A viscondessa respondeu tristemente:

— Baroneza, cada qual póde ter seu juizo, e suas convicções; ha porém idéas, que não convem aconselhar; porque a sua responsabilidade vai além do maior interesse amigo.

E a viscondessa mudou de assumpto de conversação.

A baroneza ficou preoccupada pela insinuação do pensamento reservado da viscondessa.

Uma hora depois a sós com sua tia, ella perguntou tremula e hesitante á rude e amorosa senhora:

— Minha tia, adivinha qual era o conselho que a viscondessa não ousou dar-me?...

— Adivinhei-o, sim.....

— Qual era?...

Dona Margarida respondeu em voz baixa, e commovida:

— O desquite, minha filha.

A baroneza convulsou, e desatando a chorar, abraçou-se com a tia.

A' noite desse mesmo dia o capitão Avante recebeu da baroneza uma carta que continha estas breves e unicas palavras:

« Preciso absolutamente fallar-lhe: espero-o amanhã sem falta. »

## VI

### O genio do mal.

Amalia de Villares tinha sabido aproveitar o seu tempo: em pouco mais de um mez preparára no barão de Amorotahy o mais cégo escravo de sua vontade e de seus caprichos; antes porém de firmar tão forte dominio, seu nome de senhora descêra vilipendiado dos salões aristocraticos para servir de zombaria na turva casa mundanaria.

Quando recente lhe doia a perda da alcaçarina que o seu companheiro Villares lhe tomára, e já corria a notoriedade dos seus galanteios correspondidos pela esposa deste, o barão ainda a esse tempo muito empenhado em ultrajar o rival com revoltante desforra, embora apaixonado por dona

Amalia, indignamente fizera chegar aos ouvidos deshonestos da amante do seu antigo socio de orgias a noticia exagerada da vingança ignominiosa e completa.

O barão mandára calumniar Amalia de Villares, que sómente lhe concedia requebros e embebecimentos fingidos de astuta namoradeira, e a abandonára ou antes a atirára á furia canina das depravadas por officio, limitando-se a apparentar generosidade, quando negava a sorrir o extremo aleive, cuja propalação pagára infame.

Nesse inqualificavel procedimento elle tivera por fim, o que facilmente conseguiu, castigar o rival, entregando-o aos remoques grosseiros e insolentes das mulheres que por inveja e odio que lhes inspira a consciencia do seu rebaixamento, se assanham, sempre que podem abocanhar pessoa de seu sexo fulgurosa por condições e pela posição do alto das quaes não lhe é licito olhal-as sem repugnancia e desprezo.

Villares corrompido e desbrioso, mais vil e petulante que o barão, desde muito que não tinha nem em estima, nem em cuidado a reputação e o comportamento de sua esposa; muito mais porém do que a injuria feita á sua honra, a idéa da insolita desforra, e o ridiculo desta despertaram em seu animo

iras, que eram alheias á dignidade, e que elle disfarçou, premeditando desaffronta propria de seu caracter depravado.

O barão levára pois avante, e podia exultar, vendo completamente realizado o plano que ideára para vingar-se de Villares, quando no adivinhar quem lhe escrevêra a carta anonyma denunciadora do quinto amante da baroneza, se resolvêra a fingir-se apaixonado, e a tentar a conquista amorosa da esposa do seu inconfessavel rival.

O barão vencêra; apparentemente ao menos se afigurava vencedor; mas ao tempo em que por fim o victoriavam as Venus do Alcaçar, já elle allucinado e perdido rojava escravo aos pés de Amalia de Villares.

A esposa incasta, a namoradeira habilissima, linda para enfeitiçar os olhos, espirituosa até a inconveniencia para conquistar a imaginação inflammada, penetrando pelos ouvidos, fingidamente sensivel, terna até o artificio que em ousados abandonos para arrebatar os sentidos põe em febre a lascivia, era sempre perfeita, absoluta dona de si mesma para conter anhelos ardentes, que aliás provocava.

Actriz endemoninhada que mil vezes parecia entregar-se, e nunca se rendia, Amalia de Villares, que não amava o barão, quiz e

pôde prendêl-o, apertal-o e absolutamente contel-o captivo em sua rêde de cem malhas de amoroso fingimento e de fascinação voluptuosa.

Presumido e fatuo por faceis victorias de amores venaes o barão, que avançára com audazes pretenções de conquistador, se tornára em breve conquistado pela ardilosa namoradeira de alta classe.

Dona Villares por conveniencia e para adiantamento de seus planos hostis, aproveitára os incidentes occorridos na noite de theatro, em que se chocára com a baroneza para mudar de tactica na resistencia systematica, que oppunha aos ardimentos do seu apaixonado.

Esquecendo aos poucos e por fim de todo as suspeitas da rivalidade do barão com seu marido por causa da amante escandalosamente celebre, manifestou-se cada dia mais ciumenta da infeliz baroneza.

O facto de não ter sido apercebida pelo barão, quando este preoccupado levava o lenço á sua esposa, fôra para a perfida Villares o imaginado raio de luz, que lhe patenteára todo o seu infortunio.

Ella representava como actriz provecta scenas de ciumenta afflicção, lamentando-se por se ter deixado apaixonar de um homem casado que era *cégo* e misero escravo da

esposa infiel, e que lhe viera perturbar a paz, e a vida tranquilla, fingindo falsos amores.

Para Amalia de Villares o barão era o demonio da sensualidade, que em annos de desenfreamento depois de haver atraiçoado mil vezes a baroneza honesta, que aliás era sempre a preferida de sua paixão voluptuosa, ainda pela mesma flamma toda material se deshonrava enfeitiçado pela baroneza incasta.

Astuta e má ella arguia o barão pela tolerancia dos amores de sua esposa e do capitão Avante, improvisava indicios claros dessas relações mais que suspeitas, e na supposta indifferença do marido vilipendiado achava com absurdos raciocinios feminis a prova da paixão sensual em que elle ardia pela baroneza.

E as scenas representadas pela actriz provecta acabavam sempre por expansão sublime, mas de perfidia calculada ; Amalia de Villares amava pedidamente o barão, seria capaz de sacrificar por este sua honra, sua posição na sociedade, seu futuro, seu nome, sua vida ; mas exigia amor igual ao seu, ella só e sem competencia no coração do amado, a quem exclusiva, *poetica* e *materialmente* dedicaria todos os minutos de sua vida.

Os ciumes de dona Villares chegariam a tocar o ridiculo, ou a suscitar suspeitas de

manhoso estratagema, se rompendo da mimosa boca da bella senhora, a quem se idolatra, o proprio absurdo não rescendesse em emanações de sentimentos puros e deleitosos para o idolatra.

O barão mystificado e cada vez mais esperançoso da maior dita defendia-se perfeita e victoriosamente ; dona Amalia porém nunca se convencia de todo, e apenas como docemente lisongeada, e a phantasiar enlevadores sonhos de felicidade impossivel, em que no gozo se sublimasse anjo e se sacrificasse mulher, de olhos cerrados, e com os labios a sorrir, entreabrindo aquelle sorriso que era o condão privilegiado de sua graça, derramava amavios encantadores, que impunham o respeito, obrigando o extasis, e acendiam a volupia, inflammando a imaginação.

Amalia de Villares chegára mais cedo do que esperava á certeza do absolutismo do seu poder sobre o lascivo e escravisado barão de Amorotahy ; serpente civilisada comprehendeu que sómente do seu capricho ou da sua vontade estava dependendo a hora do sinistro bote que meditára arrojar sobre a rival, e todavia com toda a impulsão da inveja hesitava ainda.

A enraivada intrigante tambem soffria : extravagante e phantastica ella tinha em dia

sestroso concebido a idéa de fazer-se amar pelo capitão Avante; mas esgotára debalde todos os seus artificios, toda a provocação de galanteio.

A esquivança do joven militar em vez de apagar excitou o caprichoso desejo, a que a vaidade offendida veiu logo dar exaltação vehemente.

Suppondo a baroneza não amante; de facto porém amada pelo capitão Avante, Amalia de Villares victima do seu principal e deprimente sentimento invejou a felicidade da rival innocente, e devorada pela inveja encareceu os dotes e o merecimento do homem que a adorava.

Vaidade a exigir, inveja a morder, dona Villares odiando a baroneza, ardia pelo capitão Avante: naturalmente alguns dias depois de vêl-o a seus pés enamorado e rendido, ella o confundiria com a inconstancia de sua ternura; mas esquivo e amando outra julgava o joven official deformado pela guerra muito mais interessante e attractivo do que o Marte que apaixonára Venus.

E não tendo ainda perdido de todo a esperança de prender captivo a seu carro triumphal o capitão, Amalia arreceiava-se de excitar o seu resentimento, ferindo antes de tempo com o ultimo golpe a baroneza.

Era só por esta consideração que ella hesitava ; no entanto ia ensaiando em experiencias gradualmente mais fortes as proporções do seu dominio sobre o barão.

Uma noite Amalia de Villares ousou emfim arriscar de modo claro o seu recondito e tremendo designio.

O barão a sós com ella transportado e exigente por enternecimento mais expansivo, e por doces signaes de agonias de pudor na resistencia extenuada da voluptuosa e bella amada, insistia energico em fervidos extremos.

Amalia de Villares como subjugada e em ancias de capitulação envergonhadora, recorreu ao seu requebro costumado, fechando os olhos, mas sem sorrir, e antes com apurado artificio acendendo nas faces ineffavel rubor, murmurou a tremer :

— Pois sim... serei sua... mas... eu não quero rival...

— Não a tem... não a terá jámais !...

— Se a tenho !... a senhora baroneza é sua esposa e dona !

E abrindo os olhos, radiou de ciume e colera.

— Dona Amalia !... disse o barão beijando-lhe as mãos.

A astuta Villares retirou as mãos com força, e levantando-se, fallou exaltada :

— Saiba-o!... ardo por ser sua amante!... ardo! mas sómente o serei, quando o senhor deixar de ser esposo da baroneza!...

— Ah!... que exige de mim?...

Amalia de Villares insolente de lascivia dobrou-se para o barão, e inclinando o tronco de modo que seu seio agitado, mas branco e magnifico se aproximou dos labios do vulcanico amante, perguntou com fervor quasi delirante:

— E' capaz de separar-se da baroneza?...

O barão imprimiu-lhe ardente beijo no seio e respondeu allucinado:

— Eu sou capaz de tudo pelo seu amor!...

Amalia de Villares recuára ao beijo incasto, como offendida, e sentando-se, disse:

— Este beijo será insulto que não perdoarei se não vier innocental-o o seu desquite.

O barão pareceu voltar a si, agitando-se ao ouvir a ultima e fatal palavra de dona Villares, exclamou:

— Desquite! um escandalo publico!...

— Oh!... depois de tantos publicos escandalos!...

— Dona Amalia! e o pretexto?...

— Em vez de pretexto provas notorias!... ah! não lhe sobra a ultima?...

— A ultima?... eu a tenho por tão falsa como as outras.

— E' isso!... a baroneza sempre anjo!.... então para que me veiu tentar a ser demonio?

O barão embebia os olhos flammejantes no seio que pela primeira vez e de credula sorpreza tinha conseguido beijar, e com o sangue em fogo, e com o sensualismo em sanha, disse:

— Separado da baroneza já estou desde muito!.. juro-o! juro-o!...

— E eu não creio! não creio!...

— Oh!... exige pois que eu me condemne aos sarcasmos e ao escarneo de todos?...

Amalia de Villares respondeu com amarga ironia:

— O meu amor não vale tanto, bem o sei, nem mesmo quando o egoismo do seu me vem propôr e pedir que eu me condemne aos sarcasmos e ao escarneo de todos.

O barão acudiu, dizendo enternecido:

— Mas eu não lhe negarei nunca sacrificio algum!

— Todavia... agora mesmo...

— Dona Amalia... pois bem: sua vontade será cumprida: eu apenas lhe rogo que me conceda algum tempo...

A implacavel Villares riu-se ainda ironicamente, e respondeu:

— Dou-lhe um seculo.

O barão fallou quasi constrangido; mas submisso:

— Porque finge não entender-me?... é impossivel que eu vá requerer desquite fundamentando-o com as infidelidades attribuidas á baroneza até os ultimos mezes; porque eu seria réo confesso de condescendencia ignominiosa, ninguem me acreditando o mais estupido dos homens.

— Ah! pensa-o?...

— Agora dão-me por ditoso rival o capitão Avante...

— Rival! exactamente.

— Oh!... dona Amalia, eu tenho a certeza de que isso é falso; mas adoro-a, e não posso amar a baroneza...

— E' pena!... a infeliz innocente....

— Não zombe: pois que o desquite é a condição da minha felicidade, eu o effectuarei.

— E quando?...

— Logo que eu puder apresentar pretexto apenas aceitavel para explicar sómente indicio vehemente...

— Promette-o sob sua palavra de honra?... perguntou Amalia de Villares.

— Sim; disse o barão.

— Pois eu lhe darei o que lhe falta.

— O que...

— Mais do que pretexto: se não lhe dér a

evidencia, dar-lhe-hei prova conjectural irresistivel.

O barão empallideceu; mas quasi logo suffocando a commoção do vaidoso despeito, voltou aos ardentes transportes de incidiosa ternura.

Dona Villares ao presentil-o na mais volcanica erupção, sorriu-se endemoninhadamente, e disse-lhe :

— Barão, póde crêr que eu farei por apressar o seu desquite.

## VII

### O conselheiro fiel.

O Capitão Avante commovera-se ao receber a concisa carta da *baroneza de Amor*, prevendo nella a exposição de grave infortunio ou já pronunciado ou imminente.

A previsão era facil.

O generoso mancebo amava a baroneza com fervorosa paixão, e bem que houvesse sabido sepultar no seio o amor que não morrera, acompanhava de longe zeloso e dedicado a vida e a sorte da bella e infeliz senhora.

Depositario fiel e discreto dos intimos segredos da baroneza, elle a sabia afflicta, e dissimuladora amante apaixonada do esposo mais ingrato e revoltantemente perfido, e portanto imaginava toda a extensão dos tormentos da victima em face do embellezo escandaloso do barão e de Amalia de Villares.

Profundamente convencido da virtude da baroneza, aliás compromettida por falsas apparencias de fraquezas que inexoraveis a perseguiam ainda em seu regenerado procedimento o mais casto, o capitão Avante quasi furioso odiava e arguia a sociedade iniqua e barbara que não sabía honrar o arrependimento, e a grandiosidade da ultrajada esposa que em justo; mas endoudecido resentimento sómente fingira errar e tivera a força de nunca abater-se, cahindo no erro.

Intelligente e prevenido elle estudára com observação reflectida o olhar, os modos, a attitude, a côrte cerimoniosa, ou amiga de cada um dos indicados amantes da baroneza em suas conversações, ou em seus encontros casuaes com ella : em todos elles havia indicação de respeito, em nehum a liberdade, ou certa preponderancia de dominador embora ephemero do coração, ou das amorosas complacencias da esposa suspeitosa de rendimento impudico.

Melhor do que nenhum outro o capitão Avante reconhecia a falsidade com que o davam por amante entretido e felicitado pela baroneza e por essa calumnia ajuizava das outras accusações de que ella era victima.

O que porém ainda mais o revoltava, era ver que nem mesmo o conhecimento geral e

evidente da desgraça e dos martyrios da misera senhora excitára em seu favor generosa reacção ao menos.

Elle ouviu muitas vezes conversações, em que o procedimento do barão era justamente censurado, como affrontoso da sociedade; mas desde que algum lembrava o nome e a desdita da esposa desamada, era em quasi todos manifesta a frieza ou a indifferença com que a reserva escondia o menoscabo.

O protesto e a defeza que partiam de alguns amigos, tinham em resposta o silencio da cortezia ou a malignidade de sorrisos crueis.

A injustiça exagerava-se; embora porém tremenda, a lição era eloquente.

A reputação de uma senhora deve ser como o fogo das Vestaes: não se perdoa nem o descuido, que deixa por um momento apagar a flamma.

Toda a senhora está nas condições da esposa de Cezar: desde que facilita ou autoriza a suspeita, fica-lhe nodoa.

E para lavar uma só nodoa do impudor não ha no mundo Jordão, nem mesmo o Jordão da vida em lagrimas.

O capitão Avante, adorando com ardor a baroneza, e tendo intima confiança na sua virtude, confrangia-se com a afflictiva certeza

de amar uma senhora, que geralmente era considerada impura.

E' certo que o seu amor se concentrára abafado e sem luz de esperança; mas nos sonhos mudos e audazes da imaginação, que tudo inventa, elle na hypothese delirosa da baroneza livre de laços, e á chamal-o á doce e honesta dita, estremecia desconsolado, parecendo-lhe ouvir a voz injusta, barbara e todavia implacavel da murmuração quasi geral á repetir: « mulher impura !... »

Que importa que a baroneza não o fosse, se o juizo da sociedade asseverava que ella o era ?......

Tão dura iniquidade, castigo tão desmesurado revoltavam o amor, e ainda mais exaltavam a generosidade e a dedicação do capitão Avante.

Possuido de taes sentimentos elle obedeceu pressuroso ao chamado da baroneza.

A bella e deslumbrante senhora recebeu o capitão com affabilidade e melancolia: escrava do costume sua *toilette* era grave; mas de irreprehensivel elegancia: no entanto independente dos cuidados de disfarçar afflicções, seu rosto denunciava tristeza e dôr soffridas com orgulhosa dignidade.

A baroneza sorriu-se para o mancebo, a quem fizera sentar perto della, e disse-lhe:

— O capitão faz-se raro! eu sei porque; respeita porém muito mais do que devia aos calumniadores.

— Não, minha senhora; eu respeito sómente a V. Ex. e sómente por isso não procuro conhecer, e apenas desprezo os calumniadores.

— Mas priva-me assim do encanto da sua amizade, e com absoluta inutilidade.....

E corando, e em voz tremula, e acentuada de despeito, acrescentou:

— Porque ainda sem vel-o, nem ouvi-lo o capitão é e continuará a ser o quinto amante da *baroneza de Amor!...*

— Que eu saiba o nome de alguem, que haja apenas insinuado esse atroz aleive!... de amigos tenho ouvido o annuncio da calumnia..... mas esses mesmos negam-me, e sabem porque o negam, o nome de um só dos desgraçados que ousam....

— E que faria?... perguntou a baroneza com acendimento de vaidade.

O capitão Avante respondeu simplesmente; mas com voz surda:

— Bem sei.

— Pois eu lhe denuncio a fonte da calumnia! disse a boroneza enraivecida.

— Ainda bem!... quero-a!....

— Foi dona Amalia de Villares.

O capitão tornou-se pallido de raiva, e respondeu como abatido e confuso:

— Eu o creio e já o tinha suspeitado; mas, senhora baroneza, não posso matar uma mulher.

A baroneza apertou as mãos do seu joven amigo e disse-lhe docemente:

— Obrigada! sei bem de quanto é capaz por mim; nunca porém a impulso meu será levado a acto algum que possa embaciar seu bello nome. A minha carta de hontem foi escripta com o fim preciso e unico de merecer-lhe delicado, mas indispensavel conselho.

O capitão curvou-se agradecido á confiança; guardou porém silencio, como quem tivesse consciencia de dever e poder aconselhar.

A baroneza, embora preparada para a confidencia que ia fazer, começou commovida e um pouco anciosa.

— Meu amigo, tem-me encontrado.... e visto de mascara no rosto.... vai ver-me agora sem disfarce, nem véo, nem mascara... em vez da senhora soberba a mulher mais desgraçada!

O capitão Avante sentiu pungente dôr, olhando para a baroneza, e observando a subita alteração de sua physionomia abandonada ás contracções do martyrio.

Ella não o deixou interrompel-a.

— Não me falle, disse, preciso aproveitar este esforço de expansão, que é necessario, mas que tambem me atormenta muito!

A baroneza enxugou duas grossas lagrimas derramadas pelo orgulho abatido, e continuou dizendo:

— Meu amigo, confesso que me custa; devo porém referir-lhe todas as humilhações, todos os transes horriveis, todas as afflicções, e o desespero que tem ennegrecido a minha vida nestas ultimas semanas de fogo do inferno!...

Ella fallava convulsa, terrivel de colera, e ao mesmo tempo em angustias.

— Perdão, senhora baroneza! acudiu o capitão vivamente compadecido e agitado: perdão! V. Ex. nada póde dizer-me, que eu já não saiba demais.

— Impossivel!

— Oh! sei tudo, e talvez ainda mais do que V. Ex.!...sei tudo! traições, calumnias, escandalos affrontosos, ostentações de impudor, muito mais que não digo, e que não convenho em ouvir de V. Ex.!...

— Mas não sabe de mim......não sabe da vida no inferno, não sabe.......

— Sei tudo! nunca encontrei, nem vi a senhora baroneza de mascara no rosto; nunca

trouxe mascara para mim! sei tudo, e não precisa dizer-me, o que se tem passado no seu coração, e na sua alma.

— Impossivel! repetiu a baroneza.

O capitão Avante generoso até parecer inconveniente, e só no intuito de poupar dolorosas confissões a esposa infeliz, ousou dizer-lhe.

— V. Ex. acha impossivel, porque esquece, o que não me é dado esquecer.

— O que?....

— Que um dia jurei á mim mesmo suffocar o amor ardente que sentia por V. Ex.; mas que não podia prometter, nem prometti, que não amaria com o mesmo ardor no segredo de minha alma.

A baroneza corou, a pobre e misera victima de aleives que a rebaixavam tanto, olhou desconfiada para aquelle que lhe lembrava o seu amor em situação tão cruel e susceptivel de imprudentes impetos.

O capitão fingiu não ter percebido a suspeita que devia magoal-o, e disse:

— Senhora baroneza: pois que é inutil por muito conhecida por mim toda a historia do seu immenso infortunio, e inexcediveis soffrimentos, melhor me parece que V. Ex. exponha sómente o caso, sobre o qual me reputou digno de aconselhal-a.

A baroneza não hesitou : no conselho bem podia o capitão Avante atraiçoar imprudente sentimentos menos leaes, se acaso por elles se inspirasse.

Em breves palavras a desgraçada senhora referiu a conversação confidencial que na vespera tivera no jardim com sua tia, e com a viscondessa de..........e a idéa do desquite, que esta insinuára.

— O meu desquite é a questão ; disse ella concluindo.

E com os olhos cravados no rosto deformado do capitão, perguntou :

— Que me aconselha a sua amizade?......

O mancebo concentrou-se, reflectiu algum tempo, e logo depois levantando a cabeça, disse :

— Minha senhora, não proponha o seu desquite.

A baroneza expandiu-se, e lançou sobre o capitão o mais radioso olhar de estima.

O amigo dedicado e fiel se exaltava grande acima do amante que a adorava no segredo da alma.

O capitão Avante ainda fingiu não ver que a confiança retomava o lugar por alguns minutos usurpado pela suspeita injusta no espirito da baroneza.

Mas o conselho dado precisava de funda-

mentos que o nobre mancebo desejava não apresentar.

A baroneza lisongeada pelo conselho que era o do seu coração martyr, e exaltada pela grandiosidade dos sentimentos do homem que a amava, provocou-o á fallar.

— Aconselhar-me a que não proponha o meu desquite, não será condemnar-me á sujeição sem termo calculavel á vida angustiosa e torturada que experimento?....

— E', senhora baroneza; certamente que o é; mas em minha lealdade eu devo aconselhal-a a condemnar-se a essa vida.

— Porque?...

— Não m'o pergunte.

— Exijo que falle: eu sei que me glorifico, merecendo ainda a mais rude franqueza do capitão Avante.

A baroneza tocára no bellissimo fraco do mancebo que antepunha á tudo sua lealdade immaculada, e essencialmente caracteristica.

O capitão fallou, respondendo franco:

— Senhora baroneza, melhor do que eu V. Ex. sabe e aprecia as inconveniencias do desquite, que ainda quando se torna recurso unico e imprescindivel, é sempre pelo menos mais triste e desconsolador para a mulher do que para o homem. Não encaro o assumpto sob o ponto de vista geral: sou

muito ignorante para tentar fazel-o; mas se não acatasse tanto a perpetuidade religiosa dos votos matrimoniaes, eu chegaria a preferir a completa liberdade do divorcio á escravidão moral, improficua e perigosa do desquite.

A baroneza murmurou apenas:

—Mas em relação a mim....

—Reprovo absolutamente o desquite..... proposto por V. Ex.

— E a razão?....

—Porque V. Ex. é mal julgada por muitos..

—Por quasi todos....póde dizel-o.

—E se abalançaria á comprometter-se em processo que sem dar-lhe liberdade, não lhe daria consolações e menos ainda felicidade, deixando-a desquitada, mas tambem presa, atada ao feroz pelourinho da publica irrisão como esposa que depois de adultera provocasse o escandalo de provas judiciaes de seus adulterios.

A baroneza soltara profundo gemido; mas logo embravecida, com os olhos em chammas com os dentes cerrados, e com as mãos á tremer levantadas até a altura do rosto, quiz fallar; mas só rugiu surdamente.

—E quem....me....reduziu....a isso?....

—Foi um homem....

—Foi o adultero!....

E bradou, como se fallasse a Deus:

— Eu não! eu não!

— Elle porém é um homem, e como tal não tem o direito do adulterio; mas abusa impune da tolerancia perversora e cumplice vergonhosa da sociedade que não perdôa os erros, nem as apparencias de erros da mulher e não toma contas ao desenfreamento impudico do homem.

— Que é pois a mulher neste mundo malvado?....

— E' escrava ainda mesmo quando é feliz, e pobre martyr sem esperanças na terra, quando desgraçada sabe comtudo glorificar-se por honesta.

A baroneza disse com desespero e raiva:

— Capitão! o seu juizo sobre a sorte da mulher é capaz de inspirar o vicio!

— Não, minha senhora; porque o vicio aniquila a beatificação da consciencia da virtude e do merecimento.

— Assim, pois, pelo seu conselho quer-me pobre martyr, e pobre martyr, como nenhuma outra senhora casada o foi tanto?....

— Quero-a, senhora baroneza; porque é melhor ser martyr, do que reproba.

— Mas eu sou uma e outra cousa!....veja bem!....sou até sua amante!....recebo-o infamemente com o seio nú!....

E a baroneza bateu com as mãos no seio pulchro; e castamente vedado.

O capitão Avante respondeu commovido, agitado; mas com solicita gravidade:

—A perseverança na virtude acabará por confundir e emmudecer a calumnia.

— E até lá?....

— Resigne-se e espere.

— E' facil recommendal-o!....

—Pois soffra, chore e atribule-se, minha senhora.

A baroneza levantou meio corpo quasi irritada e perguntou com o rir sinistro que o desespero faz estremecer nos labios:

— Que mais ?.... acabe! que eu soffra, chore, me atribule...e finalmente...morra!... é isso?....

O capitão disse sem hesitar; mas com a mais viva commoção.

— E' isso, minha senhora; é preferivel resignar-se e soffrer até que morra.

A banoneza convulsou como a um choque eletrico, ouvindo aquelle estoico ensino da resignação, e do soffrimento até a morte; mas comprehendendo immediatamente toda a elevação e nobreza do sentimento que o inspirára, illuminou o rosto do capitão Avante com os fulgores de seu olhar deslumbrante, e apertando-lhe fervorosa as mãos, disse-lhe:

— Capitão !....só o senhor para saber fallar-me, e só eu para saber ouvil-o!

E retirou as mãos, sentindo nellas duas lagrimas cahidas dos olhos do joven guerreiro, e muda, como este mudo estava pela condólencia mais terna e mais profunda, ella em vez de enxugar as duas lagrimas, contemplou-as grata, e embevecida, adorando-as como reliquias do amor mais puro e grandioso.

Pouco depois a baroneza disse :

— Capitão ! eu lhe agradeço o conselho que pedi, e hei de seguil-o zelosa e absolutamente.

— Ainda bem, senhora baroneza ! respondeu o capitão Avante, levantando-se.

— Já ?.... perguntou a delicada senhora, indicando reparo na immediata despedida do cavalleiro.

Este, já em pé, disse, inclinando-se respeitoso :

— E' tempo, minha senhora ; a razão do amigo já a aconselhou ; mas a dedicação precisa reflectir.

E beijando a mão lindissima que lhe foi offerecida, o capitão Avante, recuou dous passos, curvou-se de novo reverentemente, e sahiu.

Quando elle desappareceu, e não podia

mais ouvil-a, a baroneza murmurou docemente:

— Ha tambem anjos martyres!.... lá vai um anjo que ama-me!

E ainda murmurou depois:

— Conselho de amor santo! conselho de amor martyr!...lá vai um anjo que ama-me!...

## VIII

### Desorientado.

Deixando a baroneza, o capitão Avante sem proposito feito e só instinctivamente dirigiu-se para casa com accelerados passos.

Bem que o quizesse, não lhe era ainda possivel coordenar as idéas que tumultuosas lhe rompiam d'alma com o impeto que pareciam dar á marcha que levava.

Tão preoccupado ia que por pouco não esbarrou com o doutor Olympio á breve distancia do tecto commum.

— Oh, capitão! dir-se-hia que te arrojavas sobre o inimigo! se viesses gritando « avante ! » minha illusão seria completa.

—Perdôa-me, doutor! eu vinha cégo.

— Creio; porque estive á ponto de sentil-o dolorosamente. Sempre como *lá na guerra*, tu avanças cego; mas com os olhos em fogo...

— Eu já não sei avançar disse, o capitão; e o que mais sinto, é não saber fugir.

— Historia antiga ou moderna?...que flores te espinham a vida?....

— A vida?... palavra de honra, doutor, *lá na guerra* era muito melhor.

Olympio sorriu-se maliciosamente e perguntou:

— Reduziram-te á Annibal em Capua, ou á Achilles em Scyros?...

— Não zombes, doutor; porque estou deveras penalisado e sob a influencia da mais violenta contrariedade.

— O caso agora é outro; mas não conversemos na rua; tu fallas demasiado alto e em agitação inconveniente.

Os dous amigos seguiram juntos e em silencio até chegar á casa.

Um pouco menos exarcebado o capitão Avante aproveitára o espaço e o silencio para em breve reflexão comprehender, que sob a reserva do principal assumpto de sua conferencia com a baroneza, convinha-lhe ouvir o parecer do seu melhor amigo em relação á factos e circumstancias que este não ignorava.

O Dr. Olympio deixou por momentos o capitão á sós na sala, e tendo tomado mais commodas vestes e o seu largo rob-de-chambre,

appareceu de volta, e disse com ligeireza, vendo o amigo:

— Oh! ainda de ponto em branco assim, meu Avante?.... olha que não estás em dia e hora de ordem de marcha.

— Mas estou a minha vontade; respondeu seriamente o capitão.

O doutor conhecia bem o homem, com quem convivia, e cujo caracter devidamente estimava; viu logo que era grave a preoccupação do seu espirito, e accudiu, dizendo-lhe em tom sereno e amigo:

— Ainda temos uma hora de espéra, pelo nosso jantar: que diabo tens na cabeça, Avante?...

— Tenho um desejo ardente que tu pódes; mas não queres satisfazer.

— Qual é?...

— Doutor, peço, exijo que me digas o nome do primeiro homem, ou de algum dos homens, á quem ouviste affirmar ou insinuar, que eu sou o quinto amante da *baroneza de Amor*.

Os olhos do Avante faiscavam, e, illuminando os frios destroços de sua face, dir-se-hiam relampagos, flammas electricas de tempestade horrivel mostrando em fogo infernal as ruinas de um monumento.

O dr. Olympio respondeu socegadamente:

— Não sei, e que o soubesse, não t'o diria.

— E porque?... porque, se és meu amigo, e como tal te assiste o dever de zelar meus brios e minha honra?...

— Porque?.... disse Olympio com accentuação sevéra: cavalleiro nobre e sem mancha! volta o rosto, e mira-te naquelle espelho!

O capitão voltou-se, e viu reflectida a imagem terrivel de sua face ainda mais afeiada pelo incendio da colera ameaçadora.

— Capitão! eu não te quero assassino!.... exclamou o doutor.

O Avante convulsou e riu-se com expressão quasi feroz.

O amigo atacou-o ainda mais forte, provocando-lhe ao mesmo tempo a raiva e a animosidade, dizendo:

—Conheço e poderia denunciar mais de um dos calumniadores; declaro-te que os conheço; mas não quero e não hei de dizer-te os seus nomes. E agora, capitão?...

O Avante olhou irritado para o Dr. Olympio, que tambem o olhava com sobresenho austero; mas quasi logo dobrou-se ao influxo da amizade, e murmurou rebatido e como que confuso:

—Perdôa-me, doutor! eu estou um pouco exaltado...

Olympio teve desejo de rir, ouvindo o

capitão confessar que estava apenas *um pouco exaltado*; conteve-se porém, e disse-lhe:

— E' isso; adivinho, que foste hoje á casa da *baroneza de Amor*.

— Fui, sim; ella porém me fallou no sentido em que acabas de fallar-me.

— E tu, capitão?...

— Eu me enfureço; porque sou a causa innocente das calumnias que actualmente acommettem e trucidam a reputação de uma nobre senhora.

— Se não fosses tu, seria outro: a baroneza está no purgatorio dos seus erros passados.

— Embora!...mas sou eu!

O Dr. Olympio disse, aventurando leve sorriso:

— E se fosses tu realmente o involuntario inspirador de tão indigno aleive?

—Eu?...o inspirador? eu?...

— Capitão, a mulher não perdôa a injuria do desprezo.

— A que vem isso?...

— E é de regra que a desprezada procure em outra mulher a explicação de sua infelicidade.

— Não ha porém explicação, ha calumnia.

— Convenho; mas que máo gosto de indifferença, de esquivança descortez e tolamente

rejeitadora de amaveis condescendencias?... dona Amalia de Villares é tão bonita como a *baroneza de Amor*, ou talvez mais.

— Sim! foi dessa aleivosa intrigante que partiu o golpe: bem o sei: ella tem por escudo o seu sexo, e é por isso que a indica.

— Tu a offendeste, menosprezando-a.

— Admittamol-o: que culpa tem do meu proceder a baroneza?...

— A baroneza é a explicação do teu desprezo: sem outra mulher no caso dona Villares não comprehende que pudesse deixar de ser amada.

— E escolheu...

— Com o instincto feminil que é admiravel. Confessa que ella acertou em parte; porque, se a baroneza não te ama, tu a amas.

— E quem lh'o foi dizer, se tu és incapaz de atraiçoar o triste segredo, que me arrancaste?...

— Capitão, a mulher offendida e ciumenta adivinha, tem lucidez milagrosa e raramente se engana.

— Ainda assim a baroneza é victima do amor occulto que não partilha, e dona Amalia é falsaria e má.

— Quem o duvida?... mas por fim de contas tu por infantilidade descommunal foste o inspirador de sua vingativa maldade.

O capitão Avante impacientou-se e perguntou rudemente:

— Querias que eu tivesse amado tal demonio?...ás vezes o homem se torna possesso por paixão; mas o amor não se obriga: a tua dona Villares, embora bonita, desagradou-me por excessivamente garrida, e immodesta. Agora não me desagrada mais; porque aborreço-a.

— E quem te fallou em amor, capitão menino?...dona Amalia casada não te ameaçava com idéas de casamento, bella e com a sua firmada reputação de loureira leviana e ousada era attractivo invejavel, encantador e donoso enleio de algumas semanas, a que ella, a unica compromettida, poria termo, conforme o capricho, e a volubilidade do seu costume.

— Portanto eu applaudo a minha não calculada esquivança: procedi dignamente, desprezando Amalia de Villares.

— Capitão, deixa-me dizer-te: a consequencia é que por excesso de sabedoria tens acabado em nescio.

— Nescio eu seria, se me rendessse ao capricho de uma mulher sem coração, nem juizo.

— Capitão!

— Digo-o!

— E eu não quero agora contradizer-te; mas o facto é que foi a *baroneza de Amor* quem pagou as custas da tua austeridade muito suspeita, por muito insolita e excepcional em nossos costumes.

— Doutor! procuras defender dona Amalia, ou gracejar commigo para distrahir-me?...

— Eu não gracejaria comtigo, vendo-te tão penalisado, e ainda menos defenderia dona Villares, assignalando-a tal qual é, namoradeira provocadora, esposa incasta e mulher má.

— Então pensas que realmente fui o infeliz motivador da perseguição mais injusta e furiosa?...

— Foste, sem o pensar foste: sou capaz de jural-o: se mais galante e fingidamente amoroso houvesses com lucro onzenario pago tributo de vassalagem, a quem te pedia tão pouco e te offerecia tanto, nem o barão de Amorotahy seria tão cedo o amante de dona Villares, e nem tu o quinto amante da *baroneza de Amor*.

— Ainda mais esta scisma na alma!... disse o capitão sentando-se obumbrado.

O Dr. Olympio olhava-o triste, e com interesse.

Poucos minutos depois o Avante levantou a cabeça e perguntou:

— Que me cumpre fazer?... eu fugiria para sempre desta cidade, si me fosse licito deixar a baroneza abandonada á seus algozes. Que devo fazer?...

— Capitão, tu não podes proteger de modo algum a baroneza sem comprometter muito mais a sua reputação já demasiadamente abocanhada.

— Segue-se que me aconselhas....

O Avante hesitou.

O doutor disse-lhe:

— Foge, meu Avante! foge pela primeira vez!

— Egoismo!.... murmurou o capitão que amava sempre a baroneza.

— Não; respondeu-lhe o amigo: a tua retirada deixará a maledicencia perversa sem o *quinto amante* que attribue á *baroneza de Amor*: a tua fuga é o melhor, o unico officio protector, que a esta podes prestar.

O capitão levantou-se e começou a passear agitado ao longo da sala.

— Foge, meu Avante! repetiu-lhe o doutor com firmeza de juizo.

O capitão sophismando comsigo mesmo, e olhando irritado para o amigo, que lhe dava o conselho mais prudente e leal, exclamou batendo fortemente com o pé:

— Diabo!... se eu nunca fugi!...

— Mas neste caso fugir é a mais pura abnegação de um grande amor.

O Avante, reconhecendo-se comprehendido no intimo fundamento de sua resistencia, turbou-se.

Nesse momento o criado veiu annunciar que estava servido o jantar.

— Vamos! disse o doutor, levantando-se.

— Vai; eu não tenho fome: respondeu simples e positivamente o contrariado e afflicto mancebo.

O Dr. Olympio julgou inutil qualquer insistencia, e foi sahindo da sala; mas ao chegar á porta voltou-se, e tornou a repetir:

— Foge, meu Avante.....

O capitão confundido; mas com expansão da franqueza galharda de seu caracter, encarou o amigo, e disse sem abaixar os olhos:

— Tens razão, doutor; mas eu não posso fugir.

# IX

## A logica do capitão Avante.

Antes que o Dr. Olympio voltasse a insistir em seu prudente conselho, o capitão Avante deu-se pressa a evital-o, indo trancar-se na sala que occupava.

Ahi como em solitario e seguro retiro elle expandiu sem reservas nem pêas sua colera felizmente esteril: o capitão enfurecia-se tanto mais, quanto sentindo-se offendido, reconhecia não poder desaffrontar-se.

Pela primeira vez zombavam delle impunemente, calumniando-o para ultrajar a baroneza e não lhe era licita a explosão da desaffronta.

O capitão Avante rugia de raiva.

Dona Amalia de Villares estava defendida pelo seu sexo : o Avante não podia contra ella ir além do desprezo.

Faltava-lhe um homem a quem tivesse o direito de provocar por conhecido propalador da calumnia.

A calumnia propagava-se como a peste; a infecção parecia vir de todos os lados; elle porém procurava debalde um infeccionador bem determinado e que não fosse mulher, como era dona Villares.

Buscando um homem para objectivo de sua ira impetuosa elle esbarrava sempre não com o calumniador, mas com o causador unico de todos os infortunios da baroneza; ainda esse porém estava a coberto da sua vingança: era homem; mas era o marido da baroneza.

O capitão Avante não odiava; tinha porém em aversão e em profunda desestima o barão de Amorotahy: na violencia das paixões que o inflammavam imaginava como que desafogo consolador, injuriando de face, punindo com affronta ignominiosa o algoz perverso da esposa amante; mas sem ruidosa diffamação desta o barão não podia ser atacado por elle.

O generoso, nobre, mas estouvado valentão estava pois em volcanico acendimento de brios; de braços porém atados, e sem acção livre para desforçar-se.

O capitão rugia: mas cançou de rugir: o

leão reconheceu que não podia romper ultriz; porque não devia quebrar a jaula, onde se achava preso.

A grandeza do dever da paciencia fez-se medir pela grandeza do amor inspirado pela bella e desgraçada *baroneza de Amor*.

Quando o Avante pôde pensar que convinha á reputação e ao interesse moral da baroneza o sacrificio do seu orgulho, e das suas susceptibilidades ardentemente irritadas, aquietou-se, como o leão na jaula, e pouco e pouco foi serenando sob a influencia da mulher amada.

Tinha passado uma hora de agitadissimo e inconscio passeio accelerado ao longo e em volta da sala: o capitão sentiu a fadiga que experimentára na guerra em algumas de suas marchas forçadas: com o arrefecimento da ira distanciára-se o inimigo: deitou-se vestido como estava, a pedir ao leito descanso e somno.

Em vez de descansar lembrou, em vez de dormir reflectio, e meditou.

Mas em suas reflexões o capitão Avante devia ser necessariamente predominado pelas qualidades e correspondentes defeitos do seu caracter.

Ao mesmo tempo um pouco selvagem no ardor das paixões e grandioso na capacidade

dos sacrificios, e da abnegação, arrebatado, mas generoso e leal, credulo e imprudente, preferindo sempre o caminho mais curto para chegar ao fim determinado, inexperiente e contando muito com a força de sua vontade, franco e expansivo; ás vezes porém excentrico, e extravagante, não era de presumir que produzisse acertados alvitres a sua meditação.

Elle tinha por exclusivo designio fazer o bem, ou ao menos minorar os soffrimentos e a sorte adversa da *baroneza de Amor*.

Ouvira pouco antes as observações e os juizos do Dr. Olympio, amigo fiel em quem absoluta e quasi cegamento confiava.

O capitão partiu dahi, e foi pensando, e recolhendo como certo e positivo tudo quanto pensava.

Os tormentos e afflicções da baroneza provinham de duas causas, do desprezo em que a tinha o esposo a quem amava, e do descredito e da diffamação que trucidavam-n'a.

Era indispensavel destruir ou pelo menos abater as causas.

A baroneza era bella, espirituosa, arrebatadora: seu marido inconstante e dissoluto por lascivia podia, como realmente fizera-o, têl-a offendido com infidelidades habituaes; mas certamente não a teria esquecido de

todo, se ella indignada com justificado motivo não houvesse repellido seus afagos já impuros: este proceder da esposa era susceptivel de excitar desgosto e resentimento; não determinaria porém nunca o desprezo, que o barão nem mais dissimulava.

Semelhante desprezo só se podia explicar e portanto infallivelmente se explicava pela desestima em que a baroneza tivesse cahido no animo do marido suspeitoso, ou convicto dos amores adulteros attribuidos a ella.

Era pois essencial que o barão reconhecesse a sua injustiça, e a innocencia da esposa.

Para conseguir tanto faltavam recursos á baroneza, pouco podiam seus amigos, e sómente elle, o falsamente indicado quinto amante da esposa calumniada, só elle que desta recebêra a confidencia de todos os seus segredos ainda os mais intimos, só elle estava nas condições de rehabilitar a nobre e innocente senhora no conceito de seu marido.

O capitão Avante amava apaixonado a baroneza; essa rehabilitação que imaginára possivel, talvez facil, por ventura indisputavel daria em resultado a reconciliação e a felicidade dos dous esposos com torturas crueis do seu amor infeliz; elle porém não cogitava de si; sabia-se não amado, e com generosa

8

flamma aspirava consolar-se, vendo rir ditosa a mulher de suas ardentes e abafadas adorações.

Mas a diffamação que impiedosa e injusta flagellava a *baroneza de Amor?*...

O capitão exasperava-se confrangido, lembrando os erros vertiginosos do recente passado da esposa adoudadamente arrojada á ostentosa embora falsa incastidade. Para serenar o barão contava com o milagre das suas revelações leaes e veracissimas : para as suspeitas e as condemnações dos murmuradores não havia praticabilidade de perfeito desmentido, só poderia haver concenso, e indulgente reconhecimento da innocencia da baroneza em face de sua reconciliação com o marido, e da attitude generosa, reverente e como que arrependida deste para com ella.

Mas por um lado o barão estava, em apparencia ao menos, perdidamente inebriado pelos encantos de sua nova amante, dona Amalia de Villares, e esta em calculos sem duvida hostis e malevolos conspirava contra a baroneza, propalando aleives para compromettêl-a, e deshonral-a.

Como a um só tempo conseguir essa duplice victoria, uma, distanciando o barão de dona Villares para mais facilmente conchegal-o á baroneza, outra, desarmando as furias

de dona Villares para seccar a fonte das calumnias?..

O Avante raciocinou firmado nos juizos e nas observações do Dr. Olympio.

Elle era o culpado da guerra atroz que Amalia de Villares fazia á *baroneza de Amor*, suppondo-a sua rival preferida, e nella vingando-se da indifferença ou menospreço que confundira suas provocações de galanteio.

A intrigante e perversa inimiga estava pois offendida ou em seu amor ou em sua vaidade; mas o amor é facil em perdoar, a vaidade ainda mais facil em deixar-se convencer, e um e outra muito se ufanam de seus triumphos difficeis e disputados.

Dona Villares ainda aproveitava ensejos para com habeis negaças attrahir a attenção e excitar a sensibilidade do seu offensor por indifferença ou menospreço; portanto ella nem amava o barão, nem seria inaccessivel, antes pelo contrario se indiciava indulgente e auspiciosa ao ingrato arrependido da ingratidão.

Sendo assim, como logicamente devia ser, claro se tornava, que ao culpado da guerra era licito, e de extrema facilidade restabelecer a paz; era evidente que se elle, capitão Avante, quizesse render-se captivo a dona Villares, esta, namoradeira sem escrupulos, arredaria

de si o barão mystificado, e ufanosa da conquista do supposto amante da baroneza, não se lembraria mais de aggredir a rival vencida.

O raciocinio do capitão levado a esta consequencia pela força e inflexibilidade que elle imaginava nos principios que ia estabelecendo, esbarrou em face do maior obstaculo.

O Avante não podia amar, e não se resignava a fingir amar dona Villares: o amor era impossivel; porque elle o não sentia; o fingimento traiçoeiro repugnava absolutamente ao seu caracter.

Dona Villares era má e intrigante; elle porém que por isso a desestimava, por isso mesmo não devia, não podia desestimar-se, assemelhando-se moralmente a ella.

Mas se lhe fosse possivel semelhante sacrificio, provavelmente a *baroneza de Amor* se tornaria feliz, ou muito menos desgraçada.

O impulso desta idéa generosa lançou o capitão em novas combinações, e em igual trabalho raciocinante.

Não houve ardor de dedicação, nem subtileza de espirito que convencesse o nobre Avante de que fosse permissivel e não indigno delle o malicioso fingimento de amor.

No entanto o capitão reflectiu nas condições moraes, e na reputação que gozava dona Villares: loureira descomedida, e justa ou

injustamente maculada, não tinha mais que perder, sendo objecto de seu mais ousado galanteio.

E reflectindo tambem em seu proceder para com ella, julgou que sua lealdade de cavalleiro ficaria illesa, e o seu sacrificio seria fecundo em resultados, desde que incensando a vaidade de dona Villares, e mostrando-se adorador de seus encantos nunca lhe promettesse, e ainda menos fingisse, e muito menos lhe jurasse amor.

O capitão Avante não pensava; mas resolvia haver-se com a namoradeira de alta classe, como, salvas decentes reservas, naturalmente já tinha procedido com mulheres da mais baixa esphera.

Mas foi assim que elle racionou e meditou durante algumas horas de recolhimento, e de ampla liberdade na solidão do seu quarto e nas expansões de seu caracter, de sua inexperiencia, e de sua excentricidade.

Abraçára-se com a imaginação, acreditando prender-se á logica; tomára illusões por inconcussos principios, e destes seriamente tirara consequencias que, embora muito vans, se lhe afiguraram precisas e de rigor indisputavel.

Como quer que fosse, o capitão Avante quasi tranquillo, posto que magoado pela

lembrança das violencias com que ia contrastar seus mais ternos sentimentos, adormeceu serenamente depois de haver adoptado com inabalavel proposito as duas extravagantes resoluções:

Primeira: revelar ao barão de Amorotahy os segredos da vida intima da baroneza sua esposa.

Segunda: fazer côrte galanteadora a dona Amalia de Villares sem jámais declarar-lhe, nem prometter-lhe amor.

## X

### O Selvagem e a Estrella Venus.

Digno da sua alcunha bellicosa; mas denunciando-se falto de bom senso e de sagacidade, o capitão Avante ao anoitecer do mesmo dia foi logo apresentar-se na casa de dona Amalia de Villares.

Era passar sem transição e estouvadamente da mais fria indifferença a fervoroso rendimento; a precipitação e a impetuosidade porém rompiam de sua natureza ardente.

Dona Villares agitou-se sorprendida e apprehensiva ao annuncio da inopinada visita; sorprendida porque estava longe de esperal-a, apprehensiva porque já sabia que o capitão passára cêrca de duas horas em casa da baroneza na manhã desse dia.

Desconfiada, mas curiosa, ella recebeu com

expansões de agrado o cavalleiro, a quem offereceu alegremente a mão.

— Que milagre é este?... perguntou; o capitão, vindo abstracto, entrou por engano em minha casa; ou devéras lembrou-se uma vez de mim?...

O Avante trazia tão determinado o procedimento que devia ter, como estudadas as palavras indicadoras de sentimentos; ainda assim porém perturbou-se á pergunta de dona Villares.

Habil sem calculo, nem consciencia, balbuciou em resposta algumas palavras de sentido trivial em taes casos; mas com eloquente verdadeiro indicio de perturbação, e de enleio.

Amalia de Villares lisongeou-se da confusão, que produzira; mas ainda suspeitosa das intenções, e do objecto da visita do capitão, disse-lhe com amabilidade, e para facilitar promptas, e immediatas explicações:

— Vejo que realmente se lembrou hoje de mim! pois bem, capitão, agradecida eu lhe concedo o esquecimento passado.

— Ao contrario, minha senhora, lembremol-o.

— Ah! convem-lhe?...

— Por certo; porque eu venho pedir a V. Ex. permissão para defender-me e para accusal-a.

— E cada um de nós juiz por sua vez: creiu que vamos sahir ambos absolvidos.

— Minha senhora, V. Ex. deve ter-me julgado brutalmente esquivo.....e descortez.

— Oh, capitão, que modestia! disse dona Villares com ironia.

— Como se fosse ingrato á afabilidade mais graciosa, tenho fugido da casa e da presença de V. Ex....

— Confessa-o?...

— Sim, minha senhora, tenho fugido e me cumpria fazel-o.

Dona Villares perplexa; mas começando a prelibar desvanecimentos, perguntou docemente:

— Porque?...

— Minha senhora, V. Ex. é bella; radiosa de encantos, e sem o pensar, e sem o querer, innocente, mas perigosamente excitadora de flammas violentas, que prorompem a seu pezar; porque offendem a senhora casada.

Dona Villares, presentindo ao pé de si uma criança a educar, olhou com feiticeira melancolia para o capitão, parecendo abafar um suspiro, que não abafou.

O Avante proseguiu, dizendo:

— Eu que a vi, e admirei-a tal, eu sou um homem rude e ignorante, que quasi ainda menino se fez soldado, e que em annos de

guerra ainda mais se embruteceu por asperos costumes. Voltei da guerra conservando na lembrança da vida, da felicidade, e do exemplo de meu pai a idéa do amor santo da esposa; mas afóra a imaginação, além do sonho dessa ternura santificada pela religião, eu não comprehendi, não sei o que é o amor platonico, phantastico, embebecido, talvez angelico das almas poeticas; fiquei apenas puro materialista, sensual, bruto pelos instinctos no que bem ou mal se chama por ahi amor: sou selvagem, e material nesse amor; não sou homem civilisado, não sou poeta.

O capitão excedêra-se a ponto de despertar as desconfianças de dona Villares que lhe disse, sorrindo:

— Não é poeta?... mas, capitão, salva a falta da metrificação e dos consoantes, eu lhe juro que está fazendo versos da escola de Byron.

O Avante continuou a fallar.

— Sendo eu assim, e sentindo assim; tendo porém ainda sentimentos de honra e de alguma nobreza no coração, embora grosseiro e asperrimo, ao ver e admirar V. Ex. tão formosa e arrebatadora; mas por casada não permittindo o sonho daquelle amor, que é santo, e que deve ser o unico, porque deve ser o verdadeiro, eu não podendo amal-a, minha

senhora; pois que só comprehendo a pureza desse amor, eu eclypsado por seus encantos, tive medo de desejal-a, ou nem sei se ouse dizer que a desejal-a sensual, e revoltantemente fugi-lhe, evitei-a para não offendel-a!... eis-aqui minha defesa.

Dona Villares hesitava; porque o capitão ou por louco apaixonado lhe dizia inconsequencias e absurdos, ou por inhabil artificioso a procurava enredar em sophismas pueris. Acabando de ouvir-lhe a ultima falla, ella perguntou maliciosa, mas em tom suave:

— E agora como volta a mim?...vem felizmente curado e arrependido dos instinctos brutaes, ou ainda selvagem terrivel a ameaçar-me com offensa que não se desculpa pelo amor?...

— Selvagem: respondeu com eloquente concisão o Avante.

Dona Villares vacillou á franqueza aspera e á vivacidade da resposta; mas em vez de indignar-se, encarou admirada o capitão que lhe pareceu dobradamente interessante pelo ingenuo arrojamento de sua natureza indomita.

De seus numerosos adoradores nunca ousára algum fallar-lhe tão insolitamente; o Avante porém com seu rosto deformado e com aquella linguagem grosseira, asperrima e

positiva se lhe afigurou verdadeiro selvagem tão incapaz de conter, como de fingir e de falsificar sentimentos.

Incasta e ufanando-se de inspirar paixões, ella, olvidando as suspeitas de conspiração inimiga, enlevou-se com a renascente esperança de allucinar e submetter aquelle leão do deserto, e logo inundando-lhe o rosto com as ternuras do mais doce olhar, perguntou em tom brando:

— E o senhor... nunca amou... com aquelle amor... o unico... que imagina?...

O capitão disse mais promptamente do que convinha:

— Eu... já...uma vez; juro porém que não fui amado.

Dona Villares riu-se, e começou a brincar com o seu leque.

O Avante acabava de comprometter-se com o inopportuno e inutil juramento de não ter sido amado.

A intrigante sagaz acabava de reconhecer no selvagem o cavalleiro generoso.

— Capitão, tornou ella, dizendo: eu lavro a sentença da sua absolvição, reconhecendo os justificados motivos do seu medo de offender-me.

O Avante perguntou, corando:

— V. Ex. tem pois a bondade de perdoar-me

a impertinencia desta visita, para que eu me retire já, porém menos desconsolado ?...

— Oh !... o capitão é devéras selvagem, pensando que tive a desgraçada e descortez idéa de despedil-o: ao contrario eu o ambiciono muito frequente a aditar-me com a sua companhia: o senhor é selvagem sem arco e flexas, porque estas são as armas do deus amor, a quem não rende cultos: póde vir, venha sempre adorar-me, e ainda mesmo desejar-me com todos os instinctos brutaes, salvo o meu direito de conservar-me civilisada.

O capitão curvou-se, agradecendo, e ia fallar; ella porém continuou, dizendo-lhe:

— Queria sahir, deixando-me accusada sem julgamento? agora a ré sou eu: qual é o crime que me attribue?...

— O da cruéldade: V. Ex. bondosa, e radiando agrados, que encantam a todos, desde muito que me condemna ao rigor de sómente indicar que me vê para voltar com fulminante desprezo o rosto...

— Ah!... e eu que imaginava ser-lhe, não direi lisongeira, mas commoda procedendo assim!...

— Mas o sol fulge para todos, e até para os reprobos!

— O sol... se eu fosse o sol!... capitão! não

pensa que se procura ver o sol de manhã, e não de noite?

O Avante muito occupado com o desempenho do seu difficil e escabroso papel de adorador brutal de dona Villares, nem ao menos comprehendeu a allusão feita á sua visita á baroneza na manhã desse dia, e murmurou simplesmente:

— Não entendo...

— Nem eu exijo que me entenda; disse dona Villares; a luz mais dadivosa da vida deste mundo é a doce sombra que apatrocina os mysterios do *não entendo.* Capitão, tratemos do meu processo: se lhe pareci cruel, foi porque presumi, que lhe convinha ter-me por estranha, ou desestimada.

— Mas é incomprehensivel semelhante presumpção!... o enregelado a não querer o calor que vivifica!...

— Mil vezes docemente confundida pelo reconhecimento do meu erro!... verá, como sei arrepender-me!... dizem, que tenho lindos olhos... pois bem, capitão, de agora em diante hei de olhal-o assim....

E ella olhou-o com todas as deslumbradoras flammas de seus bellos olhos.

— Dizem que tenho no meu sorrir feiticeira graça que seduz corações: não creio nisso;

mas em todo o caso, capitão, de agora em diante hei de sorrir-lhe assim.

E ella sorriu-lhe com todas as enlevadoras tentações do demonio encantador que sorria nos seus labios.

O capitão, como apressando-se em escapar ao perigo de tanta magia, disse immediatamente:

— Absolvida, minha senhora; e ainda mesmo por confessa seducção do juiz.

— Mas em ambas as absolvições ha um dever consequente.

— Qual?...

— Para mim o de não continuar a violentar-me, parecendo-lhe cruel: para o capitão o de mostrar-se um pouco menos esquecido de mim.

— Oh, minha senhora! V. Ex. me enche de tanta vaidade, que se expõe ás mais desabridas importunações.

— Importune-me pois sem piedade; creia porém que não sou em excesso exigente: olhe, capitão; eu bem sei que não sou o sol como a pouco indicou em poetica e lisongeira imagem; mas se quizer, supponha-me estrella.

— Ha uma que se chama Venus; disse o Avante com innocencia ou malicia.

— Essa ou outra menos brilhante; acudiu dona Villares sem desconcertar-se.

— Prefiro essa.

— Convenho; mas convenhamos tambem em outro ponto.

— Que ordena V. Ex. ?.....

— O accôrdo mais commodo: de dia, ou melhor, de manhã o capitão adorará o sol, onde elle brilha; e de noite, ou ao anoitecer, como hoje, o selvagem virá aqui ver e desejar a estrella Venus muito menos radiante de luz, e muito mais rica de mysterios de amor.

O Avante turbou-se, recebendo o golpe da allusão mais claramente repetida, e não soube responder.

— Quando volta a demonstrar-me, que não se esquece de mim?... perguntou com doçura dona Villares.

— Sempre; murmurou o capitão.

— Prefiro mais modesto; porém mais preciso compromisso: capitão! haja folga aos sacrificios: eu imponho o prazo da penitencia: de hoje a tres dias, isto é, de hoje ao terceiro anoitecer o selvagem voltará para ver e desejar a estrella Venus.

O Avante ainda confundido e perturbado balbuciou em obrigada resposta:

— Tres dias de menos na vida do selvagem!....

Pouco depois despediu-se e sahiu.

## XI

### O barão de Amorotahy e o capitão Avante.

Amalia de Villares enfurecida contra a *baroneza de Amor*, a quem attribuia a inspiração dos atrevidos e mal dissimulados ardimentos lascivos, com que acabava de ser ultrajada pelo capitão Avante; mas apezar do ultrage, ou por sensibilidade já pouco susceptivel, ou por arrebatamento de indomavel capricho, mais que nunca ardentemente querençosa do cavalleiro, corrêra á janella para vêl-o sahir, quando rapida voltou-se, tendo reconhecido o barão, que chegava á porta de sua casa.

A invejosa e intrigante escondeu nos olhos olhar feroz, e a tremer-lhe nos labios o rir nervoso da raiva em violenta ameaça de immediato acommettimento, deixou apressada a sala.

9

Cinco minutos depois ella voltou linda, serena, docemente risonha, contente e radiosa a receber os cultos apaixonados do marido da sua rival.

O barão indiciou-se não ciumento, mas levemente apprehensivo.

Dona Villares não esperou que elle manifestasse o pensamento, que deixava adivinhar.

— Quando o barão entrava, o capitão sahia, e ao encontral-o á porta do purgatorio o meu bello peccador incontricto arreceiou-se de importuno companheiro em padecimentos. E' assim, barão?

— E': confesso-o.

— E talvez tenha razão; porque para as imaginações exaltadas o unico rival que póde ter o bello é o horrivel.

O barão sorriu-se e perguntou:

— Que veiu porém o horrivel procurar aos pés da belleza?...

— Passatempo innocente: veiu adorar-me, como estrella que sou, e que sómente á noite ostenta seu brilho.

— Ah! declarou-se seu adorador nocturno?

— Só nocturno; porque emquanto é dia adora o sol no céo do sol.

O barão querendo debalde evitar as allusões á sua esposa, disse, fingindo excitado zelo:

— Mas é evidente que a visita do horrivel capitão Avante encheu de alegria, de suavidade, e de não sei que especie de exaltação a rainha do meu purgatorio!...

— Positivamente exaltou-me, barão!...

— Ah! dona Villares! posso perguntar porque?...

— Sem duvida; e se não m'o perguntasse, eu lh'o diria..

— Então?...

— Meu bello, querido, e cego barão, quando o sublime horrivel chegou a uma hora a adorar-me de encommenda, eu já sabia que elle tinha passado esta manhã longo tempo em ternissima conferencia particular com a formosa *baroneza de Amor*.

— Na manhã de hoje?... e como o soube?... quem lh'o disse?...

— Eu poderia negar-lhe a procedencia de minhas informações; se porém me jura segredo, confiar-lhe-hei a da informação da visita de hoje.

— Juro-lhe tudo! respondeu o barão com impaciencia.

Dona Villares tirou do bolso do seu vestido, e mostrou ao barão um bilhete datado desse dia, e escripto por uma senhora vizinha, e supposta boa amiga da baroneza.

Não havia que duvidar; mas tambem não

havia que responsabilisar a nobre senhora pelo recebimento da visita mais ou menos prolongada de um cavalleiro amigo.

O barão, desviando os olhos do bilhete, disse:

— A baroneza não está fechada no harem de um sultão, e tem amplo direito de manter e de honrar suas innocentes e decorosas relações.

Dona Villares corou ligeiramente de despeito e de ira; mas sopitando um e outra, acudiu dizendo no tom mais brando:

— Tal e qual, como pensei! defendi por pensamentos a senhora baroneza ; porque me lembrei de mim...

— Como ?...

— Lembrei-me de que alguem pudesse emprestar malicia, e intenções peccaminosas ás relações innocentes e decorosas que entretenho com o barão.

A ironia era acerba, e o barão confundido, não podendo responder, tomou uma das mãos de dona Villares, e beijou-a com ardor.

— Ah! disse a cruel intrigante; quem sabe quantas vezes esta manhã o capitão Avante beijou assim com respeito e santidade a mão da baroneza !

— Dona Amalia! pensemos exclusivamente em nós! murmurou o barão.

— Nem tanto: eu me resigno a deixal-o em-

bebecer-se no culto honorifico e apaixonado que lhe merece sua esposa; mas convenha tambem em que eu me lembre um pouco da terna visita que me fez o capitão.

— Para atormentar-me nem repara, que contrasta suas proprias suspeitas!

— Como?...

— A quem é pois que o capitão Avante ama?...a dona Amalia ou á baroneza?...

— Oh!...elle imita o barão, ama a ambas.

— Supponhamol-o; mas á senhora?...

— Eu?...quer que lh'o diga?...eu sou reconhecida aos penhores que recolho, e o capitão deixou-me a pouco, involuntariamente por certo, precioso penhor que lhe assegura a minha mais profunda e enternecida gratidão.

O barão começava a turbar-se; mas ainda submisso e paciente perguntou sorrindo-se com artificio inhabil:

— E o mysterio desse penhor poderá ser-me revelado?...

Dona Villares respondeu, sorrindo tambem; sorrindo porém devéras, e de modo que ainda mais agitou o barão:

— Certamente; mas eu hesito pelo receio de confundil-o, e indignal-o...

— Oh!...agora eu peço...exijo...tenho o direito de exigir!....

— Para que me impõe assim o dever de

esclarecel-o?... é verdade que eu me comprometti a dar-lhe certas provas...o que porém eu lhe apresentaria agora, não é prova...

— Entendo emfim!.....exclamou o barão; sempre a baroneza!...mas quero saber!...

Dona Villares impacientava o barão para exaltar-lhe o animo a fim de que mais exagerada fosse a impressão da offensa, que ia denunciar com atroz calumnia.

Adoçando quanto pôde a voz, ella disse:

— Já declarei e repito que não é prova; um simples indicio tem mil explicações a innocentar!..... barão, pois que o amo, não me é possivel amar sua esposa, minha rival, delirantemente preferida......

— Dona Villares, agora é preciso, é indispensavel que eu saiba......

— Barão! eu quero, eu hei de accusar, e fazer condemnar a baroneza com evidentes provas de sua infidelidade conjugal: foi o meu compromisso: hoje deu-me o acaso, ou o descuido apenas um indicio ...... um indicio não me basta.

— Embora! quero conhecer o indicio......

— Ora! um simples lenço!..... um lenço!.... eis tudo: que demonstra um lenço?.....

— Que lenço é esse?..... mostre-m'o!

— E'um lençinho branco desmazeladamente esquecido aqui ainda a pouco pelo capitão

Avante que passou a manhã de hoje a adorar o sol ao céo do senhor barão.

— Mostre-m'o! repetiu o barão com o orgulho mais absurdo em revolta.

— Ahi o tem; disse dona Villares; é apenas indicio vago: não lhe dê importancia......

E apresentou o lenço, que por traça malevola lhe ficára trocado pelo seu na noite do theatro, em que a *baroneza de Amor* a repulsára com decoroso e justo desprezo.

O barão tomou, abriu e examinou o lenço finissimo e rico, e empallideceu fortemente, achando nelle bordadas as suas armas nobiliarias e por baixo destas as duas letras iniciaes *B. A.*

Dona Villares com os olhos fitos no rosto do esposo de sua rival saboreava na pallidez e nas contracções que observava, os effeitos da sua nova calumnia; mas por fim disse com suavidade perversa:

— Quem sabe, como chegou esse lenço ás mãos do capitão?..... é apenas um indicio vago, barão!..... tranquillise-se......

O barão, apertando nervosamente o lenço nas mãos, perguntou:

— Dá-m'o?.....

A terrivel dona Villares respondeu, sorrindo:

— Não posso: devo e hei de restituil-o ao

capitão Avante, que de hoje a tres dias voltará ao anoitecer para contemplar a pobre estrella......

O barão comprehendeu a negativa e a ameaça do demonio que o tentava, e ainda machucando irritado e sem consciencia o lenço, disse, perguntando a tremerem-lhe os labios:

— E se antes de tres dias eu tiver proposto desquite á baroneza?

— Proposto?.....

— E requerido, se ella se negar a convir nelle!.....

— Ah, barão! em tal caso e por amor da sua dignidade o lencinho branco lhe será dado para entrar nas folhas do processo.

— E então?..... e logo?.....

— Então e logo o capitão Avante sem a estrella da noite, e eu de dia e de noite, sol e estrella sempre e toda do barão tambem só meu!.....

E os olhos da vertiginosa intrigante flammerajam ardentes, e o seu immodesto seio anciou lascivo.

O demonio tentava......

O barão concitado por duas paixões, pela furia do orgulho ferido, e pela flamma da sensualidade ainda mais desabrida em accesso de ciumes, não entregou o lenço, largou-o de

máo modo no sofá, onde estava sentada dona Villares, e levantando-se, despediu-se atarantado, e dizendo ao sahir:

— Depois de amanhã...... eu!....

— Oh, barão! em tal caso diga — nós! exclamou dona Amalia.

E logo que o barão desappareceu, ella reclinou-se no sofá, cerrou os olhos, e acordada sonhou com o capitão Avante bem selvagem.

Entretanto e quando talvez ao sonho dona Villares se entregava, o capitão fazia exactamente o contrario, acordando sem ter dormido.

Deixando a casa da rival e inimiga da *baroneza de Amor* o Avante preoccupado e com o espirito em abalos de contrastes de sentimentos, andou longo tempo sem rumo, nem direcção determinada a principio de proposito e com a idéa de refocillar-se, passeando, e depois absorto e sem consciencia: emfim passeára tanto, que parou, respirando afadigado, e logo ao procurar reconhecer a rua onde se achava, esclareceu-se facilmente, vendo diante de si a casa de dona Amalia de Villares: estava pois no mesmo lugar, d'onde sahira.

O capitão consultou o relogio á luz do gaz: eram onze e meia horas da noite: todas as casas se tinham fechado: reinava o silencio.

Tendo descansado breves minutos, elle se pôz em marcha para recolher-se; acabava porém de avançar quando muito obra de quatrocentos passos, quando ouviu ruido que lhe pareceu suspeito, e adiantando-se mais, teve a certeza do que suspeitára.

Era uma briga, um conflicto material e violento.

O sitio se offerecêra propicio.

A rua alargando-se em curva tinha a um lado extenso gradil de ferro, que fechava grande jardim e chacara, ficando muito para o fundo distanciada a casa; e ao outro lado um muro negro e já meio arruinado seguido de mais ou menos de trinta metros de terreno sem muralha nem edificação e semeado de arvores e de arbustos pela maior parte silvestres.

O gaz illuminador era alli a unica e protectora condição que contrariava a briga nocturna e sinistra.

A policia afastada nem podia correr em auxilio; porque nenhum grito o reclamava.

O capitão Avante aproximou-se, como seguindo o seu caminho, observou...... viu...... distinguiu...... certificou-se.

Não era uma briga, era um attentado, e um infame abuso de força.

Tres homens contra um só: dos tres dous

hercules pela apparencia das fórmas, e pela evidencia da acção tinham finalmente conseguido prender os braços, e subjugar a victima, emquanto o terceiro sem mais receio do inimigo, descarregava sobre elle golpes seguidos de pesada bengala.

O capitão tinha entrevisto a resistencia valente do homem que era um só contra os tres, e aproximando-se ainda pôde notar que preso e subjugado elle esforçava-se desesperado, e como sob a dominação de vaidoso brio rugia roucamente em raiva; mas não gritava á medo.

Tudo isto o Avante viu, pensou, reconheceu em menos de um momento; porque, obedecendo á seus impulsos naturaes, voou em soccorro do fraco.

Ao impeto do capitão que atacou sem perder tempo em ameaçar, o subjugado viu-se livre das mãos que o agarravam; mas cahiu logo por terra.

O Avante achou-se por sua vez só contra os tres; elle porém arrancára a bengala ao chefe, e manejando-a com destreza e força em breve pôz em fuga os miseraveis que desappareceram por entre as arvores do terreno sem muro.

Tão fraca resistencia opposta ao capitão, e o não empregarem armas de fogo os tres

aggressores indicavam vindicta indigna, mas toda pessoal, e evidente cuidado de segredo no commettimento.

O Avante, que em arrojo temerario perseguira além das primeiras arvores os afugentados, perdendo-os de vista, voltou, e, como lhe cumpria, foi levantar em seus braços a victima, que se esforçava em balde para erguer-se, e ao ver-lhe o rosto, exclamou sorprendido e abafando a voz:

— Senhor barão de Amorotahy!...

O barão encarou o cavalleiro, que com tanta hombridade e afouteza o soccorrêra, e reconhecendo-o, convulsou todo, e pouco depois disse:

— Oh!....senhor capitão Avante!...

E com incrivel energia de nervosa reacção, deu um passo para trás, e ficando em pé, e independente do apoio dos braços do capitão, guardou breve silencio e depois disse friamente:

— Obrigado.

O Avante sentiu a frieza do reconhecimento, e respondeu:

— Eu apenas fiz o que V. Ex. teria feito em caso igual.

O barão arrependido abaixou os olhos e tornou dizendo:

— Perdôe-me, senhor capitão...perdôe-me:

confesso-lhe, que fui salvo da morte pelo cavalleiro, a quem eu tinha a idéa de ir procurar amanhã.... esta lembrança turbou-me.

— Que coincidencia, senhor barão!...trago comigo uma carta, que V. Ex. receberia amanhã, pedindo-lhe entrevista confidencial.

E o Avante apresentou a carta, que o barão recebeu e guardou vivamente impressionado.

O capitão disse immediatamente:

— Tratemos do que importa: senhor barão, supponha-me um desconhecido....permitta que o acompanhe á sua casa....

— Obrigado, capitão: descansando alguns minutos, poderei poupal-o....

Mas não podendo suster-se por mais tempo em pé, o barão dobrou os joelhos, e cahiria, se o Avante não o recebesse nos braços.

— V. Ex. está ferido?...mas...eu não sinto que haja sangue...

— Não sei... murmurou o barão; reconheço porém que debalde quizera caminhar sem apoio... soffro dôr fina e pungentissima aqui...

E mostrou, indicando com a mão, um ponto da columna vertebral.

— Vamos, senhor capitão, complete a sua obra; disse logo depois.

O Avante passou um braço sustentando pelas espaduas o barão de Amorotahy, que commovido pousou a cabeça no hombro do

cavalleiro, que o foi conduzindo vagarosamente e quasi carregado.

Iam ambos em silencio: o barão continha, suffocava sem duvida gemidos; mas devia soffrer muito: o capitão viu á luz do gaz consideraveis contusões na fronte e na face da victima.

Longa, demorada foi a marcha; porque não poucas vezes o barão teve de sentar-se para descansar, e tomar alento.

Na ultima dessas paradas e já a poucos passos da casa, elle disse:

— Senhor capitão a sua nobreza de perfeito cavalleiro me assegura o mais inviolavel segredo....

— Oh! respondeu o Avante, interrompendo-o; só V. Ex. me obrigaria a fallar para exhibir testemunho da coragem e valentia, com que sem armas resistiu a tres malfeitores.

O barão levantou-se por si, e em pé e raivoso disse:

— Perdoaria ao infame, se ainda mesmo á traição me houvesse ferido com espada, ou derribado com um tiro de revolver; mas a golpes de bengala, como se bate n'um lacaio!...

— Tem razão; a indignidade porém é do miseravel, do cobarde que o offendeu assim sómente depois que o senhor barão se achava

agarrado por dous complices forçosos, que impediam a resistencia: eu vi o que se passou.

— Sim!... mas ha de ver tambem o desforço... juro-lh'o! espero restabelecer-me, e o bravo capitão Avante saberá que o barão de Amorotahy em pleno dia, e em rua publica retalhou a golpes de azorrague o miseravel... antes de esmagar-lhe a cabeça com os tacões das suas botas.

— V. Ex. conheceu-o?...

O barão apoiou-se no capitão, abraçando-o para não cahir, e disse convulso:

— O infame...o cobarde...o....

E conteve alguma extrema injuria em qualificativo opprobrioso.

Depois respondeu, concentrando a raiva:

— Conhecemol-o ambos.

— Senhor barão, não sou curioso; mas V. Ex. acaba de dizer—*conhecemol-o*— e eu não quero estar em contacto com esse..... indigno!....

O barão olhou para o Avante como tocado por aquelle melindre de susceptibilidade ou de pundonor, e respondeu logo:

— Honra lhe seja feita, capitão; o senhor conhece-o; mas evita-o.

E depois pareceu reflectir, hesitar, e vencendo talvez algum sentimento menos nobre, acrescentou:

—Quem sabe?....Senhor capitão....devo dizer-lhe.....tenha cuidado.....acautele-se tambem....

O Avante sorriu-se com indicação de desprezo, e amparou o barão que forcejava por levantar-se.

Os dous foram seguindo, um a carregar, o outro a deixar-se conduzir até que chegaram á casa.

O barão deixando o braço protector descansou em fim sentado á soleira da sua porta; respirou menos ancioso, e com a cabeça entre as mãos indiciava ou reflectir ou esperar.

O Avante que estava em pé diante delle perguntou finalmente:

—V. Ex. tem alguma ordem a dar-me?....

O barão ergueu a fronte, cravou os olhos no rosto do Avante, estendeu o braço, e offerecendo a mão, apertou com ardor a do capitão e levantou-se firmado nella, dizendo commovido:

—Cavalleiro!..... obrigado para sempre! adeus!

—Senhor barão!....murmurou o Avante vendo deixada em sua mão a carta que pouco antes entregára.

—E' a sua carta: não temos mais que entender-nos sobre o passado.

— Temos, Sr. barão; respondeu o Avante gravemente; mas sem acrimonia; temos; porque o meu empenho não é de espadachim, é de homem de bem e honesto, que acaba de apertar-lhe a mão.

E o capitão entregou de novo a carta.

Perturbado e soffrendo agudissimas dôres, o barão pôde apenas dizer:

— Seja o que fôr.... agradecido... adeus!

E atirando-se á porta fez soar tres vezes com força o batente.

O capitão Avante afastou-se discreto; mas como protector zeloso do protegido, parou a curta distancia ainda receioso, de que os instrumentos de evidente vindicta particular tivessem de longe seguido a sua victima.

A porta abriu-se e o Avante, vendo apparecer um criado, deu por terminado o cumprimento do seu dever, e seguiu seu caminho, ouvindo a voz do barão, que dizia:

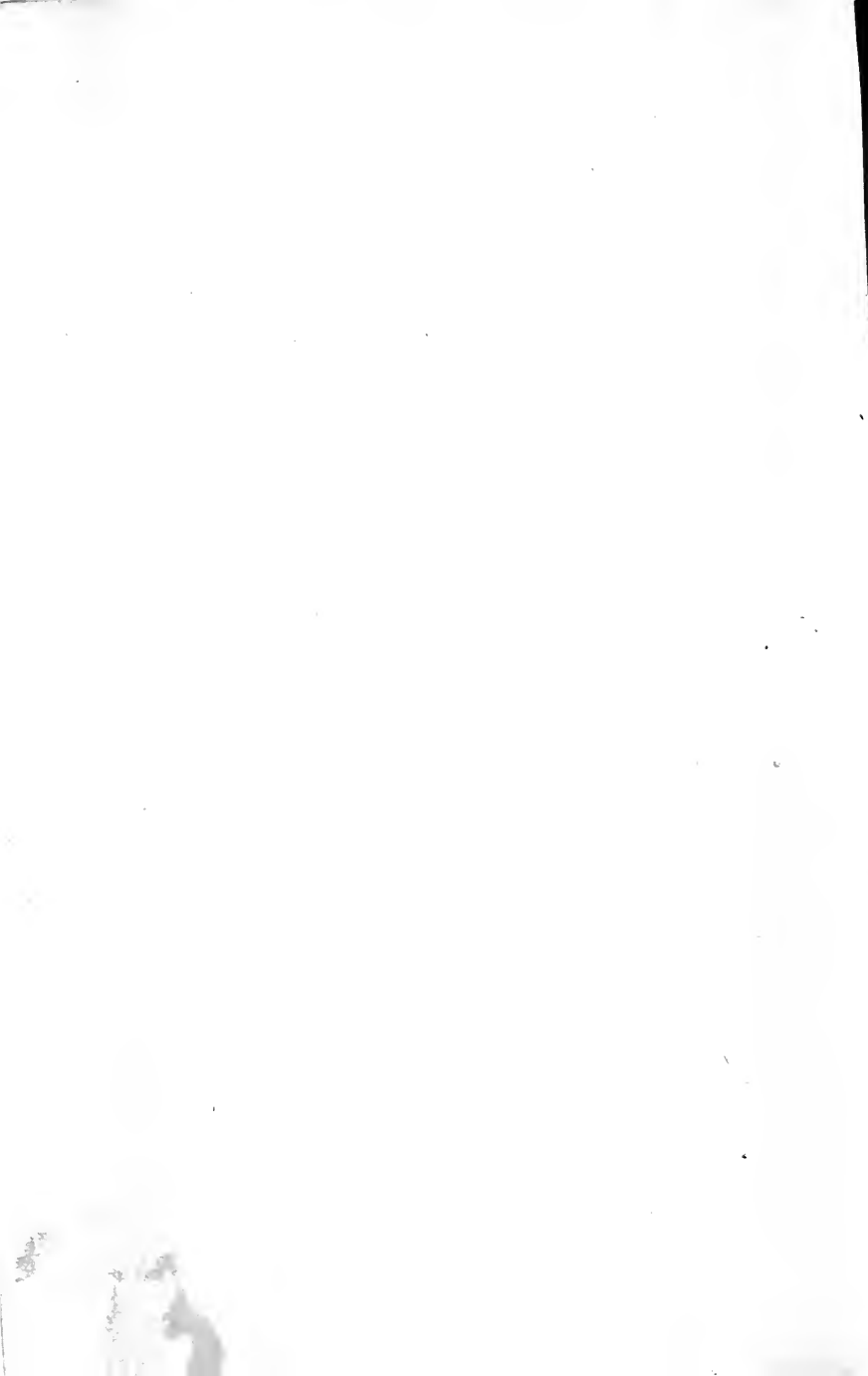
— Cahi! dei uma quéda desastrosa!... nem posso andar... leva-me... anda...

E o capitão Avante não ouviu; mas o barão já conduzido pelo criado acrescentou fallando a este em tom baixo:

— Silencio... não quero ruido; não quero que a baroneza se incommode.

FIM DA TERCEIRA PARTE.

## QUARTA PARTE

# PURGATORIO NA TERRA.

# I

## Amor e repulsão.

Debaixo do mesmo tecto padeciam dous condemnados.

O barão de Amorotahy a dez dias lutava com a morte. Das bastonadas que recebêra alguma offendendo fortemente um ponto de suas vertebras lombares, produzira lesão profunda da medulla espinhal, e quasi logo se pronunciára franca e completa a paralysia dos membros inferiores, e cada vez se aggravára mais todo o apparelho de symptomas de myelite aguda. Todavia unico entre todos a duvidar do proximo termo de sua vida, o barão angustiava-se comtudo, temendo, que não vencida a paralysia, se achasse para sempre impossibilitado de tomar vingança pessoal que aspirava, e de voltar aos gozos do sensualismo, sua paixão dominadora.

Elle era o condemnado aos tormentos dos seus vicios á beira da sepultura.

A baroneza de Amorotahy ainda velava triste á hora em que na noite sinistra seu esposo chegára tão maltratado á casa: sobresaltada pelo rumor chamára a criada, e sciente do desastroso caso, corrêra afflicta a soccorrer o barão para esbarrar em face dos proprios criados com a mais dura repulsão apenas dissimulada em respeito ao decóro.

A infeliz senhora nunca se mostrou tão digna, tão merecidamente chamada *baroneza de Amor*, como nesses dias amargurados em que a morte ameaçava o esposo: seu resentimento e seus ciumes apagaram-se de subito: ella foi vinte e mais vezes por dia pedir, esmolar o seu direito de cuidados, ajoelhou-se, abraçou os pés do barão, do algoz de sua vida, embora com inaudita crueldade elle por acaso algumas vezes a sós com ella lhe dissesse sem olhal-a *sempre* a mesma durissima palavra: « *deixe-me!* » e diante do medico e dos criados *sempre* lhe rèpetisse friamente: — « vá descansar: agora estou acompanhado.»

A *baroneza de Amor* era a condemnada ao tardo arrependimento dos seus erros, e aos martyrios da repulsão do esposo amado.

Mas um dia ella foi duas, e não vinte e mais

vezes com extremos de ternura tomar o seu posto junto ao leito do barão.

Na vespera o medico lhe tinha dito:

— Baroneza, ainda um sacrificio! o barão por capricho explicavel em sua molestia se incommoda ao vêl-a: appareça-lhe menos frequente.

A baroneza respondeu, corando:

— Elle tem razão, doutor! eu errei tanto!...

O medico tomou-lhe a mão, e beijou-lh'a commovido.

Velho amigo do pai da baroneza, e medico da casa do barão, o Dr. Leoncio chamado immediatamente na noite fatal, acudira apressado, e após minucioso exame do doente, ouvira, simulára aceitar por verdadeira a historia da carruagem que tombára, e da quéda do barão; tendo porém reconhecido facilmente a gravissima affecção da medulla, prescripto e applicado energico e urgente tratamento, exigira o concurso de outros medicos em conferencia.

O barão oppôz-se obstinado á exigencia do Dr. Leoncio, e a novas insistencias deste, mandou sahir a esposa e os criados, e livre de testemunhas disse franco; mas a tremer-lhe a voz:

—Doutor! não quero que outro medico venha

examinar o meu corpo, e reconhecer que fui vergonhosamente espancado.

E o barão cerrou os olhos, e seu rosto se tornou livido de colera.

O Dr. Leoncio cedeu e sujeitou-se a carregar com toda a responsabilidade do tratamento do doente, que aliás logo considerou em gravissimo estado.

Elle era, além de medico, intimo amigo da familia, lamentára a desharmonia dos dous esposos; tanto ao barão, como á baroneza tinha ao principio offerecido prudentes conselhos não aproveitados, e era finalmente um dos poucos que protestavam contra a diffamação da esposa ciumenta.

Obrigado a assidua e demorada frequencia junto daquelle, a quem suppunha condemnado á morte proxima, velando noites inteiras, e passando de dia longas horas a esgotar todos os recursos da sciencia medica, e do ensino de quasi quinquagenaria experiencia de clinica observadora illustrada, viu, observou constantemente a dôr, as lagrimas, as angustias, os tormentos indisiveis da esposa desamada, e toda erupções de amor ardente, e apaixonado pelo esposo que ainda assim a repellia desabrido.

O Dr. Leoncio mal podia comprehender em homem quasi moribundo, em esposo mil

vezes e escandalosamente adultero, no causador de toda a desgraça de sua união conjugal, tão odienta e barbara repulsão da esposa, que ás vezes chegava a ajoelhar-se a seus pés, desorientada victima a pedir perdão ao verdugo.

Em face da morte o offendido perdôa, e alli era o offensor a morrer que em resentimento rancoroso parecia querer misturar com os trances de agonia envenenada pelo odio os trances do mais santo amor que o ciume levára á delirante ostentação de erros graves, de acendimento de suspeitas indecorosas; ao menos porém livres de provas convincentes de deshonra.

O Dr. Leoncio sem poder explicar aquella aversão inverosimil que manifestava por sua esposa o barão em estado tão critico, e prestes a separar-se dos vivos, violentou seus sentimentos generosos e nobres, e cumpriu seu dever de medico, pedindo á baroneza, que menos vezes fosse excitar com sua presença as commoções ingratas e repulsivas do marido.

A pobre martyr obedeceu amargurada; em vez de resentir-se desculpou as repulsas do esposo ingrato; mas quasi banida de seu lado, ella andava de dia e de noite de manso e ás voltas perto do quarto onde padecia o

doente amado, interrogava cem vezes o medico e os proprios criados, ia escutar á porta, e logo depois dahi fugia para chorar livremente, soluçando sem ser ouvida, e, sem o pensar, fulgurava como anjo de amor ainda dedicado e sublime nos tormentos da humilhação.

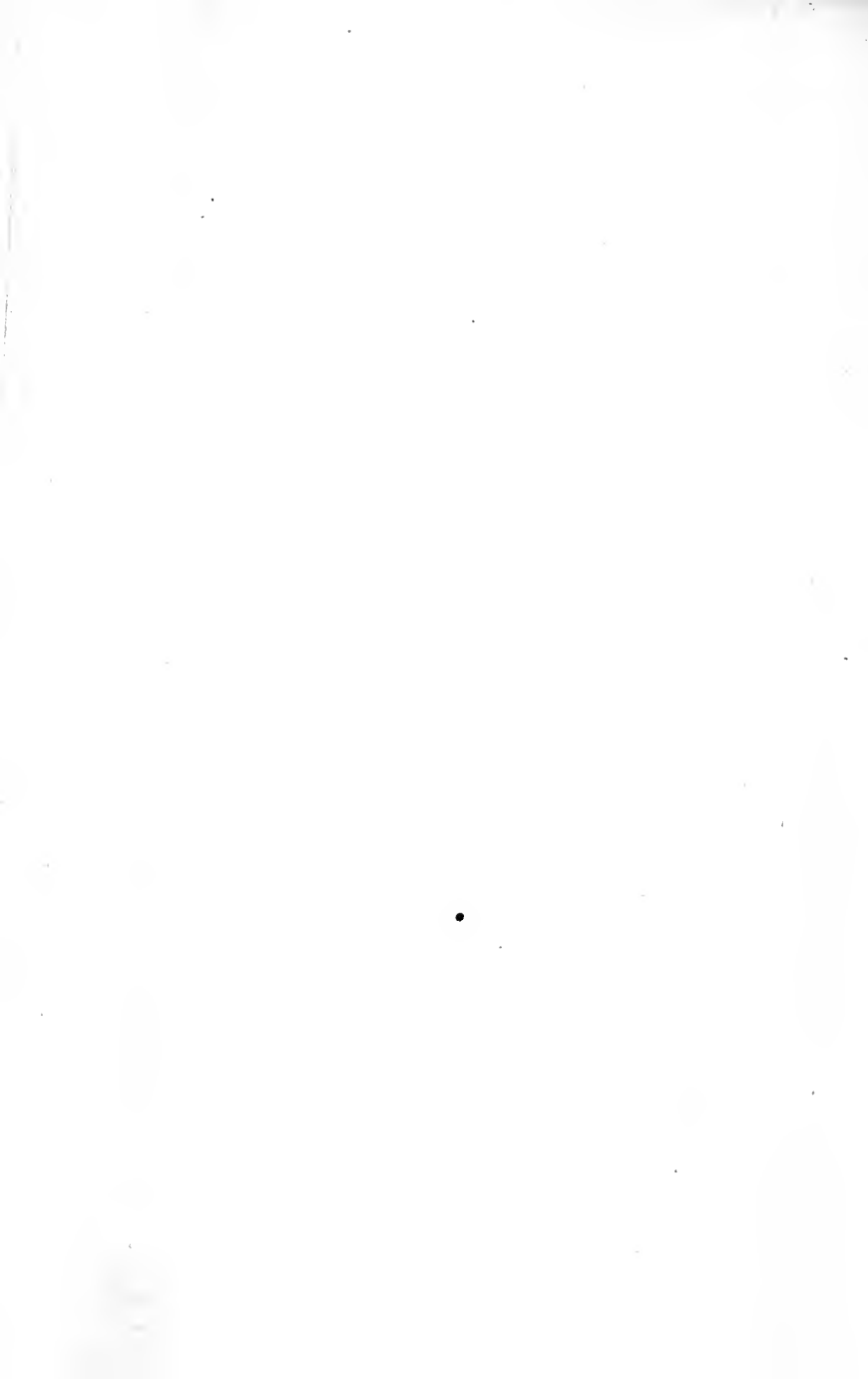
Não havia suspeição possivel de fingimento naquelle padecer, naquellas angustias da baroneza: na côr marmorea de seu rosto, na inflammação de suas palpebras, nas covas de suas faces, na magreza do corpo, no abatimento e murchidão das fórmas opulentas, no completo abandono dos cuidados de sua pessoa a esposa estremecida deixava ler testemunho mudo, mas eloquente da profunda e pungentissima dôr que lhe causava a idéa da morte de seu marido.

E no entanto pela viuvez a baroneza ficaria livre do esposo mais ingrato, rica, joven ainda, bella, e por certo cercada de adoradores a almejar solicitantes doce olhar, ou leve sorrir de preferencia.

Mas fóra e longe da casa do barão corriam as noticias do progresso assustador da doença deste, e do prognostico que o medico não occultava. O doente não recebia visita alguma; a baroneza era apenas visivel para um ou outro amigo mais intimo e de exigente

empenho em vêl-a e ouvil-a sobre o estado do barão: esses poucos e o Dr. Leoncio, pagando tributo á verdade, e á virtude, apregoavam a amorosa dedicação, as amarguras, a paciencia angelica, a ternura, e as dilacerantes afflicções da esposa tão generosa e tão calumniada.

E em sua maxima parte os numerosos testemunhadores dos ostentosos e ousados namoros da *baroneza de Amor*, e todos os detractores que a abocanhavam, sorriam-se ouvindo o elogio da sua virtude, e a descripção dos seus tormentosos soffrimentos, e murmuravam:

— Que mulher hypocrita.

## II

### O medico e a baroneza.

O Dr. Leoncio revoltára-se debalde, tendo mais de uma vez ouvido a insolente accusação de hypocrisia lançada contra a *baroneza de Amor*, e então pensava, dizendo entre si:

— Esta senhora certamente errou e comprometteu muito sua reputação; mas o seu castigo é horrivel!... e, coitada, sacrifica-se agora tanto, que nem é imaginavel que se exija mais do seu amor, e da sua virtude de esposa, em que aliás tão poucos acreditam!...

Mas o Dr. Leoncio não podia occupar-se muito da baroneza; seus incessantes e principaes cuidados se concentravam no barão.

No fim de quatorze dias de tratamento, de aggravação da doença, e de final desespero do medico, os symptomas já aterradores da

myelite pareceram declinar subita e inexplicavelmente: a febre diminuiu de intensidade, a dôr do ponto affectado do estojo medullar se pronunciou menos pungente e intoleravel á menor compressão.

Luzira inopinada bem que ainda leve esperança ao velho e habil medico que consciencioso ou modesto julgou o facto muito mais devido á força vital do doente, e á acção poderosa de sua natureza, do que á propria e consummada sciencia do tratamento que prescrevêra e presidira quasi sempre á cabeceira do barão.

Mas o Dr. Leoncio começou ao mesmo tempo e quasi logo a impressionar-se de uma observação, que a principio se lhe afigurou contradictoria, e por fim, bem ou mal esclarecida, susceptivel e até facil de annullar a inesperada crise favoravel, e de influir fatalmente sobre a doença do barão.

A febre ardente explicára até então ao medico agitada superexcitação nervosa que dessocegava o seu doente; a febre porém, arrefecêra, manifestára-se, como era natural, abatimento physico em proporção correspondente; mas a agitação nervosa, certa preoccupação exaltada do espirito, e emfim evidente fervor de paixões concentradas irritavam, affligiam, torturavam o barão de Amorotahy.

O Dr. Leoncio tendo interrogado debalde o seu doente sobre esse phenomeno permanente e perigoso que observava, procurou decifral-o com a sua propria razão.

O observador acertára, o raciocinador errou.

Com effeito o espirito do barão de Amorotahy ardia em paixões violentas.

A febre tinha sómente exaltado sua imaginação; antes porém da febre a furia das paixões lançára em seu animo veneno, e castigo.

O barão de Amorotahy lembrava com resentimento de vão e absurdo orgulho o lenço da baroneza que elle acreditava esquecido pelo capitão Avante na casa de D. Amalia de Villares. O favor daquella prenda não era prova da abjecção, de que lhe accusavam a esposa; autorizava porém suspeitas de exagerada condescendencia, que fazia estremecer a convicção do limite que a baroneza mantinha zelosa em suas audaciosas conquistas de adoradores mistificados. Não era porém essa idéa que mais o preoccupava.

A presença da baroneza o mortificava não por acendido ciume; mas por desamor, e remorso vivo. Em face della o criminoso era elle, que, perdido de paixão sensual por D. Villares, e predisposto a repudiar, em publico

desquite a esposa, attribulava-se, vendo-a, reconhecendo-a amorosa, ternissima, anjo-martyr a confundil-o, a despertar-lhe consciencia de ingratidão atroz com seus extremos de amor angustiado, e de santa e amplissima generosidade de offendida, que em vez de offerecer pedia consternada perdão.

A virtude da esposa torturava o marido infiel, o escravo da sensualidade que a preferiria adultera ostentosa para explicar, e escusar a escandalosa obediencia ás condições da rendição absoluta de dona Villares.

Outro porém era o affecto que mais atormentava o barão.

Elle ardia por vingar-se de Mario de Villares, o cobarde que o mandára agarrar para sem resistencia e sem risco applicar-lhe bastonadas, como a castigar despresivel offensor e ardendo por desaffronta ainda mais aviltadora, exasperava-se, sentindo-se paralytico, e ameaçado de incapacidade physica para desforço pessoal.

E isso ainda não era tudo, e nem era a preoccupação mais afflictiva.

A idéa principal, dominante e flagelladora do barão complexa e implacavel exaltava-lhe a imaginação ora a aterral-o com a hypothese mais do que possivel do forçado sacrificio de sua paixão impetuosa por dona Amalia de

Villares, ora traçando-lhe o painel da felicidade, e dos gozos tranquillos e não disputados do capitão Avante.

Nos tormentos da sensualidade que lhe corrompêra os costumes e o caracter e na superexcitação do seu espirito elle não duvidava que o Avante pudesse ser ao mesmo tempo amante da baroneza e de Amalia de Villares.

As vezes a velar longas horas da noite, o barão se agitava ao mais leve e insignificante ruido, e escutando attento e mudo, como que procurava verificar sinistro pensamento de infidelidade conjugal na entrada secreta do capitão Avante em sua casa, e pouco depois convencido de sua illusão, e injusta suspeita, mais vivamente se abalava, pensando, ou dizendo comsigo: «não veiu aqui, porque foi... lá.»

Assim paixões diversas e violentas e a flamma da lascivia traziam em grande effervescencia o espirito do barão, que estava experimentando nessa cruel exaltação o castigo de seu vicio predominante e fatal.

Mas o Dr. Leoncio não podia arrazar os segredos que o barão encerrava em sua alma, e empenhado em descobrir a causa daquelle padecer moral, combinando os factos passados com o mal contido desagrado que a presença da baroneza achava no doente, e

com o proprio silencio obstinado deste ou recusa de explicações sobre idéas e sentimentos que tempesteavam em seu animo, concluiu, que eram desconfianças da lealdade da esposa, e ardente ciume por fim despertado e aceso em flammas, que preoccupavam e traziam em excitação vehemente o barão paralytico.

Nas circumstancias em que estava o doente semelhante preoccupação invencivel e confrangente poderia ser mais do que nociva, capaz de influir maligna e irremediavelmente sobre a doença.

O Dr. Leoncio tanto mais apprehensivo, quanto sorrira á primeira esperança do feliz erro do seu funebre prognostico, impacientava-se temeroso, observando a permanencia daquelle soffrimento moral.

Tres dias depois da declinação dos symptomas aterradores, augmentou um pouco a febre, e o doente peiorou, embora não voltasse ao estado gravissimo, em que antes se achava.

O medico que hesitára até então em recorrer a um expediente que era impiedoso e violento decidiu-se a tomal-o sem demora.

E o Dr. Leoncio que dias antes dissera entre si *que não era imaginavel exigir mais do amor e da dedicação da baroneza*, foi ter com ella

para pedir-lhe talvez o impossivel, e para lançar em seu coração de esposa-martyr o mais horrivel remorso.

— Baroneza, disse elle; a doença de seu esposo se aggrava, e eu cumpro dever tristissimo, vindo dizer-lhe o que penso.

— E' que sou eu.... a causa!... perguntou a nobre e desolada senhora, adivinhando o pensamento do medico.

— Confesso, que o supponho, respondeu este, e em seguida expôz quanto observára e tinha chegado a concluir de suas reflexões.

A baroneza ouvira attentamente, e quando o Dr. Leoncio acabou de fallar, disse-lhe com tristeza profunda:

— O doutor se enganou; o barão não tem ciumes de mim; despreza-me.

O medico insistiu, e na insistencia apurou o valor e importancia de suas observações: em sua dôr immensa a baroneza quasi que aceitou lisongeada a duvidosa idéa do ciume do esposo; mas logo amargurada alvoroçou-se á supposição de ser causa, innocente embora, da aggravação da molestia do marido.

— Que tudo seja assim! exclamou ella; supponhamos tudo! que posso eu fazer para salval-o?

— De quem póde ter actualmente injustos

ciumes seu marido?... perguntou o Dr. Leoncio.

A baroneza que ainda teve lagrimas para banhar suas faces abrazadas em fogo de vergonha, respondeu com voz firme:

— Não sei a conta dos amantes, que minhas loucuras, e a malicia dos homens têm dado ao descredito da minha vida; o ultimo porém desses amantes que a calumnia proclama, é o capitão Avante.

— O barão o sabia?

— Naturalmente.

— Pois é preciso, é indispensavel apagar na alma do barão, a suspeita desse amor que póde matal-o.

A baroneza torceu as mãos com desespero, e perguntou:

— E como?

— Não sei, imagine o meio, baroneza; mas o caso urge; porque as suspeitas do barão podem ser-lhe fataes, aggravando o seu estado, como creio que concorrem já muito para a recrudecencia dos symptomas ameaçadores do termo de sua vida.

— E sou eu então quem mata meu marido?!!! exclamou a baroneza, cahindo em uma cadeira, e convulsando em desespero.

— Coragem, paciencia, e sacrificio até o extremo, baroneza! disse-lhe o medico: sei

que é martyr, e dou pleno testemunho de sua virtude; mas cumpre-nos salvar o barão: invente um meio, imagine um expediente que lhe tranquillise o animo... peço uma inspiração de mulher... peço...

A baroneza ergueu-se: tinha as faces abrasadas e os labios seccos e aridos: olhou para o medico e perguntou:

— Se o capitão Avante se propuzesse a noivo da menina Candida, minha afilhada?...

— Oh! que assim fosse!...

— Póde annuncial-o ao barão.

— Mas é então verdade?...

A baroneza que não podia reflectir bastante no que dizia, respondeu sem hesitar:

— Farei que o seja.

E retirou-se immediatamente como se tomada de confusão quizesse escapar aos olhos observadores do medico.

O Dr. Leoncio suspirou tristemente: acabava de sentir em seu espirito a primeira suspeita de relações menos innocentes entre a baroneza e o capitão Avante.

## III

## Sim!

Radiaram novas e mais lisongeiras esperanças: o barão melhorava sensivel e progressivamente: a febre cedêra de todo, a exaltação do animo agitado por mudas e obumbradas cogitações, arrefeceria, embora não se apagasse completamente.

O Dr. Leoncio tinha para si que a noticia habilmente dada do projectado casamento do capitão Avante com a menina Candida concorrêra muito para a sua inesperada e notavel victoria medica.

O experiente e illustrado medico clinico não se enganava em relação á influencia da noticia, que o barão a principio recebêra, duvidando e que só acabou por acreditar de realização provavel, quando o Dr. Leoncio lhe

assegurou que a baroneza protegia as pretenções do Avante.

O barão imaginou que no projecto desse casamento havia da parte da baroneza hostilidade feminil contra Amalia de Villares; mas julgando o capitão Avante naturalmente occupado em fazer assidua côrte á sua noiva, por isso mesmo o suppôz, senão absolutamente esquecido, ao menos esquivo, e distanciado de dona Amalia, e essa idéa mitigou o mais cruel dos seus tormentos.

Tudo ia pois a melhor, menos sómente para a infeliz *baroneza de Amor,* que continuava sempre a experimentar o menospreço, a enregelada indifferença, e o desagrado cruel que sua presença já muito pouco frequente causava ao esposo.

Tão dura e teimosa repulsão injusta e ingrata devia forçosamente gastar, e abater a mais santa dedicação. Demasiado, diariamente offendida, exposta assim em desamor diante dos proprios criados, a baroneza, desde que o marido se achou livre de perigo, e de ameaça de morte, começou a abrir o seio ao veneno do resentimento, e por fim encerrou-se em seu quarto, e não voltou mais ao do esposo que felizmente promettia entrar em immediato periodo de convalescença.

Os dias tremendos da abnegação, e dos

sacrificios de dignidade do anjo de amor tão desprezado estavam passados: o anjo encolheu as azas, e não voou mais em torno do leito do marido que era a polé de seu exageradissimo martyrio.

Mas o barão melhorava em progresso tão rapido que admirava ao proprio Dr. Leoncio: no fim de um mez de tratamento só incommodava, e affligia ao doente a incapacidade de movimento seguro em almejada marcha: o barão ainda não podia andar com firmeza de passos; a paralysia porém estava aos poucos desapparecendo.

O medico habilissimo e prudente repetia mil vezes ao barão:

— Cuidado; não se illuda com as sorprendentes melhoras de doença que hoje lhe confesso que reputei fatal: não se illuda, barão: sua convalescença deve ser muito longa e livre de abalos moraes, e principalmente de excessos physicos, e de choques materiaes: a affecção medullar persiste ainda; e a sua vida póde perigar seriamente de um momento para outro.

O barão, sorrindo-se, promettia tudo ao medico; mas cada dia a pensar em Amalia de Villares, objecto de sua paixão, e no cobarde inimigo, de quem desejava vingar-se, punha

em ensaio moderado e cauteloso a firmeza ainda muito vacillante do seu andar.

A baroneza, sabendo que o esposo já podia sem apoio do criado levantar-se e dar alguns passos em passeio pelo quarto, previu que elle não tardaria em receber amigos, talvez em breve a descer ao jardim, ou mesmo a sahir á rua, e lembrou-se do seu compromettimento relativamente ao capitão Avante e á menina Candida.

Se alguma vez pudesse haver santidade no desespero, santo desespero tinha determinado a illimitada imprudencia da noticia que a baroneza inventára urgida pelo medico.

Convalescido o barão, era facil á triste e opprimida esposa confessar a falsidade da noticia que ella autorizára o Dr. Leoncio a assegurar; mas que explicações para a escolha do nome do capitão Avante no mentiroso conto que devia servir para socegar o barão?..... além do barão o Dr. Leoncio não fôra prevenido da innocente mentira, pelo contrario ouvira em tres palavras indiscretas a revelação de mysterioso poder, que garantia a realização do casamento de subito imaginado.

A baroneza sempre infeliz proferira aquellas palavras quasi fóra de sua razão, em atropello, em violenta coacção moral; mas

calculando sómente com a abnegação, e com o affecto dedicadissimo do capitão Avante; uma hora depois, e quando pôde reflectir, ella comprehendeu que sob as calumniosas infamantes accusações de suas relações amorosas com o generoso cavalleiro, tinha provavelmente excitado suspeitas no espirito do Dr. Leoncio.

Se então, passado o perigo da morte do barão, ella se negasse a realizar o casamento do capitão com a menina Candida, que pensaria o velho amigo, o Dr. Leoncio, de seus sentimentos, e do seu proceder para com o Avante, que a diffamação lhe dava por aditado amante?....

A baroneza era sempre impulsada a precipitar-se pela funesta e escabrosa ladeira a que se lançára nos phrenesis do ciume do esposo infidelissimo.

Mas a idéa do casamento do capitão Avante com a menina Candida não era inteiramente nova no animo da baroneza, que chegára um dia a imaginal-a, como recurso para arredar o seu cavalleiro dos perigosos ardis de Amalia de Villares: esse pensamento que não se desenvolvêra em meditado plano esvaecêra-se facil; porque embora não amasse o capitão, ella sabia com que apurado e singular amor era profunda e secretamente adorada por elle.

O Dr. Leoncio levára a esposa consternada a lembrar-se daquella idéa que nem chegára a ser projecto, e a arriscar-se, affirmando que a tornaria em facto.

Era tempo de satisfazer o compromisso tomado, ou de entrar em explicações difficeis, melindrosas e penosissimas com o medico.

A baroneza passava das maiores afflicções para os maiores constrangimentos; mas depois de tristes hesitações, submetteu-se ao que se lhe afigurou seu dever.

Com facilidade conseguiu que sua tia dona Margarida se prestasse a auxilial-a, emprazando o capitão Avante para uma conferencia particular em sua casa.

No dia convencionado a baroneza mandou levar ao barão uma carta em que dona Margarida dizendo-se doente pedia á sobrinha que a fosse vêr; pois que as felizes melhoras de seu marido já lhe permittiam uma hora de ausencia.

A carta era uma explicação: a baroneza sahiu.

E era tempo.

O barão apoiando-se em uma bengala, já podia andar sem soccorro alheio, embora ainda com arrastados passos.

A baroneza anciosa e tremula chegou á

casa de sua tia, onde o capitão Avante se achava desde alguns minutos.

Ao vêl-a o capitão não pôde conter e reprimir um movimento de sorpreza.

Havia pouco mais de um mez, que o barão se achava doente: o capitão fôra duas vezes á sua casa deixar o seu bilhete de visita; mas discreto nem se fizera annunciar á baroneza, que depois de um mez lhe apparecia emfim emmagrecida, macillenta, com os olhos encovados, e com a dôr estampada na face.

A baroneza sorriu-se tristemente, observando a impressão que produzira, e que o cavalleiro não pudera dissimular.

— Aproveitemos depressa esta hora destinada á mais atrevida exigencia de mulher desgraçada, e ao maior abuso da santa dedicação do cavalleiro mais generoso.

O Avante ficou impassivel, como quem desde muito exaltado tomára por consolação do seu amor infeliz não medir a extensão de sacrificio algum em favor da baroneza.

— Acha bonita e agradavel minha afilhada dona Candida?... perguntou rapida a constrangida senhora.

— Certamente.

— Julga-a capaz de felicitar o homem, de quem fosse noiva, e esposa?...

— Sim, minha senhora.

— Senhor capitão, disse a baroneza a pedir com a voz, com o olhar, e com as mãos quasi postas em indicação de fervoroso implorar; meu nobre cavalleiro! seja desde hoje noivo, e em breve esposo de minha afilhada!...

O Avante estremeceu todo, e com a pallidez da morte no rosto, pois que o sangue lhe refluira para o coração, respondeu logo:

— Absolutamente não, minha senhora.

E como ferido por golpe inesperado e profundo fez um movimento para levantar-se.

A baroneza exultante no coração, orgulhosa, quasi feliz nesse momento de suave consolação de mulher que se reconhece amada — ella tão desprezada por quem amava —, tomou entre as suas as mãos do capitão, apertou-as com força, e perguntou-lhe docemente:

— Porque?...

— Porque não amo, nem posso amar sua digna afilhada...

— Mas porque?... tornou a perguntar a baroneza imprudente; mas a saborear sentimentos que lhe negavam com ingratidão cruel.

O Avante respondeu commovido:

— Porque amo outra mulher... embora....

— Embora que?...

— Seja casada, e ame seu marido.

Dona Margarida olhou suspeitosa para o capitão e para a baroneza, que sem perturbar-se disse immediatamente:

— Nutre amor infeliz; cure-o com outro que lhe dará a principio consolação, e logo depois encanto...

—Ainda não comprehendi, nem a senhora que amo comprehendeu até hoje que haja dous amores na vida.

A baroneza turbou-se um pouco, recebendo a allusão para ella clarissima.

O capitão Avante acrescentou com evidente empenho de contrariar a proposição que acabava de lhe ser feita:

— V. Ex. tem em si o exemplo: não é feliz no seu amor de esposa, dizem-n'o; mas, eu o juro, o seu primeiro amor é ainda o unico.

A baroneza assim rebatida, esqueceu o desvanecimento feminil, que de subito a enlevára, e toda occupada do seu difficil empenho, exclamou, mudando de tom:

— Porque se referiu a mim?... eu fallava-lhe de amores innocentes e puros... e estou condemnada a desterro da innocencia, e da virtude!... é exactamente este o ponto principal da conferencia que nos reune: não m'o diga, ninguem me venha dizer, sei que me dilaceram a reputação, sei que me attribuem tres, ou dez, ou cem amantes, e ainda

depois de tantos e por ultimo o capitão Avante!... para que se lembrou de mim?... oh!... não se trata de mim, quando se falla em amores santos!... minha reputação, meu nome de esposa são como restos de naufragio como estragado e desprezivel espolio de desgraçada defunta.

— Quem ousa ainda hoje calumnial-a?... perguntou o Avante, erguendo o rosto.

— Pouco importa saber quem é que diz, o que quasi todos dizem; respondeu a baroneza: o que importa é que eu me resigne á humilhação em castigo de minhas culpas, e que o capitão me escute para decidir da minha sorte, se é que eu ainda mereço ser ouvida.

A baroneza fallou com a eloquencia de exaltados sentimentos, expondo quanto se passára entre ella e o Dr. Leoncio, e as circumstancias em que este lhe arrancára o desatinado compromisso.

A conferencia durou quasi duas horas: a resistencia do capitão Avante foi tenaz e desesperada; mas emfim as lagrimas, e as angustias da mulher estremecidamente amada despertaram-lhe na alma o grandioso sentimento que predominava em sua natureza magnanima.

O Avante levantou-se de repente a um impeto de extrema abnegação, e apparentemente

frio; mas com as mãos agarradas ao peito da sobrecasaca militar, como se quizesse conter o coração, voltou-se para dona Margarida e disse-lhe com voz grave e solemne:

— Minha senhora, eu amo a senhora baroneza!

E logo cravando os olhos no rosto da mulher, a quem amava, disse-lhe tremulo, profundamente triste, sombrio, e como succumbido:

— Minha senhora... minha senhora... amo-a!... mas...

E sentindo que o amor e o desespero lhe tolhiam a voz, o capitão Avante resumiu a grandiosidade do seu sacrificio, murmurando surdamente:

— Sim!

E sahiu precipitado.

.........................................

Quando a baroneza chegou de volta á sua casa, já não encontrou nella o esposo ingrato e cruel.

O barão de Amorotahy logo depois da sahida da baroneza, tinha mandado encher de alguma roupa duas malas de viagem, e apparelhar o seu carro, no qual partira com o seu criado de confiança sem dizer para onde e sem, ao menos por decoro, despedir-se de sua esposa.

## IV

### A Leôa ferida.

A baroneza ficára por momentos estupefacta ao annuncio da subita partida de seu marido.

O barão não lhe deixára nem recado, nem explicação alguma: apenas recommendara a entrega da carta que escrevêra ao Dr. Leoncio.

Era extremo e selvagem golpe de desprezo e de aborrecimento descarregado sobre a infeliz esposa.

Mas a baroneza passou em breve da estupefacção á colera, e á revolta de animo.

Ella durante a doença e o tratamento do barão a todos commovêra com os cuidados, com as afflicções e os terrores, com os estremecimentos do seu amor em exaltada manifestação, e com a paciencia angelica

que lhe dera forças para não resentir-se das desabridas repulsões do esposo: a desprezada tivera de confundir-se em face do medico e dos famulos testemunhas do menoscabo, com que o marido a repugnava, ou a aviltava como criminosa odiada. Isso fôra horrivel; ao menos porém passava-se no seio do lar domestico.

Mas o barão ainda doente, precisando de tratamento zeloso, e de convalescença morosa, prolongada, e melindrosa fugia de sua casa sem licença, nem conselho do medico, partindo de improviso com um criado por toda companhia, e deixando a esposa na ignorancia do seu destino, e até privada do simples decóro de ligeira ou ceremoniosa despedida verbal ou escripta.

O desprezo do barão ultrapassava todos os limites, e tocava á rudeza brutal, e á indignidade do calculo injuriador.

Era desprezo publico e ostentoso.

Que se pensaria da baroneza já tão compromettida, vendo-se o barão ainda doente e em tanta dependencia e necessidade de affectuosos desvelos, correr a procurar abrigo longe de sua casa, preferindo confiar-se ao serviço de um unico criado, a ficar tratando-se ao lado de sua esposa?...

A baroneza já não se occupava mais do

juizo do publico: não pensou senão alguns minutos na sua injusta diffamação, que o procedimento inqualificavel do barão ia aggravar. Que importava uma calumnia mais a quem por dez ou vinte já se achava condemnada?...

Mas a ingratidão desmedida?... a ingratidão levada ao crime de atiral-a em ignominioso desprezo ás garras da aleivozia, e da maledicencia envenenada?...

Ella, amorosa esposa em trances de amargura se ajoelhára chorando aos pés do esposo ameaçado de morte, e o esposo ingrato, adultero, indigno do seu amor a repellira com os pés!...

O barão de Amorotahy rejeitára os extremos do seu amor, e as delicadezas de escrupulosa enfermeira; levára o Dr. Leoncio a obrigal-a a apparecer limitadas vezes aos olhos do seu doente, e por ultimo procedêra de modo que a misera esposa se submetteu ao vergonhoso extremo de privar-se do direito de entrar no quarto, onde elle ao declinar da molestia sorria esperançoso á convalescença.

A paciencia angelica da baroneza gastára-se toda nesse soffrer de desamor, de desprezos, de ultrajes durante o periodo tremendo, ameaçador da vida do barão.

Depois a baroneza menosprezada, offendida, clara, evidentemente repugnada diante do medico, na presença dos famulos, negára-se ás torturas do menoscabo, e concentrára-se resentida em triste isolamento.

Era isso mais que de sobra para o pundonor e a dignidade de esposa brutalmente injuriada.

Mas o barão de Amorotahy foi além, fez publico, deu a todos em triste manifestação o ignominioso desprezo, em que tinha a esposa, rejeitando-a em sua convalescença, fugindo de seu contacto, de sua facil aproximação, e preferindo ao seu zelo, aos seus cuidados o auxilio, e o serviço mercenario de um criado, fugindo com elle para longe do lar domestico.

O coração da baroneza abriu-se todo ao mais vivo resentimento, seu animo entrou em revolta; ella não chorou mais, rugiu como leôa ferida e raivosa.

Não ha amor que resista á ingratidão, e além da ingratidão ao desprezo franco, e além do desprezo franco ao calculado e perverso abandono á irrisão publica.

A baroneza indignada não lembrava mais o barão, como d'antes, embravecida em ciumes, ou amargurada pelo injusto e barbaro menospreço, lembrava-o, como se lembraria

de serpente venenosa que a tivesse mordido, e sem que na sua acendida ira se indicasse o menor impulso do antigo amor desatinado; mas indomito e dominante.

Ainda sob as primeiras e vehementes commoções que lhe excitára a inopinada partida do esposo a baroneza viu entrar o Dr. Leoncio, e nem podendo saudal-o com a voz, apertou-lhe a mão e entregou-lhe a carta do barão.

O medico turbou-se sorprendido, lendo a carta: reflectiu breves momentos e logo depois, como quem pensasse em dar contas de si, e livrar-se de qualquer suspeita de complicidade no acto escandaloso do barão, quiz passar o conciso escripto ás mãos da baroneza, que negou-se a recebêl-o, repellindo o papel.

O Dr. Leoncio leu então em voz baixa e discreta:

« Doutor: disse-me hontem que no fim de dez ou quinze dias me mandaria convalescer em algum lugar saudavel fóra da cidade. Senti-me hoje muito melhor, e abreviei o prazo de minha convalescença no campo. Mil vezes obrigado. Até a volta. — Seu amigo — *Barão de Amorotahy.* »

A baroneza mostrou-se indifferente, e como que alheia á leitura da carta.

O Dr. Leoncio fixou os olhos no rosto da baroneza, e depois de curta observação em que notára o fogo do olhar, o abrazamento das faces, e a contracção dos musculos labiaes, disse brandamente :

— Fugiu-me um doente ; mas ficou-me outro : baroneza, seu marido.....

A baroneza estremeceu, e voltando-lhe emfim a voz, balbuciou colerica :

— Ma...ri...do ?...

— Sim, seu marido.....então ?...

A baroneza respondeu surdamente :

— Doutor, eu sou viuva.

O medico tornou a fitar os olhos na infeliz esposa apprehensivo e temeroso ; mas dissimulando a zelosa inspecção , disse-lhe ainda :

— Está com razão magoada e resentida : o barão procedeu tão loucamente, que eu a supponho obrigada a tolerar meus conselhos de velho amigo e a sujeitar-se a minhas imposições de medico.

— Acha que estou doente ?... julga-me talvez ameaçada de loucura ?.... perguntou a baroneza, rindo sem verdadeiro rir ; porque no seu riso os labios convulsavam nervosamente.

— Julgo-a muito naturalmente em morbida excitação.

— Engana-se, doutor; doente achava-me eu; mas agora, e desde hoje estou curada....

— Baroneza !.....

— E' positivo; é facto: eu achava-me doente; minha molestia......chronica....era o amor que eu sentia por meu marido..... doutor! juro-lhe que estou curada. Já não amo o barão de Amorotahy. Crêa-me! elle ainda não morreu; mas eu desde uma hora sou viuva.

O Dr. Leoncio, menos receioso de ver cahir a baroneza em forte crise nervosa, tornou, dizendo-lhe:

— Ainda bem que póde dispensar os serviços do medico; aceite porém os do amigo, baroneza....

— Sempre, doutor; disse tristemente esta.

— Dá licença que lhe peça algumas informações?....

— E' inutil; mas póde fazel-o.

— Houve hoje, ou hontem penosa desintelligencia, ou....queixas...ou emfim....o quer que fosse de desagradavel a preceder á partida do barão?. ..

— Nada absolutamente.

— A baroneza foi ver seu marido.....trocaram palavras...

— Não: o doutor sabe que o barão repugnava minha presença.

— E que lhe disse o barão ao partir ?...

— Eu não o vi sahir.

— Oh ! nem se despediu ....

— Eu não estava em casa, quando elle sahiu....

— Talvez ainda alguma suspeita....

— Nem isso ao menos : estava prevenido de que ia á casa de minha tia ; porque mandei-lhe o bilhete, em que ella me rogava que a fosse ver.

— Ella está doente ?....

A baroneza perturbou-se um pouco ; mas respondeu immediatamente :

— Não.

O Dr. Leoncio curvou a cabeça, e pareceu como constrangido pela perturbação que notára.

A baroneza perguntou, agitando-se :

— Não quer outras informações ?....

— Oh, não !

— Quer, sim ; e dou-lh'as completas.

— Se o pensa necessario...

— Não é do barão, é de mim que se trata agora. Doutor, fui á casa de minha tia para ter em sua presença uma conferencia indispensavel com o capitão Avante.

— Baroneza !

— E foi o senhor Dr. Leoncio que me obrigou a isso.

— Eu?!!!

— Sim!

E a baroneza, ainda mais expansiva e ousada em sua exaltação nervosa, referiu ao velho amigo toda a historia de suas relações com o capitão Avante, a origem dellas, a declaração de amor do cavalleiro, e sua magnanima dedicação desinteressada e sublime depois de saber que nunca poderia ser amado pela esposa que muito desprezada amava sempre seu marido.

O Dr. Leoncio viu imprudencias, romanesco sacrificio, cegueira de confiança na historia da baroneza; acreditou porém em tudo, observando, admirando a fervorosa eloquencia da narração fluente, rapida, ás vezes precipitada; mas sempre em nexo verosimil, consequente, e sempre isenta da mais ligeira contradicção.

Finalmente a baroneza exclamou:

— Foi assim que pela certeza do meu poder sobre esse cavalleiro, e pela confiança que eu tinha em sua abnegação pessoal para prestar-se a quanto eu delle exigisse a fim de felicitar minha triste vida ou de minorar minha desgraça, foi assim, Dr. Leoncio, foi por isso que eu lhe asseverei, que faria com que esse generoso mancebo desposasse minha afilhada.

— E então?...

— A conferencia em casa de minha tia teve por objecto esse empenho, a que o doutor me obrigou para salvar a vida de meu...... desse homem que foi meu marido.

— E o capitão Avante?... perguntou vivamente curioso, o medico.

— Resistiu, revoltou-se, oh, doutor!....eu vi-o em horriveis tormentos: mas por fim em ancias de condemnado; mas sublime em sua dedicação, curvou-se á minha vontade, e estupendo no sacrificio, quasi sem voz pelo excesso de dôr, respondeu-me balbuciante — sim! — e fugiu desesperado sem ao menos saudar em despedida nem a minha tia, nem a mim!...

— Oh, baroneza!..... exclamou de novo o medico; o seu infortunio é enorme; mas a estima do capitão Avante é consolação igual pela admiravel grandeza da sua virtude!.....

A baroneza exaltou-se ainda mais, e disse com ardor:

— E eu, doutor?...e eu?...com que direito, como pude exigir, demonio do abuso, demonio do egoismo, como impuz o sacrificio perpetuo daquella vida, e daquelle amor primoroso?... e por quem?...

— Baroneza!... disse o Dr. Leoncio, querendo conter o rugido da leôa ferida.

— Oh, não!...exclamou a baroneza, levantando-se arrebatada.

— Que vai fazer?...

— Vou escrever ao capitão Avante; quero vêl-o hoje mesmo...immediatamente...

— E para que?... perguntou o medico, levantando-se tambem.

— Para dizer-lhe que...as razões da minha exigencia egoista e barbara cessaram para sempre...e que...

— E que o capitão Avante está dispensado de levantar essa outra barreira diante do seu amor; acrescentou o Dr. Leoncio, que interrompêra a baroneza.

— Doutor! exclamou esta.

— Pelo menos assim o pensará o capitão Avante.

A baroneza fez um movimento de impaciencia e de colera.

O velho amigo continuou, dizendo:

— Enfade-se embora; ouça porém a verdade: é do seu indeclinavel dever desarmar por todos os meios as calumnias dos seus detractores e as suspeitas, que amesquinham o seu credito.

— Já não tenho credito; respondeu a baroneza com rispidez.

— O casamento do capitão Avante com a sua afilhada...

— E' sacrificio que já não tem razão de ser.

— Tem; porque nesse casamento o capitão reconhecerá o mais completo desengano dado ao amor que lhe tributa.

— O desengano mais completo elle o recebeu logo após a declaração do seu infeliz sentimento.

— Já m'o disse, e eu creio plenamente em tudo que lhe ouvi; mas o amor que não morreu com o desengano, e que se dissimula em dedicação amiga, vive ainda, e sómente póde viver de sonhos embora vãos, e de esperanças ainda mesmo illusorias.

— Supponhamol-o; respondeu a baroneza: que tenho eu com os sonhos alheios?...

O Dr. Leoncio fitou a baroneza que resistiu impavida ao olhar perscrutador cravado em seu rosto.

O velho amigo disse logo depois:

— A baroneza é virtuosa; porque sabe dominar-se e vencer e esmagar affectos, que em sua consciencia, e por dever, e por educação condemna; mas...

— Acabe!...

— No fundo do seu coração sepulta dignamente involuntario sentimento.... desenganou, sim; fulgiu pela virtude; ama porém o capitão Avante.

A baroneza desatou emfim a chorar ainda

irosa; mas desprendendo-se e desabafando-se da colera pela valvula do pranto.

— Acertei ?... perguntou o velho medico docemente.

— Oh, não!....mil vezes não!.... eu só amei um homem!.... eu só amei, eu amava meu marido!.... oh!.... mas o amor é a escravidão, o rebaixamento, o inferno da mulher!.... o meu opprobrio proveiu desse sentimento aviltador! marido ou não o homem amado é o algoz, é o assassino da mulher que o ama!.... doutor!.... eu já não tenho coração; porque já não amo. Doutor!.... eu sou viuva.

Esta volta apaixonada e desabrida ao justo e enfurecido resentimento do proceder perverso e revoltante do barão agradou, enterneceu, felicitou o bom amigo Dr. Leoncio, que ainda interessado, e solicito, aproveitando as expansões da exaltada senhora, tomou-lhe as mãos, beijou-as commovido, e disse com subtil curiosidade:

— Mas não é do barão, do seu injustissimo marido que eu fallava....

— Tinha me fallado de amor!... respondeu enxugando as lagrimas a baroneza.

— Eu ousava alludir ao capitão Avante.....

— Juro que não o amo.... juro que nunca animei o seu amor....

— Mas tolera-o....

— Não!....

— Baroneza!....

— Não!... não!...

— Oh!... é incomprehensivel!... baroneza!... cada palavra sua é um raio de luz de verdade: explique-se!... franqueza com o velho amigo; o que devo pensar do que sente com a certeza de que o capitão Avante a ama tão extremoso e abnegado?... diga!...

— Doutor!... meu amigo!... eu sou mulher e fui vaidosa... Doutor!.. eu não amo o capitão Avante; mas me desvanecia.... oh!. digo-o, ufano-me do seu amor; porque outro igual, tão puro, tão sublime, tão santo nunca mereci na terra.

— Baroneza!... disse o Dr. Leoncio; chego a pensar que tem fundamento a sua ufania; mas por isso mesmo eu lhe peço grande favor.

— Diga-o.

— Não escreva hoje, nem amanhã antes de ouvir-me ao capitão Avante.

— E amanhã, doutor?...

— Eu voltarei a vêl-a.

— Pois bem, doutor; seja assim; mas até amanhã sem falta.

## V

### A Chacara escura.

O barão de Amorotahy só pensava em Amalia de Villares, e reconhecendo-se melhor, se retirára de sua casa; porque não podia nella avistar-se com o objecto de sua paixão criminosa.

Elle dera suas ordens ao cocheiro, que ou casualmente, ou porque fosse de menor volta a passagem, levou o carro pela rua, onde morava dona Margarida.

O barão fizera cerrar as cortinas para escapar á curiosidade um pouco incommoda de pessoas que o conhecessem; ainda assim porém não lhe foi estranha a rua por onde era levado, e instinctivamente ao aperceber-se de que ia passar por diante da casa de dona Margarida, dobrou o corpo, e levando a mão á cortina, entreabriu-a de leve, e olhou.......

Era o momento em que o capitão Avante sahia apressado, tendo concluido a conferencia com a baroneza.

O barão fechou rapida e completamente a cortina que entreabrira, e com os dentes cerrados murmurou surda, mas horrivel injuria, que o criado que o acompanhava felizmente não entendeu.

O esposo em primeiro impeto de orgulho, reputando-se ultrajado, sentira forte abalo; serenou porém quasi logo e com promptidão que chegaria a afigurar-se inverosimil.

O barão experimentava prévio remorso do ultimo ultraje que preparava a sua esposa escravo cego da vontade e do odio de Amalia de Villares, estava decidido a desquitar-se da baroneza, e em sua consciencia se condemnava por isso, como oppressor perverso daquella, cuja desgraça fizera.

Durante sua doença o amor extremoso e manifesto, os ternos cuidados da baroneza o irritavam: elle a quereria antes indifferente ao seu padecer, manifestamente impiedosa, má emfim: elle aspirava apparencias, ou fundamentos que mais tarde diminuissem o peso do remorso, e desculpassem o acto violento e atroz que premeditava.

O lenço da baroneza que dona Villares denunciára esquecido em sua casa pelo capitão

Avante não era decisivo argumento que demonstrasse a extrema condescendencia ignominiosa da esposa accusada: podia ser imprudente, estouvado mimo da senhora que em ciumenta vingança se deixava namorar, e até provocava galanteios.

Mas finalmente o barão acabava de receber um golpe inopinado, indicio que lhe pareceu vehemente da sua deshonra conjugal.

Elle não suspeitára da baroneza, sabendo que ella sahira a visitar sua tia: lera o bilhete escripto por esta a reclamar a visita, e sem leve conjectura de ardil e de perfidia, sómente aproveitára a ausencia da esposa para effectuar logo e precipitadamente sua já projectada partida para preparado retiro, a fim de evitar na hora da retirada possiveis e até provaveis scenas de justo resentimento, ou de expansões dolorosas do amor, que estava aggravando os seus remorsos.

Elle partira, e levado pela rua onde demorava a casa de dona Margarida, vira sahir della o capitão Avante.

Portanto houvera ardil e perfidia na visita da baroneza, que em sua tia achára complice de aviltamento.

Dona Margarida era viuva de preclara honestidade; mas senhora muito simples e rude de quem facilmente abusaria a intelligente,

instruida, e habilissima baroneza, que ella amava com todas as cegueiras de amor de mãi.

A visita da sobrinha á tia fôra pretexto, e explicação falsaria : o fim tinha sido encontro ajustado da baroneza com o capitão Avante.

E para que esse encontro dissimulado? para que a esposa enganára o esposo, e com a mais revoltante mentira inventára molestia da tia, e fôra na casa desta passar duas horas em secreta, mysteriosa intelligencia; em intimidade com o capitão Avante...já por todos tão suspeita?...

Dona Margarida era velha, e os velhos têm o somno facil, e os moços sabem fazêl-os dormir.

O capitão Avante mal conhecia, ou nem conhecia dona Margarida, que raro e só por excepção se mostrava na sociedade : que motivo pois o levára á casa da simples, rude viuva á mesma hora em que lá fôra tambem a baroneza?...

Evidentemente todas as apparencias, as circumstancias, a coincidencia inexplicavel da presença dos dous suspeitados amantes á mesma hora na mesma casa eram indicios vehementes da traição, e da infidelidade da esposa do barão de Amorotahy.

Ao receber de improviso e inexperadamente a impressão terrivel do flagrante delicto da baroneza, o esposo ultrajado se revoltára, e em furia abafada fulminára a supposta adultera com insulto, que falizmente não foi servido.

Mas o barão serenára mais prestes, do que era imaginavel em homem ainda mesmo de pouco brio.

O escravo louco, o lascivo apaixonado de dona Amalia de Villares descobrira nas vivas e verosimeis conjecturas do seu opprobrio de esposo uma escusa do seu determinado escandalo, um fundamento aceitavel para desquitar-se da baroneza, uma desculpa illusoria ante a propria consciencia, que aliás pune sempre, zombando de illusões, uma defesa improficua contra o remorso, que aliás morde e remorde sem cessar alimentado á força pela lembrança do crime no animo do criminoso.

Mas o barão de Amorotahy só e exclusivamente se occupava de Amalia de Villares.

O demonio da volupia levava em anciosas esperanças o seu possesso.

O barão de Amorotahy tinha mandado poucos dias antes alugar com segredo recommendado e obedecido, e preparar para

recebêl-o grande e um pouco solitaria hachara em Andarahy.

O sitio era retirado, escondido entre dous montes; a casa se perdia occulta no meio de extenso, e sombrio arvoredo.

Chegando ao seu abrigo, o barão recolheu-se andando fracamente; mas sem o apoio do braço do criado.

Entrando em casa seu primeiro pensamento e cuidado foi escrever.

O que elle escreveu foi a seguinte, resumida e eloquente carta:

« Dona Amalia :— Morro se não a vejo : só para vêl-a estou desde este momento, e só, e sem receiar companhia em Andarahy, chacara conhecida pela denominação de—*Escura* — oh! a escuridão pede luz—e o amor pede vida : a vida é o olhar, é a voz, é o sorrir do anjo : quer saber quem é o anjo?... venha perguntal-o ao—*barão de Amorotahy.*»

O criado recebeu esta carta, e ordem para partir a entregal-a immediatamente.

Indiscreto ou malicioso o criado perguntou com os olhos no chão :

— Devo apresentar-me á senhora baroneza, e informal-a do bom estado do senhor barão?...

— Não é preciso : a baroneza o sabe: disse o barão de máo modo.

O criado partiu.

O barão foi sentar-se á sombra de arvore frondosa, e fatigado pela viagem adormeceu ao bafejo de doces auras......

E adormecido sonhou com Amalia de Villares.

## VI

### Contracto de duas infamias.

O barão de Amorotahy ardia por ver Amalia de Villares; mas apezar de conhecer como ella era ousada não contava com a sua condéscendencia até o ponto de vir visital-o na chacara solitaria.

O criado chegou com a resposta da bella e estouvadissima senhora.

O barão rompeu com viveza o envoltorio da carta; não achou porém que ler: o envoltorio continha apenas uma flôr: era uma saudade.

Semelhante resposta contentaria a um namorado de vinte annos de idade, inspiraria talvez suave canto a algum estudante poeta.

O barão tinha em ridiculo o amor platonico, e seus gozos imaginarios: a *saudade* que Amalia de Villares lhe mandára obumbrou-o; porque lhe apagou a esperança de fruir em-

bora por muito pouco tempo a presença da mulher que lhe incendiava o coração.

Ainda assim em parte o cansaço da viagem breve e commoda, mas em todo caso fatigante para quem muito fraco estava, e tambem por certo a benefica influencia do ar puro e saudavel de Andarahy deram ao doente entrado em convalescença noite de somno longo, doce e tranquillo, como desde mais de um mez elle não tinha dormido.

O barão acordou tarde conforme costumava; o despêrto trouxe-lhe a tristeza: a sua paixão o perseguia incessante com a imagem de Amalia de Villares a inflammar-lhe a imaginação sensual.

Depois de ligeiro almoço foi sentar-se melancolico e pensativo á beira de limpida corrente que vinha do alto da montanha por leito pedregoso.

Era meio dia: o sol brilhava ardente; mas o barão abrigado á sombra de um grupo de arvores sentia sómente o calor vivificante sem experimentar a severidade dos seus raios: da vegetação respirante da briza a susurrar com as folhas, e da corrente que murmurava, descendo por seu leito semeado de pequenos rochedos multiformes, vinham-lhe doçuras a enleval-o em abandono da alma á suave melancolia.

Como a querer sonhar sem dormir elle fechou os olhos, e em alheação ... deixou-se imaginando..... phantasiando.....

Uma hora assim, e ainda de olhos cerrados.....sem ver o sol; sentindo porém a doce briza, ouvindo o murmurio da corrente, quando fraco; mas distincto ruido estranho o arrancou do enlevo, e obrigou-o a olhar e ver.......

O barão olhou...e viu.....escapou-lhe quasi um grito, e, abatido convalescente, quiz levantar-se e não pôde..... sorriu inebriado..... estendeu os braços..... e saudou em muda eloquencia a inexperada e exultante dita, que o sorprendêra.

Dona Amalia de Villares acabava de mostrar-se aos olhos do barão, surgindo d'entre as arvores, como graciosa e romanesca apparição.

A linda e terrivel senhora invejosa e malefica não abandonára seus planos contra a *baroneza de Amor*. O capitão Avante estouvadamente excitára ainda mais suas iras feminis.

Depois da noite em que fizera a declaração do seu amor de selvagem a dona Villares, o capitão não tornára mais á casa desta.

Corria como certa a noticia de que o barão estava ás portas da morte, e mais tarde que,

se milagrosamente escapasse então á sepultura, se achava condemnado á paralysia por todo o resto de sua tristissima vida.

Morto ou paralytico o barão, desappareciam as circumstancias que tinham levado o Avante por calculo tão original, como imprudente a ir declarar-se apaixonado selvagem de Amalia de Villares.

Pensando assim, o capitão esquecêra de todo a vaidosa senhora, que por muitos dias o esperou debalde.

Amalia de Villares soubera do attentado que o barão soffrêra, e do soccorro opportuno do capitão; acreditava que este, e o barão tinham reconhecido o autor principal do crime, que além disso todos indicavam; não admittia porém que o Avante acreditasse que ciumes da esposa, e desaffronta de honra offendida tivessem armado o braço de seu marido; e rejeitava ainda mais e absolutamente a hypothese de que o medo espantasse de sua casa o cavalleiro conhecidamente bravo e audaz.

Outra devia ser a explicação do facto e Amalia de Villares com seu instincto feminil dessa vez injusto e falso viu a *baroneza de Amor* influindo sempre sobre o Avante e dirigindo o seu procedimento.

O capitão desertára ou raro apparecia nos

theatros e nos salões, onde sabia que a baroneza toda occupada de seu esposo prostrado no leito e em risco de vida, não podia apresentar-se.

Mas dona Villares era teimosa, e não recuava ante a inconveniencia, e o compromettimento de sua dignidade, quando algum empenho a impulsava.

Um dia o capitão Avante recebeu pelo correio urbano brevissima carta sem assignatura, e leu o seguinte:

«Fulge agora sem occaso o sol ?...o selvagem offuscado e perdido em abysmos de luz sacrificou esquecido o seu culto feroz á estrella da noite ?...»

O Avante era em verdade até certo ponto eivado de selvatica aspereza; pois que facil reconhecendo de quem lhe viera a carta indiscreta e provocadora de impetos *ferozes*, amarrotou, fez em pedaços o papel, e não correu aos pés da offerente vencida a reclamar com selvageria autorizada a sua corôa de brutal vencedor.

Amalia de Villares permittira de plano todas as esperanças de sua aviltadora rendição, escrevendo aquella carta; mas contando com o selvagem, preparava-se para mystifical-o, e prendêl-o escravo, empregando o systema, que lhe dera o dominio absoluto do barão.

Mas o capitão Avante nem respondeu á carta, nem acudiu a render-lhe culto feroz.

Era muito: era extrema offensa á vaidade de Amalia de Villares.

A offendida em vez de revoltar-se contra o offensor que a desprezava tão asperamente, desejou-o phrenetica, e caprichosa ardeu por ter a seus pés captivo e rendido o capitão Avante, ainda que fosse para empurral-o com o pé um momento, depois de contemplal-o ajoelhado, e submettido; mas almejando-o debalde em prostração de escravo allucinado, dobrou de odio e de aspirações de vingança cujo objecto era a *baroneza de Amor*, a quem julgava rival feliz, e adorada.

Em mais de um mez de torturas de vaidade, de provocação esteril, de desengano cruel, de resentimento horrivel, e de furias de odio Amalia de Villares apenas lembrára algumas vezes o barão de Amorotahy, cuja paixão excitára, e que estava ás portas da morte.

O barão moribundo lhe parecêra carta inutil em jogo perdido; e salvo; mas paralytico quasi o mesmo que morto.....

O barão morto ou paralytico era em seu pensar a liberdade mais ou menos absoluta da baroneza, e a destruição de seus planos de inveja perversa.

Mas annunciado o provavel restabelecimento do barão, Amalia de Villares não se alegrou por elle, reanimou-se com a esperança de levar avante seus projectos sinistros.

A retirada do barão do seio da familia, fugindo evidentemente do contacto, ou da presença da esposa exaltou ainda mais dona Villares, que logo informada desse facto, pensava em descobrir o retiro do convalescente, quando recebeu no bilhete demasiado exigente de sua visita a mais segura prova do seu poder dominador.

Determinando causar doce sorpreza ao barão, mandou-lhe por unica resposta uma *saudade.*

A innocente flôr era portadora de falsa indicação do mais terno sentimento; porque dona Amalia nunca sentira saudades do barão.

No dia seguinte a ousada senhora effectuou a visita tão almejada.

Sahiu só no seu carro, como era de seu costume; fêl-o seguir para Andarahy, desviando-se da estrada, e avançar para a *chacara escura*, e apeando-se á porta da casa, soube onde podia encontrar o barão, e sem lhe importar o juizo dos criados, apressou-se a ir sorprendel-o, executando para isso pequeno rodeio, e mettendo-se por entre as arvores

e arbustos do meio dos quaes rompeu de repente a breve distancia do barão, fazendo de arte ruido leve; mas sufficiente para chamar-lhe a attenção.

Amalia de Villares trazia os cabellos soltos e cahidos em anneis, e calculada *toilette* branca, simples e graciosa: com suas mãos pequeninas defendia o vestido das aggressões dos galhos mais baixos dos arbustos, arregaçando-o um pouco e deixando á vista seus pés mimosos, e até acima dos tornozellos a perfeição maravilhosa das pernas mais regular, e bellamente torneadas, ajuntando ainda a esse tecido de habeis encantos artificial e vivissima expressão de medo, de confusão, de anciedade, e de amor apaixonado e almejante.

O barão viu-a surgir assim d'entre as verduras e as flôres, e sem voz, quasi desmaiado, e como em extasis, apenas pôde sorrir e estender os braços...

Amalia de Villares correu para elle, e como em impulso irreflectivo, pôz-lhe as mãos nos hombros, e dobrando o corpo, beijou-lhe duas, tres vezes a fronte.

O convalescente, enlaçando-a pela cintura, abraçou com ardor a mulher encantadora.

Sentindo o amoroso abraço, dona Villares desprendeu-se, recuou um passo e disse:

— Barão!... isto póde fazer-lhe mal!... eu não devia ter vindo aqui...

— Oh!...trouxe-me a vida!...

— Era porém demais...mez e meio de horriveis torturas; porque não me era licito ir vêl-o...bem o sabe... a baroneza me fechára a porta de sua casa...

— Dona Amalia!... soffreu por mim?... ama-me?...

— Se o amo!...barão, esta visita lh'o diz, dil-o-o em minha imprudencia: eu me expuz a perigo, que ainda corro; mas tambem será a primeira e ultima.

— A ultima!...

— Sim: desejo viver para o nosso amor; não quero que me matem, como o quizeram matar...

O barão curvou tristemente a fronte, reconhecendo-se abatido, fraco e incapaz de protecção effectiva.

Amalia de Villares tirou do cinto pequenino relogio de ouro cravado de brilhantes, e disse:

— Irrevogavelmente primeira e ultima visita que durará sómente dez minutos: uma hora e cincoenta minutos.....ás duas horas partirei.

— Ah! pois abandona-me assim?...

— Barão; eu já sabia, que a sua convalescença começára: agora exulto, vendo-o em

estado mais animador, do que eu suppunha. Vou deixal-o tranquillo, contente, e tambem levando o coração cheio de ternas esperanças.

— Ternas esperanças?... devéras tem-n'as, e permitte que eu as tenha?...perguntou o barão, tomando as mãos de Amalia de Villares e apertando-as docemente.

— Não nos occupemos hoje deste assumpto: poderia ser-lhe nocivo...

— Então...voltará outro dia?...

— Impossivel.

— Em tal caso, dona Amalia, responda á minha pergunta.

— A conversação póde fatigal-o... e eu receio...

— Fazer-me bem?...apressar o meu restabelecimento?...

Amalia de Villares viera visitar o barão exactamente para ver se podia já entender-se com elle no sentido que mais convinha a seus malevolos designios.

— Se fosse assim!...murmurou ella.

— Oh!...que o é!...

— Mas eu não tenho que responder-lhe, barão!...já lhe prometti tudo.....

E a immodesta abaixou a cabeça, simulando confusão de pejo.

O barão beijou-lhe as mãos.

— Tinha-o esquecido?...perguntou Amalia levantando os olhos.

— Não!...mas temia.....

— Só podia temer, se arrependido do que tambem prometteu.....

— O meu desquite?...

— Sim...

— Estou prompto a realizal-o.

Amalia de Villares conteve o seu jubilo e disse:

— Barão, sejamos francos: vou ser causa do maior infortunio da baroneza.

— Já repudiei-a claramente, vindo sem ella para esta chacara.

Amalia de Villares continuou, fallando no mesmo tom de hypocrisia:

— Dóe-me isso n'alma!...tenho sido muito estouvada; não sou porém má...

— E' um anjo!

— Mas, alucinada pelo seu amor, barão, submettendo-me a deixar a casa de meu marido, e a proscrever-me da sociedade para ser sua, exclusivamente sua, tenho direito a exigir que o senhor seja meu, exclusivamente meu.

—Sim! sim!...exclamou o barão.

— Pois bem! disse Amalia de Villares com animação apaixonada; pois bem!...seja assim.

E continuou no mesmo tom:

— Em quinze ou vinte dias o barão estará de todo restabelecido, e voltando para a cidade tratará do seu desquite...

— Fal-o-hei! juro-o.

—No dia em que o barão e a baroneza tiverem formalmente effectuado o seu desquite, o barão me escreverá, annunciando o facto, e eu lhe responderei, marcando a hora, em que no mesmo dia me entregarei ao seu dominio de amante amado, e de senhor do meu destino.

— Oh, dona Amalia!... eu voarei para receber em meus braços a minha amante adorada, soberana perpetua da minha vida!

— Não; não; tenho sempre medo...nosso primeiro e encantado asylo deve ser aqui... na *chacara escura*, e marcada a hora eu o acharei, ou o barão me achará á sombra desta arvore auspiciosa!...

— O seu medo é vão, dona Amalia; mas obedecer á sua vontade é gloria para mim....

— Barão!... acabamos de lavrar um contracto!...

— E que seja irrevogavel.

— Espere!...eu tinha ainda quasi uma condição...um exigente pedido....

— Qualquer que seja, cumpril-o-hei.

— Barão!...barão!...

— Oh, dona Amalia, dando-me tanto, dando-me o céo na terra, que poderei eu negar-lhe?...

— Barão, fazem hoje quarenta e tres dias que á noite em deshoras foi commettido infame attentado contra a vida do homem mais digno, e mais amado: eu peço, eu quero que o offendido não procure vingar-se do offensor.

O barão turbou-se, sua face empallidecida corou, correram gottas de suor pela sua fronte, seus olhos flammejaram.

Amalia de Villares disse com doçura:

— Eu quero....

O barão balbuciou raivoso, a custo, e como se mordesse as palavras:

— Bastonadas....como....lacaio....

Dona Amalia repetiu ainda mais terna:

— Mas eu quero....

O barão olhou para ella, e vendo-lhe o olhar, e o sorriso encantador, disse submettido:

— Não me vingarei....

— Contracto firmado!... exclamou jubilosa dona Amalia.

E logo consultando o relogio disse:

— Ah!... duas horas e um quarto!... quinze minutos de mais!... barão, ordeno-lhe que se restabeleça depressa!... adeus!...

E ligeira se retirava....

— Oh, dona Amalia ! é assim que me foge e me deixa !.... clamou-lhe o barão sentidamente.

A bella maldosa comprehendeu que fôra menos habil actriz nessa despedida sem lance de paixão, e voltando-se rapida, disse em fingido enleio :

— E' que o seu olhar me confunde.... porque é olhar que incendia....

E sorrindo satanicamente encantadora, chegou-se para o barão, com os seus delicados dedos de branco setim e rosa tocou-lhe os olhos, cerrou-lhe e conteve cerradas as palpebras, e com os seus labios imprimiu-lhe na boca suspirante e meio aberta voluptuoso beijo.

Quando o barão abriu os olhos, viu Amalia de Villares retirando-se quasi a correr por entre verduras e flôres.

# VII

## Proposição de desquite.

A commoção produzida pela visita de Amalia de Villares, e o inconveniente assumpto de que com tanta imprudencia ella occupára o barão, deixou a este algumas horas de abalo e de preoccupações; não aggravou porém, como era para receiar, o seu estado.

Se o homem que se escravisa a uma paixão pudesse escapar á primeira consequencia espiatoria, que é a incapacidade de reflectir sem prevenções, o barão teria reconhecido o egoismo perverso, e o mais patente desamor de dona Villares no facto de vir excitar seu espirito, e sua tão melindrosa susceptibilidade nervosa com idéas e designios flammantes e violentos sem respeito e attenção ao menos piedosa á sua convalescença ainda precaria.

Mas o barão de Amorotahy possesso daquelle lindo e voluptuoso demonio que se chamava Amalia de Villares, viu na sua visita, no seu procedimento, nas suas exigencias, e provocações astutas sómente a manifestação exaltada da ternura mais rendida, e de explosões de amor arrebatado.

O barão achava na formosura, na graça de provocadores sorrisos, no olhar abrazado, na conversação animada de espirito lascivo, nos modos e nos meneios indiciadores de petulante lascivia de Amalia de Villares, não o bello ideal; mas a imaginada realidade da perfeição material do abysmo da sensualidade.

A astuta e implacavel inimiga da *baroneza de Amor* conseguira com os seus artificios allucinar o barão, inflammando-lhe os sentidos com a offerencia e segurança de satisfação plena de ardores aliás sempre illudida e adiada em resistencias de falso pudor já desfallecido, e emfim audaciosamente agarrando-se a uma condição malvada.

O contracto de infamia já d'antes proposto, discutido, e aceito, fôra como que lavrado e assignado.

O barão obrigára-se a desquitar-se de sua esposa, sanccionando com esse acto todas as calumnias, que laceravam a martyr de amor

enlouquecido : Amalia de Villares obrigára-se a fugir do lar conjugal, e a entregar-se de alma e corpo ao barão, e a conviver com elle em condição vergonhosa e reprovada.

Era enorme infamia pela enormidade de duas infamias que se identificavam.

Impossivel de apreciar qual das duas era maior infamia.

Mas realmente espantava que Amalia de Villares, não amando o barão de Amorotahy, sómente por vingativa sanha, e por inveja feroz, sómente para fulminar com opprobrioso desquite a *baroneza de Amor*, se condemnasse tambem ao desprezo publico, e, o que talvez fosse ainda mais doloroso para ella, se privasse da sociedade elegante, que lhe fecharia suas portas.

Assombrava certamente esse rancor furente, para satisfação do qual Amalia de Villares, a joven senhora vaidosa, estouvada e garrida sacrificava o gozo dos bailes, a inebriante atmosphera de lisonjas, os cultos de adorações, que eram mais do que a consolação, o encanto, a luz unica de sua vida que o recato não honrava; mas que a embriaguez da imaginação enchia de commoções, de vangloria, de arrebatamentos, e de ufania.

Quem se julgaria capaz de sondar toda a profundeza do odio no coração dessa mulher

que, para matar moralmente sua rival, moralmente se matava?....

Mas, como quer que fosse, o barão de Amorotahy recebêra promessa e juramento da posse absoluta, exclusiva, e não dissimulada de Amalia de Villares, seu ninho de amor escandaloso estava marcado: firmára-se o contracto das duas infamias.

Só faltava que se regenerasse completa a saude do convalescente.

Força vital em annos de virilidade em seu apogeu, quietação do corpo obrigadamente poupado a excessos e abusos de costumeira vida desregrada, a doçura e a salubridade do clima levaram a convalescença do barão até o ponto de ao termo de seis semanas julgar-se elle perfeitamente restabelecido.

Falsa era a idéa do perfeito restabelecimento: o barão já andava desembaraçadamente ainda mesmo accelerando os passos: tinham-lhe voltado a robustez physica, e a côr natural do seu rosto; estava nutrido, seu corpo rehouvera todo o garbo que o engraçava; mas no ponto lesado da espinha as vezes pronunciava-se dôr, como a que produz a picada profunda de uma agulha, dôr que ainda respondia á pressão feita pelos dedos do proprio barão que se observava, conforme tinha visto o Dr. Leoncio observal-o.

O possesso de dona Villares porém não podia por mais tempo dilatar o seu desterro de convalescente : passára seis semanas sem ver Amalia, que apenas atiçava-lhe a paixão em cartas loucas, que eram lavas de volupia, e de mentirosos anhelos de petulante rendição........condicional.

O barão impacientava-se : para illudir o tempo, leu, estudou no direito civil, e na lei do paiz todas as disposições, e todos os processos que se referiam ao desquite ; habilitou-se de modo a poder dispensar advogado : um dia occupou-se sinistra, e indignamente a redigir carta proponente de desquite á baroneza, sua esposa.

Depois entreteve-se, prelibando ferventes gozos, em negociar a compra da *chacara escura :* facil em ceder a exigencias de preço exagerado, effectuou a transacção, ficando proprietario do romanesco sitio, onde Amalia de Villares tinha de vir aninhar-se amorosamente com elle, fugindo impudica do tecto conjugal.

Os dias arrastavam-se morosos ; mas o barão consolava-se, reconhecendo o progresso embora em sua impaciencia muito lento da regeneração de sua saude.

A's vezes tinha horas de violento furor, lembrando que Amalia lhe impuzera o sacrificio

da sua desaffronta, o esquecimento de todas as idéas de vindicta que o barão tinha em mente para pagar com horrivel usura as bastonadas que recebêra de Mario de Villares.

O barão vencia os impetos de sua raiva, lembrando emfim que se vingava bastante do miseravel, tomando-lhe em face do publico a esposa não repudiada por amante ostentosa e tida e mantida por elle aos olhos, e em pleno conhecimento de todos.

Mas finalmente o barão sentiu-se ou suppôz-se *perfeitamente* restabelecido, forte, e capaz de assoberbar crise extraordinaria, e violenta em sua condição de esposo, e em sua vertiginosa paixão por senhora casada offerente de lascivas tentações.

A crise era duplice : desquite da propria esposa, e rapto, ou condescendente entrega da esposa de outro.

A propria esposa atirada á deshonra, a esposa de outro levada ao concubinato mais opprobrioso.

Dous crimes para satisfação de gozo sensual : duas offensas ao dever, á sociedade, e a Deus pela impulsão unica do instincto que solto e envenenado no pasto do vicio depravára o barão de Amorotahy.

O sensualismo perverte os corações, e rebaixa o homem. A escola sensualista deve

envergonhar-se da influencia de suas doutrinas materialistas e corruptoras, vendo-se ao espelho no quadro repugnante da perversão dos costumes.

Mas o barão considerou-se em completo ou sufficiente restabelecimento de sua saude, e acordando animado, e radiante de fervidas esperanças em manhã, que lhe sorriu afortunada, mandou pôr o carro, e partiu para a cidade, deixando a *chacara escura*, a que em breve havia de voltar com Amalia de Villares.

Elle tinha mandado tomar casa para sua morada provisoria na cidade; antes porém de apeiar-se a ella, foi indignamente pressuroso procurar dona Margarida. A nobre senhora o recebeu com a sua natural bondade; mas um pouco friamente; porque lhe doia no coração a crueldade do abandono injurioso em que fôra deixada sua sobrinha.

O barão apenas se sentou, disse:

— Minha senhora, venho pedir-lhe dous importantes favores....

— A mim?... e quaes são elles?...

— O primeiro é merecer-lhe a condescendencia de entregar pessoalmente hoje mesmo esta carta á senhora baroneza.

E apresentou a carta a dona Margarida.

— Ah ! perguntou esta ; escreve-lhe ?... isto é...não vai ver...evita sua esposa ?...

Em vez de responder o barão acrescentou sem a mais leve alteração de voz :

— E o segundo favor é que V. Ex. aconselhe a senhora baroneza a aceitar a proposição que nessa carta lhe dirijo, de desquite por consentimento mutuo.

— Desquite !...exclamou dona Margarida, levantando-se.

O barão levantou-se tambem e disse glacialmente :

— Cumpre-me prevenir a V. Ex. de que, não convindo a senhora baroneza no desquite, como lhe proponho, hei de á seu despeito effectual-o, e em tal caso não poderei poupal-a.... nem poupar-me ao escandalo publico.

E, tomando o chapéu, o barão cumprimentou com ceremonioso respeito a dona Margarida e sahiu.

A veneranda senhora estremosa tia da baroneza ficára attonita, em pè, immovel, e muda pela dôr do golpe que recebêra, e pela indignação de que se tomára.

Sómente no fim de alguns minutos voltaram-lhe a voz e o movimento.

Ella murmurou a tremerem-lhe os labios :

— Castigo de Deus !...

E logo, avançando dous passos, segurou

com impeto nervoso a campainha, e tocou-a fortemente.

Acudiu uma criada a correr.

— O meu carro ! clamou dona Margarida ; quero sahir já !....

E pouco depois, vestida como estava na simplicidade do seu viver domestico, ella seguiu para casa de baroneza.

## VIII

### O capitão Avante e o barão.

O capitão Avante vivia melancolico e sombrio.

Durante a doença do barão de Amorotahy fôra por duas vezes deixar na casa deste o seu bilhete de visita; soubera porém respeitar o doloroso sentimento da baroneza, não procurando ser por ella recebido.

O apaixonado que se dissimulava em amigo dedicadissimo penava pela privação longa da presença da formosa senhora.

Depois, em dia e hora que lhe aprazaram, elle foi encontrar-se com a baroneza que o fulminou, impondo-lhe o maior dos sacrificios, o seu casamento.

O capitão Avante se tornou desde então pesadamente obumbrado.

Sabendo que no mesmo dia da conferencia

com a baroneza realizára o barão subita e insolitamente a sua retirada para ir convalescer longe da esposa, imaginou e suppôz que a mais injusta suspeita o envolvia nos desgostos e nas tormentas conjugaes que tinham determinado aquelle facto lamentavel.

Mas deixada pelo esposo, a baroneza se encerrára completamente em sua casa....

O capitão Avante não devia, não ousou ir apresentar-se a ella.

Esperava e temia carta ou recado a chamal-o: não lhe chegava nem carta, nem recado: se por isso se consolava, presentindo esquecimento do projecto cruel do seu casamento, exasperava-o a lembrança de que a baroneza estivesse debatendo-se em confrangimentos, e em extremos rigores de infortunio sem recordar-se do amigo que lhe jurára dedicação illimitada.

O capitão Avante assemelhava-se ao homem a quem de repente faltou a luz do sol, e que cegando de subito, a cada passo desnortêa, e como que doudeja em seu andar desatinado.

Guardava quasi sempre silencio triste: se o Dr. Olympio com interesse de amizade o interrogava, ou lhe dirigia sensatas observações, elle por unica resposta repetia o seu costumado conceito:

— Lá na guerra era muito melhor.

Assim aborrido, contrariado, e em tribulação continua, o Avante desejou commoções para distrahir-se, teve vontade de brigar, jogou phrenetico e sem calculo nem cuidado dez noites seguidas, e ganhou sempre; rixoso e imprudente provocou conflictos; mas não achou quem brigasse com elle.

O capitão debalde procurára distrahir-se: no jogo não sentira commoções, e para brigar faltára-lhe adversario; porque a todos era patente a turbação do seu espirito.

Mas finalmente um dia o Avante soube que o barão de Amorotahy acabava de chegar á cidade restabelecido, e vigoroso, e que continuava a evitar a esposa; pois que tomára para si outra casa, excitando por isso commentarios que aggravariam o descredito da *baroneza de Amor*.

O capitão lembrou-se logo da conferencia que pedira ao barão em carta que lhe entregára na noite do attentado brutal de que o salvára.

A casa tomada pelo barão era evidente injuria feita á baroneza, era ameaça de imminente e maior affronta.

O Avante não reflectiu, resolveu: foi immediatamente procurar o barão de Amorotahy.

Em seu primeiro e excentrico plano elle

determinára confiar ao barão todas as confidencias que recebêra da baroneza, cuja innocencia, virtude, e ardente amor do esposo assim esperava demonstrar; em qualquer caso porém e ainda em pontos de melindre negar-se, em honra da baroneza, ás possiveis provocações do barão realmente ou fingido ciumento.

Mas então e de caminho o Avante a pensar que reflectia, modificou irreflectido o plano antigo.

As circumstancias tinham mudado.

Havia um projecto, uma imposição de casamento que era a fria, e egoista condemnação perpetua do seu amor tão innocente como profundo.

A baroneza o esquecêra de todo quasi dous mezes.

Nada mais lhe sorria á vida, nem a consolação da confiança da mulher que amava.

Se o barão o provocasse, porque não aceitaria a provocação?....se mesmo sem o provocar o barão puzesse em duvida sua lealdade, ou de qualquer modo deixasse entrever indicios de offensa intencional, porque não o provocaria elle?...

Um duello não era infamia, e no duello o barão havia de matal-o.

Morto, elle escapava do casamento, a que promettêra submetter-se.

Morto a baroneza (por fim egoista e ingrata) choral-o-hia talvez, e com certeza diria entre si: « morreu por mim! »

Tudo isso era talvez um pouco romanesco; muito insensato porém, e todavia era quanto, dirigindo-se para a casa do barão, tinha pensado o capitão Avante mal inspirado por longas semanas de tribulação e desespero de amor.

A visita do Avante ao barão naquelle dia apenas de chegada peccava por inopportuna; mas a conferencia que não fôra aprazada, devia parecer ou descortez por intempestiva, ou offensiva por imponente.

Todavia o barão recebeu o cavalleiro que lhe foi annunciado, e fazendo-o sentar-se, disse-lhe:

— Senhor capitão, cheguei apenas a duas horas, e ia agora mesmo sahir para pagar o tributo de minha gratidão a dous homens que me salvaram a vida: o primeiro é V. S., o segundo o Dr. Leoncio.

— O Dr. Leoncio tem, eu o creiu, direitos a esse tributo: eu não: já tive a honra de dizer a V. Ex., que não corri em auxilio do senhor barão, acudi a um homem qualquer, a quem tentavam matar.

— Mas em summa aconteceu que fosse eu esse homem qualquer.

O Avante não estava habituado a manejos subtís e delicados de conversação a fim de crear ensejo para entrar no assumpto que levava em mente.

— E' claro, senhor barão, que não tive o pessimo gosto de vir tomar tempo precioso á V. Ex. para inebriar-me vaidoso com agradecimentos que não mereço.

A observação do Avante era impertinente ou demasiado rude.

O barão perguntou, mudando de tom, e com acento senão displicente, ao menos serio, e sem affectada cortezia:

— A que veiu pois o senhor capitão?...

— Vim effectuar a conferencia que tive a honra de pedir a V. Ex. em carta que lhe entreguei.

O barão alterou-se um pouco, e disse:

— E' verdade, senhor capitão; mas eu ainda não marquei a V. S. nem dia, nem hora para essa conferencia.

— Foi exactamente por isso, que me apressei a procurar o senhor barão hoje mesmo, sentindo-me urgido por circumstancia inesperada, e muito grave.

— Que circumstancia é essa?

— E' o facto de V. Ex. ter vindo morar nesta casa com desprezo do tecto conjugal.

— Senhor capitão!... exclamou o barão levantando-se.

O Avante deixou-se ficar sentado e acrescentou:

— Senhor barão, eu não tenho a idéa de offendel-o para motivar provocação. Trazem-me aqui sómente espontaneo impulso de honorificação da virtude, e dever de leal cavalleiro.

— Supponhamol-o: respondeu o barão, sentando-se outra vez.

Ouvindo-o responder *supponhamol-o*, o capitão Avante sentiu coar-lhe o corpo arrepio forte de colera; mas dominando-o, sem que aliás tivesse podido deixal-o passar desapercebido, disse:

— Senhor barão, eu chamo-me honra, e verdade.

— Ao caso, senhor capitão! bem vê que devo estar curioso.

— E deve!... observou o capitão.

O modo por que lhe fallava o Avante revoltava o barão, que com os olhos fitos no cavalleiro, como a estudar em sua physionomia aliás tão pouco expressiva as intenções que o impulsavam, chegou a conjecturar, que de accôrdo ou não com a baroneza; mas informado da proposição de desquite, elle vinha

incital-o até o extremo e ás contingencias de um duello.

O barão era corajoso e valente; repelliu porém decididamente toda e qualquer hypothese de duello, porque de exito infeliz para elle o privava da posse de Amalia de Villares, ficando livre e impune a baroneza, e de resultado fatal ao capitão, seriam quasi as mesmas as consequencias pela necessidade de fugir á acção das leis.

Tendo tomado esse firme proposito, o barão ouvindo o Avante observar-lhe em tom menos respeitoso—E deve!—cruzou os braços e respondeu com ironia:

— Estou ás ordens de V. S.

— Senhor barão, disse o cavalleiro sem hesitar, juro-lhe pela honra de minha mãi e pela de meu pai, que venho fallar-lhe espontaneamente, e com absoluta ignorancia da senhora baroneza de todo estranha ao empenho que tomei.

— Ah! trata-se da senhora baroneza?...

— Trata-se.

— O assumpto assumiria sem duvida extraordinarios melindres, se eu não tivesse de prevenir a V. S., que não admitto a sua intervenção nas minhas relações com a baroneza.

— Mas eu tenho o direito de exigir que me

attenda; porque tambem se trata um pouco de mim.

— Em relação á senhora baroneza?...perguntou o barão carregando o sobr'olho.

— Sim: respondeu o capitão com a fronte erguida.

A atrevida franqueza do Avante collocou o barão na extremidade inexoravel ou de se reputar ultrajado e portanto em obrigação de desaffronta, ou de ouvir pacientemente o que lhe vinha dizer em conferencia pedida o cavalleiro.

— Falle; mas acabe depressa, disse elle.

— Acabarei quando acabar; respondeu o Avante.

O barão abafando a colera, disse fechando os olhos:

— Falle o tempo que quizer.

O capitão começou, dizendo:

— Um conflicto casual no theatro, caso que V. Ex. e todos souberam, me facilitou a honra de aproximar-me da senhora baroneza.

O barão conservava os olhos fechados.

O Avante proseguiu no mesmo tom simples e verdadeiro:

— E porque o não direi?...um dia, senhor barão, cedendo a apaixonado impeto, ousei fazer ardente declaração de amor á senhora baroneza.

— Senhor capitão!.....exclamou o barão, abrindo os olhos flammejantes de ira.

O Avante observou impavido, e em tom decidido:

— Senhor barão, ouça-me paciente até o fim; porque sem intenção de offendel-o, mas já agora em todo caso eu hei de ir até o fim.

O capitão ficou a olhar para o Avante com acendimento de raiva.

O capitão proseguiu, dizendo:

— A senhora baroneza tinha em exagerado reconhecimento o pequeno serviço de dever de cavalleiro, que sem conhecel-a eu lhe prestára no theatro....V. Ex. sabe isso perfeitamente...

— Adiante! disse rispido o barão.

— E esposa honesta repelliu, esmagou a seus pés o meu louco amor, e senhora agradecida honrou-me com as intimas confidencias da sua vida de esposa infeliz; mas virtuosa martyr, e amante!...

O barão deixou-se immovel e mudo, concentrando a raiva no coração.

— Venho hoje atraiçoar essas confidencias, senhor barão, e começo por declarar-lhe que a senhora baroneza tem amado, e ama perdida, apaixonadamente um homem, um unico homem...

— E quem é?...perguntou o barão.

— E' V. Ex.; disse o Avante com esforço para vencer o seu constrangimento.

— Eu?...

— Sim; é V. Ex. que o não quer ver, nem sentir nos proprios ciumes, e nos delirantes arrebatamentos da esposa apaixonada.

O barão incredulo ou em concentração de grande ira sorriu com ironia raivosa.

O Avante alterou-se, observando aquelle feio sorriso e perguntou com voz abalada:

— De que, ou de quem ri V. Ex.?...

— Ah! senhor capitão!...que posso eu fazer senão rir, quando me está tolhido outro recurso, como consequencia do desempenho da sua commissão!

— Commissão!

— Preciso eu dizer-lhe, que é inverosimil, e mal disfarçado o artificio de intervenção amiga e conciliadora em quem desde o principio desta conferencia forçada me falla em tom aspero, e quasi provocador?...

— Póde ser que eu me tenha excedido; mas sem proposito de molestal-o; disse o capitão, reconhecendo o fundamento do reparo do barão.

— E depois, tornou este; a historia de suas relações com a baroneza é tão absurda!.... esse romance de gratidão, e de amante desprezado a tornar-se logo amigo confidente de outro amor da amada...oh!...

E o barão sopitando a indignação, acrescentou com ligeireza simulada:

— Senhor capitão, ponhamos termo ao que não tem senso commum.

O Avante disse em voz baixa, um pouco tremula, apparentemente abatida e submissa, e que era apenas extraordinaria violencia para dissimular furioso despeito:

— Senhor barão, não acabei ainda... devo... quero repetir a V. Ex. as confidencias que recebi...

— Trabalho vão para V. S., e desagradavel para mim: vão; porque não darei credito ás suas confidencias; desagradavel; porque..... poupe-me, senhor capitão, o complemento da...

— Mas eu exijo que V. Ex. complete!...

— Exije?...... comprehendo; tocamos, mas V. S. toca inutilmente ao fim preciso da sua conferencia.

— Agora, disse o Avante levantando-se, o offendido sou eu.

O barão por sua vez deixou-se ficar sentado, e perguntou, fingindo rir; mas com os labios apenas a tremer:

— A proposito, senhor capitão!... no dia em que me retirei da cidade para convalescer só, e em tranquillo retiro no campo, houve ajustada, secreta, e sem duvida innocente

conferencia em casa dedona Margarida: V.S. póde dar-me tambem alguma noticia desse *acaso?...*

A pergunta era indigna do barão; elle porém já meio desquitado da esposa, teve a idéa de confundir o cavalleiro, que aliás respondeu-lhe altivo:

— Podia; e de modo a castigar bastante o aleive intencional de V. Ex.; mas não quero fazêl-o; porque V. Ex. não merece saber a honra do empenho de sua virtuosa esposa!

— Capitão!....

— Senhor barão!... exijo que retire palavras que me dirigiu, e que feriram a lealdade do meu caracter: V. Ex. attribuiu-me artificio para enganal-o, mentiras, insensatez, e indignidade! diga-o, é verdade ou não?...

— Digo-lhe sómente, que uma noite a tres mezes o capitão Avante salvou a vida do barão de Amorotahy.

— E esse facto casual serve agora de feliz pretexto para dissimulo de....fraqueza.......

— Supponha-o embora; respondeu o barão que se tornára impassivel.

— Singular gratidão que não me poupa a injurias, e nega-me satisfação de cavalleiro!....

O barão encolheu os hombros.

O Avante mordeu os labios raivoso, e disse com aspereza descomedida:

— Mais que singular!... a gratidão toca ao sublime; porque V. Ex. me indicou claramente que me reputa amante de sua esposa.... ora, com semelhante convicção.....

— E tendo perdido o direito de matal-o...... exclamou furioso o barão; mas sem completar a sua resposta.

O Avante sorriu-se desapiedada e provocadamente.

O barão levantou-se com impetuoso desespero, e avançando um passo, disse:

— Senhor capitão!.... conseguiu emfim....:

Mas interrompeu-se, com os olhos fitos no Avante immovel, e soberbamente incitador, reflectiu breves instantes, recuou, sentou-se de novo, e acrescentou friamente:

— Não conseguiu: não posso matal-o, e seria puerilidade fazer-me matar.

O Avante indignado e suppondo-se objecto de zombaria por não admittir a hypothese de tanta cobardia, teve a idéa de ameaçar de face o barão; contendo porém ainda seu genio desastrado nos accessos de furor disse com insultuosa ironia:

— Reconheço que devo pedir perdão a V.Ex.! enganaram-me aquelles que me deram por

certo o completo restabelecimento da saude de V. Ex.

— Porque?... diga-o impunemente.

— Porque....... estou vendo-o!...... senhor barão...... isto é clarissimo.... influencia do physico sobre o moral..... não é caso de envergonhar-se..... é doença....

O Avante torturava horrivelmente o barão que de novo enraivado perguntou já em pé:

— Porque?... porque?...

— Porque V. Ex. ainda não recuperou seus brios de cavalleiro em face daquelle a quem julga amante de sua mulher, e que realmente desejou sêl-o!....

A tão grande e inexcedivel affronta o barão, cuja face se decompôz, fez um movimento ou para lançar-se furente sobre o capitão, ou mais digno, para em suas palavras provocar francamente o offerecido duello de morte, quando foi de subito suspenso pela voz do criado, que fallou sem entrar na sala:

— Uma carta da senhora baroneza para o senhor barão.

— Dá-m'a! disse o barão com viveza e estremecendo todo pela commoção.

O criado aproximou-se, entregou a carta e sahiu.

O barão rasgou o envoltorio e achou dentro

a carta que escrevêra á baroneza, e no fim da segunda pagina leu uma simples assignatura. Era quanto desejava: expandiu-se, como se tivesse recebido noticia feliz, e offerecendo a carta ao Avante, disse-lhe quasi alegremente:

— Leia, senhor capitão; esta carta chegou a proposito: não ha mais duello possivel entre nós; porque desde hoje nada mais tenho que ver nem com o passado, nem com o futuro da baroneza.

Com o caracter de todo estragado por paixões ignobeis o barão além de esposo verdugo, tornára-se homem infame.

O capitão Avante afastou para trás a mão, negando-se a receber a carta sem pronunciar uma só palavra de escusa.

Já exclusivamente occupado de Amalia de Villares, o barão, que ardia por ver-se livre do Avante, disse com olvido do brio e da dignidade:

— Senhor capitão, este papel contém proposição de desquite por consentimento mutuo que hontem dirigi á senhora baroneza e a assignatura desta, firmando o seu assentimento ao acto que vai separar-nos.

O Avante respondeu, levantando a voz:

— V. Ex. esquece que proferiu palavras offensivas ao meu pundonor, e que tenho

sempre o direito de exigir satisfação de injurias pessoaes!...

— Oh! deixe-me em paz! retiro tudo quanto me ouviu, que pudesse offendêl-o ou magoal-o..... retiro.... não lhe basta?....

— Sobra-me; disse o Avante, mostrando repugnancia e desprezo; sobra-me, sim; porque estou arrependido do tempo que perdi, vindo conferenciar com um.... pobre homem.

E tomando o chapéu, o capitão cobriu-se com elle na sala, e depois sahiu sem ao menos voltar os olhos para aquelle a quem debalde provocára.

O barão teve apenas consciencia de que o capitão Avante finalmente o deixára.

## IX

### Mystificado.

O assentimento da baroneza dado á proposição de desquite facilitava tanto quanto era possivel o triste processo; mas ainda assim alguns dias eram precisos para se ajustarem artigos de contracto que firmassem os direitos de cada um dos esposos desquitados, prevenindo hypotheses de futuras contestações.

O barão de Amorotahy confiou tudo ao seu advogado, limitando-se a duas unicas e positivas recommendações:—dar por motivo do desquite a incompatibilidade dos genios de ambos os esposos:—fazer todas as concessões em materia de divisão com absoluta separação de bens para terminar immediatamente o processo.

A apparente generosidade do barão era ainda fallaz.

A primeira recommendação não passava de usual pretexto para poupar escandalo vivo e opprobrioso para ambas as partes; porque não era imaginavel que a baroneza se prestasse a reconhecer fundamento em qualquer allegação contra sua honra.

A segunda fôra determinada pela confiança e impulsada pela paixão libidinosa. O barão conhecia o caracter magnanimo da esposa que verdadeiramente repudiava; contava com o seu desdem a negociações relativas á divisão de bens, e elle que sacrificára ás devorações do vicio quasi toda a fortuna propria, recentemente e de novo enriquecido por opulenta herança de uma tia, sua madrinha, ficaria ainda muito melhor aquinhoado, cedendo á baroneza, como tinha insinuado com certa jactancia ao advogado, toda a importancia do dote que ella lhe trouxera, e toda a riqueza que herdára de seus pais.

O que porém impulsava o barão era a ancia louca da ultimação do desquite para o immediato gozo pleno e phrenetico da mulher que adorava.

Obrigado a obedecer ás condições irrevogaveis que lhe impuzera Amalia de Villares,

não podendo ir vêl-a em sua casa, e render-lhe cultos; porque ella absolutamente lh'o prohibira; o barão ardendo em impaciencia, e em imaginações de proximos arrebatamentos bem pagos pela formosura mais voluptuosa, achou quasi distracção, consolador emprego do tempo no que mais podia sorrir á sua paixão, occupado sempre de Amalia de Villares.

Elle já tinha em poucas semanas transformado a *chacara escura*, em retiro o mais encantador,. o jardim se regenerára, o pomar perdêra o caracter de exploração economica e util á familia, e tomára fórmas pautadas pelas leis da perspectiva, sacrificada a maior utilidade á maior belleza; em mais de um ponto pequenas matas de grandes arvores se tornaram em bosques sombrios a que a arte deu enlevos e magia, a limpida corrente foi aproveitada em improvisadas e como provisorias obras de effeito pela combinação harmonica de agua e de luz. A casa recebeu tanto quanto lhe podia dar a riqueza de cofres abertos pagando o luxo, e o primor do gosto: havia sobre tudo nella uma sala em segundo pavimento, sala de dormir, leito roseo, no chão tapete a abysmar os pés, nas paredes paineis, e espelhos immensos, paineis doudos, espelhos para endoudecer, mil ca-

prichosos ornamentos, e largas janellas abertas ás auras suaves, á lua, ao perfume das flôres que subia exhalado por innocentes thuribulos naturaes, e ao sibilo de quatro cassualinas, cujas folhas feridas pelo vento gemiam em como infindas tenutas da musica da natureza.

Não bastou isso ao barão de Amorotahy: em seus dias de anciosa espera a poder de ouro multiplicou encantos no esperançoso ninho de amor: elegante, grande, formoso kiosque inesperado, escondido em um dos bosques, e á beira da corrente murmurante devia excitar prazeres secretos, e abandonos de terna embriaguez; em outro bosque uma gruta que os rochedos facilitaram, e no seio da gruta sombra... mysterio...

A riqueza operava prodigios e o barão de Amorotahy se consolava assim, mitigando o fervor da ancia com a prelibação de gozos ineffaveis no alcaçar que preparava para elles.

Todos os obstaculos estavam vencidos: o desquite exigido pela mulher apaixonadamente desejada era apenas questão de breves dias. O barão de Amorotahy ia em breve, não ia, estava tocando á vespera de ser amante aditado, senhor, absoluto possuidor de Amalia de Villares; a ampulheta ia prestes

marcar a hora, em que a bella e voluptuosa mulher, o demonio formoso e tentador do barão de Amorotahy passaria á condição de escrava do seu possesso.

Sorpreza transportadora! dous dias antes do prazo calculado pelo proprio barão consummou-se o desquite por consentimento mutuo.

A baroneza tinha favorecido a impaciencia do seu repudiador, ostentando indifferença desdenhosa do desquite, e repugnancia á combinações disputadas sobre assumpto de interesse material.

O barão ardeu em jubilo: o seu desquite achava-se firmado, o ninho de amor estava tecido com fios de ouro que enredavam flôres; o prazo dado para a sua dita almejadissima chegára: elle escreveu immediatamente a dona Amalia de Villares, communicando-lhe o facto a fim de que ella, como se compromettêra e ficára convencionado entre ambos, lhe marcasse a hora em que no mesmo dia, abandonando a casa do marido, se entregasse toda ao seu amor.

A carta foi logo remettida.

O barão de Amorotahy estava certo da felicidade que ia fruir; Amalia de Villares porém ou áquella hora em passeio, ou contrariada por amigas a cercal-a em casa, poderia ser

obrigada a demorar a resposta, que devia sómente indicar o immediato prazo, e o modo de sua partida para a *chacara escura*. Calculando com essa demora explicavel, lembrando que em sua carta se propunha a ir fervoroso receber e conduzir para o doce retiro a bella senhora, e avaliando em muito o thesouro, que roubava, e não provavel, mas possivel furor vingativo do esposo ultrajado, occupou-se em examinar, e pôr bem preparado o seu revolver, e foi vencendo o tempo com outros cuidados adrede attendidos para illudir a ancia da resposta esperada.

E o phrenetico apaixonado exultou, vendo que esperára menos do que pensára.

O portador da carta apenas gastára o tempo indispensavel para a ida e a volta.

Evidentemente Amalia de Villares, abrazada em paixão, respondêra prompta, e eloquentemente, em conciso bilhete glorificador do seu exaltado amante.

O criado trazia com effeito uma carta de Amalia de Villares.

O barão tomou a carta com ardor impetuoso, abriu-a.... começou a ler jubiloso.... mas pouco e pouco e á medida que adiantava a leitura seu rosto foi tomando a pallidez da morte, suas mãos tremeram, e seus labios quasi de subito resiçados agitaram-se convulsos.

A carta de Amalia de Villares dizia assim:

« Barão:—O que acaba de effectuar, o acto do seu desquite, fêl-o um pouco por si, e muito por mim, eu o sei: o que fez por si foi digno, o que fez por mim foi sublime.

« Adoro-o, barão!...

« Mas não é verdade que o sublime fica muito perto do ridiculo?...ah, barão!....quizera antes morrer, do que vêl-o cahir da alturas do primeiro ao chão sem flôres do segundo.

« Amor como o seu, barão, só o de Hercules, eu porém não quero, não hei de ser Dejanira.

« Palavra de honra que iamos fazer uma irremediavel travessura de crianças.

« Iamos; porque, se a sua carta de hoje me tivesse chegado até ante-hontem, eu teria batido as azas para o bello *ninho de amor*.

« Ardiam-me uns desejos, que eu nem devia confessar; mas confesso-os.

« Se não voei, se não cahi em seus braços para deixar-me arrebatar, a culpa foi sua.... demorou-se tanto!.... vinte horas antes da hora em que me escreve hoje, a escrava teria sido de seu senhor.

« Mas hontem, barão,—foi sómente hontem,—entraram-me em casa duas inspirações de sabedoria: uma foi a minha modista a experimentar-me vestido de velludo carmezim e

rendas negras de Inglaterra, adornos a endoudecer, corpinho delgado .... degolado a eclypsar..... é para amanhã no baile do commendador Peres de Almeida, ah! vá ver-me, barão!..... ficarei desconsolada sem a adoração dos olhos, que tambem me desatinam!.... vá ver-me lá! — a outra inspiração de sabedoria foi um convite da viscondessa de..... para baile campestre e phantastico em sua chacara de palacio fulgurante e de jardins maravilhosos.....

« O baile da viscondessa será de hoje a dez dias: barão! já imaginei—trabalho de quatro horas—a minha *toilette*.... quer saber?.... *toilette* de fada — velludo e sedas, não! todo brancura, alvura, transparencia, gaze, rendas e laços abotoados por diamantes; nos cabellos perolas, no seio o seio só ..... não preciso mais ..... azas de gaze ..... nuvens de gaze e rendas ..... ah, barão! isto faz enlouquecer uma senhora que sabe que é formosa, ou que pelo menos suppõe sêl-o!...

« E quer saber?... a modista com o vestido que me trouxe, e o convite da viscondessa a me fazer imaginar a minha *toilette* para o seu baile campestre e phantastico me lembraram que sendo sua amante, barão, eu teria fechado para mim as portas da casa do commendador, e do palacio da viscondessa.

« Eis-ahi a lição da sabedoria.

« Isto póde parecer-lhe frio, a mim abraza-me, e, porque o não direi?... é a flamma da minha vida.

« Barão queridissimo, no *ninho de amor* da *chacara escura*, eu teria os mais ricos vestidos; mas sempre no *escuro* da chacara.

« Em physiologia de amor o nosso amor na *chacara escura*, aqui na cidade, longe daqui, e onde quer que fosse, seria volcão durante um mez, supponhamos que durante tres mezes, depois se tornaria em suave calor apenas vivificante, por fim, meu barão, acabaria inevitavelmente em agua morna.

« Ora, eu protesto que saber a agua morna é a idéa que mais me revolta: repito; prefiro tudo á isso; preferiria a frialdade que me désse condição de sorvete á ser agua morna.

« Tenhamos juizo, meu bello e elegante barão; o que tinhamos resolvido fazer, era loucura de paixão mutua.

« E' certo que póde lançar-me em rosto minha infidelidade ao contracto que firmámos na *chacara escura*, e cujas condições já foram de sua parte plenamente cumpridas.

« Mas se o contracto foi leonino!...

« O barão perdeu a baroneza; ficou porém com todos os seus direitos civis, e politicos, com todos os gozos da sociedade que frequen-

tamos, e emfim ficava de posse da minha bonita pessoa.

« Eu perdia o nome de meu marido, meus direitos de senhora casada, a sociedade cheia de encantos, a côrte de cem admiradores, o baile da viscondessa, e, ao menos por cortezia deve convir em que eu perdia tambem um pouco da tranquillidade da minha consciencia, e em compensação desses enormes prejuizos eu ficava propriedade do barão—sem ao menos ser bem de raiz — e sendo apenas propriedade dissimulada e inconfessavel de um senhor, de quem, pobre escrava, não teria direito de queixar-me, se no fim de tres mezes se enfastiasse de mim, e me abandonasse na *chacàra escura.*

« Barão, o contracto era leonino.

« Entre em si hoje, como eu entrei em mim hontem. Se teima em seu ternissimo e penhorador proposito, espere outra opportunidade, e firmado novo contracto que é possivel, porque eu o adoro perdidamente, não se demore tanto no cumprimento dos seus compromissos, como foi moroso no desquite ; seja prestes, e agarre-me logo e fuja comigo immediatamente.

« No entanto guarde a certeza de que o amo, e de que não desanimo, antes aspiro merecer e conservar o seu amor.

« Arda em paixão por mim: adoremo-nos mutuamente, *como até agora:* isso é até poetico pela santidade da innocencia no amor.

« Amar-nos na *chacara escura,* não!... a luz é a minha vida e tenho medo de *cahir* e de ficar no escuro.

« Presinto o enfado que lhe vou causar: pois bem, console-se; dou um beijo nesta pagina para assim mandar-lhe um beijo.

« Sua, e toda sua pela alma e pelo coração.

— *A. de V.*

«*Post-scriptum.*—Barão, vá ver-me e morrer de amores por mim no baile da viscondessa. »

Quando o barão acabou de ler a carta de Amalia de Villares, já seu rosto, que nos primeiros momentos tomára a lividez cadaverica, se acendia em fogo vermelho de despeito e de colera.

Elle murmurou com os dentes cerrados e por entre os labios, que mordidos raivosamente se tingiam de sangue:

— Mys... ti... fica... dora infame!.....

E furioso pôz no bolso da sobrecasaca o revolver, e sahiu precipitadamente.

— S. Ex. vai sahir sem levar chapéu; disse-lhe, curvando-se o criado, que estava á porta da ante-sala.

O barão levou machinalmente a mão á cabeça, voltou rapido para a sala que deixára,

e pôz-se a andar ao longo della á passos largos, e accelerados.

Elle pensava que reflectia..... e desatinava.

No fim de dez minutos dôr aguda e penetrante, no ponto já distincto das vertebras o forçou a sentar-se no sofá, á cujo encosto apoiou-se, dobrando um pouco o corpo.

— Demonio !..... exclamou o barão.

# X

## Louco ou perverso.

O barão de Amorotahy embora quasi cahido no sofá pela dôr que de novo sentira na espinha medullar, achava-se naquelle estado do espirito em que a furia das paixões é capaz de transviar a razão.

Relendo a rangir os dentes, e ás vezes a rir sinistro a carta de Amalia de Villares, perdida toda a dignidade, e baixando a excesso de ira brutal, acabou por despedaçar ás dentadas — dir-se-hiam de cão em hydrophobia — o papel assetinado e odoroso.

O barão recebia merecido castigo; mas o procedimento de Amalia de Villares tocava ao requinte da perfidia.

A carta que ella mandára, era tão longa, e o criado se demorára tão pouco em trazêl-a, que evidentemente de antemão fôra meditada

e escripta e portanto com revoltante premeditação de escarneo.

O barão ferido pelo mais ludibrioso desengano enfurecia-se pensando na crueldade fria da mulher, que além de ostentar-se falsaria, arrojava sobre elle o ridiculo ás mãos cheias, sarcasmos sem medida, e rindo com immodesto jubilo por ter conseguido o desquite, que abatia moralmente a baroneza, sua rival.

Contendo rugidos de féra embravecida, e traçando na mente ignea projectos horriveis, o barão chegou a tal ponto de exaltação, que suas idéas se confundiam desordenadas, fazendo-o até receiar que se perturbasse sua razão.

Comprehendendo que precisava de descanso e de cuidados, passou do sofá para o leito, e não podendo conciliar o somno pelo excitamente das paixões, e pela dôr da espinha que se abrandára um pouco; mas ainda o preoccupava muito, fez-se medico de si mesmo com a experiencia do seu recente tratamento pelo Dr. Leoncio; mandou que lhe fizessem sobre o ponto affectado do estojo medullar applicações topicas de effeito já conhecido, e tomou internamente chloral em dóse que imprudentemente exagerou.

Mas a exageração apenas dilatou-lhe o somno.

O barão dormiu onze horas.

Acordando na manhã seguinte, elle exultou, sentindo-se livre da dôr, que por diversas razões o affligia, e perfeitamente senhor de seus movimentos, seguro no andar, e sem quebra de vigor, e de forças.

Mas o somno não lhe aplacára a excitação ardentissima do animo : as paixões despertaram violentas, quando elle despertou.

A raiva ou a insania brilhava no fulgor febril do olhar flammejante, tremia no rir meio convulso dos labios seccos e gretados do barão, e ainda na precipitação com que elle se vestiu sem o costumado zelo de elegancia.

O criado serviu o almoço que elle devorou sem consciencia.

Immediatamente depois o barão, tendo-se certificado de que no bolso da sobrecasaca estava o seu revolver, tomou o chapéu e sahiu.

O criado apprehensivo e temeroso ao notar a alteração da physionomia do amo, seguiu-lhe os passos, e á porta da rua perguntou :

— V. Ex. permitte que o acompanhe?

— Não! respondeu rispidamente o barão.

Duas vinganças, dous designios criminosos ferviam na alma envenenada pelas paixões desse homem perdido, que para de todo perder-se gastou uma hora a preparar os meios,

a munir-se dos instrumentos necessarios para os attentados que premeditava.

Ao meio dia o barão entrou em um tylburi, o primeiro vehiculo da praça que nesse momento passava diante delle.

E disse ao conductor com voz quasi rouca:

— A' rua de......e prestes.

Os conductores de tylburis em geral são garrulos, e era-o muito o do barão; este porém ás primeiras palavras, que ouviu, impôz-lhe silencio, dizendo iroso:

— Não quero, que me falle!...

O conductor calou-se logo; mas reparou no abrazamento do olhar do homem que levava no tylburi, e ao contacto do seu corpo sentiu calor excessivo, anormal.

O barão de Amorotahy tinha febre.

O tylburi avançava e no fim de meia hora pouco mais ou menos entrou na rua que fôra designada.

O conductor disse ao seu homem, e como a interrogal-o:

— E' a rua de....

— Sei, onde vou... segue!... respondeu o barão.

Mas quasi logo elle viu passar em direcção opposta á do tylburi rico, luxuoso *coupé*, levado celere por dous fogosos cavallos de raça.

E dentro do *coupé* reclinada, formosa, fulgente Amalia de Villares.

—Volta!...volta!...acompanha este carro! ...disse com ardor o barão, que convulsára de raiva.

O conductor obedeceu; mas o seu miseravel cavallo era absolutamente incapaz de em sua marcha aproximar-se dos dous altivos, e ardidos animaes, que pareciam conduzir com ufanoso fervor a bella e fascinante joven senhora.

O barão excitava debalde o conductor do seu tylburi: o *coupé* distanciava-se cada vez mais, e dobrando uma esquina foi correr veloz, onde demorava a casa, que era então de exclusiva propriedade e de residencia da *baroneza de Amor*.

O barão sentiu coar-lhe o corpo arrepio geral, e disse com raiva ao conductor:

—Faze correr esse cavallo!

Dahi a pouco um rir satanico passou pelos labios do furioso.

O *coupé* tinha parado á porta da casa da baroneza, e Amalia de Villares mandou pelo pagem entregar ao porteiro o seu bilhete de visita, no qual por baixo de seu nome escrevêra maldosa as seguintes palavras: «*Faz-se lembrada á Exm. Sr.ª Baroneza de Amor.*»

Amalia de Villares em apuros de maldade,

saboreando sua vingança, insultava a nobre victima com a ostentação da sua victoria.

Mas Amalia de Villares fizera demorar o seu *coupé* cêrca de quatro minutos diante da casa da baroneza.

Fatalidade ou castigo da providencia?

O tylburi aproximára-se, e o barão apeando-se rapido, disse ao conductor:

—Segue-nos.

E lançou-se para o *coupé* que ia de novo partir; abriu a portinhola, e saltando para dentro, sentou-se ao lado de Amalia de Villares.

Ao mesmo tempo os cavallos romperam soberba e rapidamente, arrebatando o *coupé*.

Amalia soltára ligeira exclamação de sorpreza ou de espanto; mas immediatamente murmurou com doçura:

— Barão!...

O barão respirava anciado e não respondeu.

Dona Villares reparou então no olhar feroz que se fixára em seu rosto: amedrontou-se e disse tremula:

— Perdoa-me, barão?...

E como sabia, que era o demonio do riso, sorriu ainda, e acrescentou no tom o mais terno:

— Amo-o sempre...verá!...

O barão fugiu com os olhos para não ver o sorriso de Amalia de Villares, e levando a mão a um dos bolsos da sobrecasaca, tirou delle pequeno vidro cheio de liquido branco.

— Que é isso? perguntou a joven senhora, afastando o corpo, e, tremendo, a julgar o barão em accesso de loucura.

Mudo, agitado, mas convulsivamente expedito o barão ou endoudecido ou malvado com a mão esquerda conteve pela maxilla o rosto de Amalia de Villares, obrigando-a a apoiar a cabeça no encosto do *coupé*, e com a mão direita manejando o vidro que abrira, lançou-lhe tres vezes, como em golpes, o liquido branco sobre os labios, cujo sorrir enfeitiçava, e logo, largando o vidro, prendeu as duas mãos mimosas, que instinctivamente acudiam aos labios.

Amalia de Villares nem pudera gritar: repugnando a impressão oleoginosa do liquido, e, coitada, imaginando-o violento veneno, que aliás não se propinaria por semelhante modo, cerrára fortemente a boca.

Tudo isso foi obra de breves instantes.

Mas o barão conservando presas as mãos de dona Villares, e tambem contendo immovel o rosto lindissimo, ficou a olhar, como se o contemplasse raivoso, e ainda assim admirando-o apaixonado; mas de facto e por

calculo perverso dando tempo á acção terrivel do liquido que empregára, e que correndo dos labios da bella senhora, cahia em gottas sobre o alvejante e formoso peito.

E Amalia de Villares que não sentia dôr alguma, se julgava bem defendida, cerrando sempre e com força a boca: tremia de medo, não podia bradar por soccorro, e era fraca, e perdida toda a resistencia que oppunha á pressão da força muito superior, que a escravisava: sem a doçura da voz, sem o encanto do sorriso, a infeliz tinha sómente o recurso do seu olhar, e olhava artificialmente ternissima, pedinte de compaixão, e como que cheia de arrependimento, e offerente de amor....mas olhava assim e perturbada pelo medo debalde....debalde.... porque o verdugo se conservava impassivel.

E o *coupé* era sempre levado com ardor pelos cavallos briosos e vehementes.

Mas passados talvez dous minutos, o barão largou as mãos de Amalia de Vlllares, e de subito abriu a portinhola do *coupé*, atirou-se para a rua, e cahiu; levantando-se porém logo, foi tomar o tilbury que vinha distanciado, dizendo ao conductor:

— Vamos!...depressa!...

— E para onde?...

O barão reflectiu um instante, e respondeu:

— A' praça da Constituição.

.....................................................................

Amalia de Villaras, soltas as mãos, levou logo o lenço aos labios e ao peito, e enxugando-os bem, abriu emfim a boca, e disse, como se fallasse a alguem:

— Ah!...que louco!...

E quasi logo e já sem medo murmurou meio-vaidosa:

— Mas fui eu que o enlouqueci...

E respirava ainda commovida; mas desassombrada, quando notou no vidro que o barão deixára cahir e que derramára no tapete o resto do liquido.

Amalia de Villares inquietou-se, vendo no tapete larga mancha preta...

Não podendo observar seus labios, dobrou o pescoço, curvou a cabeça, olhou e viu...

Havia no seu peito alvejante e formoso nodoas negras, como a do tapete.

Ella tremeu de horror, e bradou ao cocheiro:

— Volta para casa... a correr!...

E pouco depois, chegando á casa, lançou-se accelerada e afflictivamente para o seu toucador, e vendo-se ao espelho, gritou consternada:

— Agua! agua! agua!...

O *demonio do riso* tinha os labios completamente pretos...

Amalia de Villares gastou meia hora a banhar seus labios.

Um medico, chamado urgentemente, acudiu apressado, e depois de ouvir a revelação do atroz attentado, attendendo á informação de que o liquido não exhalara cheiro algum, e que Amalia de Villares sentira nelle sabor oleoginoso, e observando os effeitos da acção caustica a mais violenta, reconheceu que o agente chimico empregado pela loucura ou pela malvadeza fôra o acido sulfurico concentrado.

Esse reconhecimento provava sómente a habilidade do medico; mas não aproveitava a Amalia de Villares, que em consternação se desfazia em pranto, chorando sua belleza perdida.

O barão de Amorotahy mystificado se vingára scelerato.

O acido sulfurico tivera tempo de atacar e destruir os tecidos organicos dos labios e do peito que a natureza mais donosa creára para encanto de amor.

O medico empenhou-se em consolar a misera Amalia de Villares.

— Não desespere; disse elle; é um caso de queimadura, e as queimaduras curam-se.

— Mas.... depois... ah!.... depois?... perguntou dona Villares, soluçando.

O medico entendeu a pergunta; respondeu porém, illudindo-a:

— Hão de cahir as escaras, e ficar sãos os seus labios.

— Oh!... doutor!... diga-me a verdade; ficarão..... como erão?...

— Eu o espero... confie em mim: Deus que a fez tão formosa, ha de permittir, que eu regenere a lindeza dos seus labios, e do seu peito e o feitiço do seu riso....

Mas, feita simples applicação sobre as queimaduras, o medico sahiu muito apprehensivo e quasi convencido de que inevitaveis cicatrizes tivessem de afeiar para sempre os labios do *demonio do riso.*

# XI

## O ultimo escandalo do barão de Amorotahy.

O barão, chegando á Praça da Constituição, apeou-se, despediu o tilbury, e talvez para illudir a curiosidade do conductor, entrou no jardim.

Logo depois consultou o seu relogio e viu que elle marcava duas horas e pouco mais da tarde.

Era sem duvida a hora, com que calculara para execução do ousado e escandaloso projecto; pois que immediatamente seguiu em direcção á rua do Ouvidor.

Aos primeiros passos levára a mão aos bolsos do peito da sobrecasaca, e se certificára, de que nelles tinha objectos, que premiditadamente tomára.

O barão estava muito pallido, e mais de uma vez no seu andar parecêra vacillante.

Sua preoccupação era tão grave e dominante que elle deixára de corresponder a saudações que lhe dirigiram amigos e conhecidos.

Tendo vencido a curta rua do Theatro, e atravessado a praça de S. Francisco de Paula encaminhou-se pela rua do Ouvidor, que naquella hora do dia é sempre muito numerosamente frequentada.

Dir-se-hia que elle escolhêra a hora e o lugar para ter em multidão testemunhas do acto que determinára praticar.

Quasi logo o barão .deu com os olhos no capitão Avante que casualmente alli estava, tendo-se deixado á conversar com dous officiaes, seus companheiros de gloriosas campanhas.

Salvando a cortezia, devida ao publico o barão de Amorotahy e o capitão Avante comprimentaram-se polidamente; mas a distancia que, embora de alguns passos, nem um, nem outro procurou vencer em interesse que é só preceituoso entre amigos.

O barão applaudiu-se em silencio da presença inesperada do capitão Avante, e muito pouco além parou junto da esquina da rua de Uruguayana, ficando a olhar attento ora para o lado do Theatro Francez, ora para a rua do Ouvidor.

O capitão Avante, que já estava a despedir-se dos camaradas da guerra, vendo que o barão de Amorotahy estacára tão perto delle, não quiz retirar-se, e ainda deixado logo depois pelos dous officiaes, tambem se conservou parado no lugar, onde se achava.

O pundonoroso, e irrascivel Avante, não podendo adivinhar as intenções do barão, e lembrando-se do modo arrebatado, com que na vespera o provocára, imaginou ou suppôz ver ameaça, talvez mudo insulto na attitude, que elle tomára, interrompendo sua marcha, e deixando-se alli immovel, e como á esperar momento azado para tomar-lhe contas.

Imprudente e irritavel como era o capitão, bastava-lhe a simples suspeita de indicação desafiadora para incendiar-lhe o animo.

A persistencia do barão parado e quasi defronte delle inflammou os brios do Avante, que incapaz de dominar-se, avançou iroso para interpellar o supposto offensor....

Mas não teve tempo......

O barão de Amorotahy acabava nesse mesmo momento de fitar os olhos no homem que viera encontrar e rapido tirara de um dos bolsos da sobrecasaca o mais ignominoso instrumento de castigo...... um azorrague.

Mario de Villares tinha sahido do Theatro francez, e vinha acompanhando de perto im-

pudente *alcaçarina* ostèntosa de fulgurante luxo.....

E tão embebido na gentileza e nas artificiosas graças da aurea e *carissima* dama estava Mario de Villares, que nem viu o barão de Amorotahy que o esperava de latego em punho....

O capitão Avante refreára seu inconsiderado movimento......

O barão com os labios nervosamente dilatados, abertos, e convulsos, e com os dentes cerrados e alvejantes olhava furioso, como enraivado tigre.

Quando Mario de Villares se approximou bastante, o barão de Amorotahy exclamou horrivel:

— Assassino cobarde!...

E cinco vezes successiva e acceleradamente feriu á golpes de açoute o rosto de Mario.

O offendido tomado de sorpreza recuára ao violento e inopinado ataque....

O barão em terrivel sanha atirou-se corpo á corpo sobre o inimigo e com desmesurada força lançou-o por terra, calcou-lhe a face com o pé, e levando a mão ao bolso, tirou de dentro o revolver.....

O capitão Avante correu em soccorro de Mario....

Mas tambem então não teve tempo......

O revolver acabava de cahir da mão inerte do barão que, soltando involuntario e pungente gemido, titubiou, e logo abateu-se e tombou prostrado, e como sem alento.

Tudo isso se passára em celere voar de momentos......

E no celere voar de momentos acudiam dezenas de curiosos do escandalo.....

Mario de Villares ferido e com o rosto banhado em sangue, ergueu-se embravecido, e em desesperado assanho de raiva e de desforço precipitou-se sobre o misero barão já cahido.....

Mas o capitão Avante recebeu em suas mãos de ferro o corpo desabridamente arrojado de Mario, e sustendo-o agarrado pelos braços, disse ao offendido furente:

—Agora é tarde, senhor! o ultraje foi enorme; mas o ultrajador não póde mais defender-se....

Mario de Villares surdo á razão, e cego de ira lutou para arrancar-se das mãos do Avante, e atirar-se sobre o corpo inerte do barão, que o açoutára....

—Contenha-se! exclamou o capitão.

E já colerico acrescentou:

—Se é abutre, digo-lhe que eu defendo o

cadaver do barão!... não quero que toque nelle!... não ha de mordêl-o!...

Mario de Villares conseguiu desprender-se das mãos do Avante, deu um passo para trás, e em furioso impeto lançou-se de novo contra o seu offensor já moribundo, ou ao menos desmaiado.

Perdendo então a paciencia, que aliás era dubia ou muito fraca entre as suas nobres qualidades, o capitão Avante aferrou pelos hombros Mario de Villares, sacudiu-lhe o corpo duas vezes fortemente, e com impulsão energica atirou-o para diante e longe de si, fazendo-o ir cambaleando cahir a dez passos de distancia.

E curvando-se generoso e commovido para levantar em seus braços o barão de Amorotahy, que parecia morto, o Avante disse ao numeroso ajuntamento de gente que já o cercava, separando-o completamente de Mario de Villares:

— E' favor dizerem a esse animal, a quem acabei de repulsar, que elle tem agora ás suas ordens um offensor *vivo*: sou eu, o capitão Brazilio, ou, por mais conhecido, capitão Avante.

## XII

### O segredo da morte.

O capitão Avante acabava de defender apenas um corpo quasi cadaver.

Mario de Villares não pôde ou não ousou arrostar de novo a intervenção generosa do Avante, e desappareceu no meio da enchente de curiosos que acudiram e acudiam ao lugar do conflicto.

Apresentaram-se quasi logo alguns amigos do barão de Amorotahy, cujo corpo já descansava nos braços do capitão.

A's primeiras e estereis lamentações que ouviu, o Avante disse um pouco de máo modo:

—Uma padiola valeria muito mais do que todas essas choradeiras!

—Tem mil vezes razão; observou um medico que chegára e que procedêra a rapido exame do barão.

Em vez de uma padiola trouxeram uma carruagem.

O medico que de antes já tinha conhecimento da molestia, de que o barão escapara contra a espectativa geral, e que acabava de receber do Avante completas informações do que se passára, olhou para a carruagem, e encolhendo os hombros, murmurou :

— E' indifferente....

O barão de Amorotahy que respirava apenas foi cuidadosamente accommodado na carruagem com o corpo sustido por dous dos seus amigos e pelo capitão Avante, que não se quiz negar á exigencia do seu concurso.

Mas ou por ignorancia da casa que o barão tomára provisoriamente, e por urgencia do caso, ou por explicavel perturbação em circumstancias tão angustiosas, um dos dous amigos determinou ao cocheiro a rua e o numero da casa, onde morava a baroneza de Amorotahy já divorciada.

O capitão Avante não fez observação alguma; emquanto porém a carruagem seguia vagarosa, elle reflectiu nas delicadezas de sua situação.

Até esse momento desde o conflicto, em que finalmente tomára parte, o seu procedimento fôra digno e honroso; mas a sua pre-

sença na casa da baroneza poderia ser inconveniente.

O barão se lhe afigurava proximo da agonia; mas se ainda voltasse á vida e á consciencia, embora por breve tempo, era provavel, que suspeitoso, e ciumento ao vêl-o perto de sua esposa, recebesse commoção muito nociva.

E ainda no caso provavel do passamento pouco demorado do barão, o Avante pensou, que a calumnia enfezada e feroz responsabilisaria á baroneza pela sua presença a insultar a agonia e o cadaver do marido, que em seus perversos aleives propalára ultrajado por criminoso amor.

Chegando á porta da casa da baroneza, o capitão Avante, que se conservára triste e silencioso, apeou-se da carruagem, tomou em seus braços de Hercules o corpo do barão, entregou-o com apuro de cuidados para não magoal-o aos dous amigos, e aos criados, que immediatamente se apresentaram, e cumprido esse dever, e dizendo:

—Praza a Deus salvar ainda esta vez a vida do senhor barão!

Saudou os dous companheiros de curto e caridoso trajecto, e deixou-os, partindo a pé em retirada.

Uma hora depois o barão de Amorotahy que fôra conduzido para o seu antigo apo-

sento particular que tão injusta e cruelmente desprezara para fugir á esposa, estava prostrado e moribundo no leito.

Em pé diante do barão, ás vezes a andar inquieto pela sala em desesperança manifesta o Dr. Leoncio que fôra logo e a toda pressa chamado, tinha em sua tristeza, e no olhar desanimado escripta a sentença fatal.

A' cabeceira do moribundo um padre de respeitavel aspecto murmurava baixinho orações, esperando o começo do transe.

Sentada no leito e amparando em seu colo a cabeça do barão a esposa divorciada dobrava o rosto banhado em lagrimas para o rosto marmoreo do marido que a repudiára.

Dez a doze amigos do barão uns de pé, outros sentados conservavam-se a curta distancia, rodeando o leito lugubre.

Era geral e profundo o silencio quebrado apenas pelo susurro muito leve das orações do padre, e pelo tique-taque da pendula.

A baroneza de Amorotahy não era mais a amante apaixonada do esposo, como até bem poucas semanas tinha sido: o repudio ingratissimo que soffrêra e logo depois o desquite que o barão lhe impuzera, tinham alterado consideravelmente os seus sentimentos em relação a elle, e arrefecido o seu ardente amor; ao ver porém moribundo o marido

por quem tanto padecêra, esquecido o resentimento, só teve coração para anciar de dôr, que se desafogáva em lagrimas.

Os amigos do barão observavam a pobre senhora uns perplexos em seu juizo, outros a julgal-a hypocrita.

O barão respirava ainda; mas oppressa e as vezes irregularmente: não lhe tinham voltado nem a voz, nem o movimento: as palpebras sómente se moviam; abaixando-se e levantando-se porém morosas e pesadas.

De subito elle estremeceu todo em convulsão, embora agitando-se fraco....

A um só tempo a baroneza convulsou tambem, o padre levantou-se, o medico aproximou-se e tomou o pulso ao moribundo; e as outras pessoas presentes avançaram para o leito.

O medico murmurou:

— Vai acabar.....

A baroneza exclamou:

— Meu Deus !....

O padre disse:

— Uma vela! uma vela!.... e oremos pelo agonizante!

O barão de Amorotahy abriu os olhos, e arregalando-os medonhamente, rodeou com elles a sala; e como se a tivesse reconhecido e procurasse alguem, foi olhando em torno...

fitou um momento o medico, passou moroso, mas sem parar lugubre vista pelos amigos... viu e pareceu considerar o padre que lhe apresentava um crucifixo, e em voz baixa lhe dirigia extremos conselhos de contricção e de fé.

Mas immediatamente o barão, como tomado por violenta contracção tetanica, dobrou a cabeça para traz, e fixou os olhos esbugalhados no rosto da esposa que repudiara: então sua face já decomposta pareceu reanimar-se, seus musculos labiaes se agitaram em convulsivo tremor; esforço inutil, e intima dolorosa luta se denunciaram: o infeliz queria *talvez* fallar á baroneza, e não podia fazêl-o: tinha na alma na consciencia *talvez* alguma declaração a fazer-lhe, algum profundo sentimento a revelar, e a declaração, o sentimento debalde se agitando na alma e na consciencia, estavam condemnados a ser— segredo da morte.

Nesse horrivel tormento, nessa ancia de fallar sem conseguir o empenho, o barão indiciou tentar leve, repetido; mas apenas preceptivel movimento com as mãos, e não pôde levantal-as: sua afflicção pronunciou-se tanto quanto era possivel mais viva e patente no rosto desfigurado, seus olhos sempre fixos na misera esposa radiaram a tremer horrivelmente nas orbitas....

A baroneza não resistiu mais á fixidade apavoradora daquelle olhar, soltou um gemido, e desmaiou, cahindo para um lado da cabeceira do leito.

E logo após o gemido da esposa, o barão de Amorotahy desfez a curva em que arqueára a cabeça, cerrou os olhos, e morreu.

... ........................................

..............................................

A maledicencia não poupou a *baroneza de Amor* nem no seu primeiro dia de viuvez.

Embalde o testemunho do padre, do medico, e de alguns dos amigos do barão, a tormentosa agonia deste foi referida e commentada aleivosamente.

Propalou-se que o barão pouco antes de expirar fixára no rosto da infiel esposa longo e flammigero olhar fulminador, e que morrêra em desespero por não poder fallar para fazer extremo voto, que era sem duvida — o da sua maldição lançada á *baroneza de Amor*.

O barão com effeito levára para a sepultura o segredo de seus ultimos sentimentos, que afflictivo quizera, e não podera declarar.

Era o segredo da morte.

Não revelado, ficára sendo mysterio.

O Dr. Leoncio assegurava que aggravada por abalos moraes profundos, e por grandes esforços e choques physicos, a affecção da

medulla tinha attingido o cerebro, fazendo o barão cahir ao golpe de fortissima congestão, e que não podia ter havido o que chamavam *segredo da morte* em moribundo, á quem necessariamente faltava a consciencia no estado de completa perturbação das faculdades intellectuaes.

Mas que não fosse assim, que o medico errasse embora....

A consciencia de grandes, e numerosas culpas, a lembrança da traição de Amalia de Villares, o natural arrependimento de injustiças feitas á esposa, e emfim o violento esforço que o barão a tocar a agonia fizera, procurando a baroneza, a cujo collo estava, indiciariam antes ardente, desesperado empenho de quem moribundo devia naturalmente querer pedir, e receber consolador, e suave perdão...

O barão porém morrêra sem poder fallar.

Levára comsigo o segredo da morte.

E – castigo da esposa que por loucos ciumes durante longos mezes se fingira incasta, e se expuzéra namoradeira — a lingua dos maldizentes dava por certo que o *segredo da morte* do barão de Amorotahy era — a maldição da *baroneza de Amor*.

FIM DA QUARTA PARTE.

# CONCLUSÃO

## I

Os circulos elegantes e aristocraticos da cidade do Rio de Janeiro tinham de uma só vez e ao mesmo tempo perdido duas das suas mais lindas frequentadoras.

A *baroneza de Amor*, viuva, fugira, desapparecêra de todo.

Amalia de Villares, que não era mais o *demonio do riso*, pois que em seus labios as queimaduras tinham deixado, embora pouco profunda, desengraçadora cicatriz, seguira para a Europa em companhia de seu desamoroso e desamado marido, a quem a lembrança dos golpes de azorrague, e o geral desprezo publico levaram a ausentar-se para o estrangeiro.

.................................................

.................................................

## II

Depois de um anno de viuvez passado em longe e absoluto retiro a *baroneza de Amor* mostrou-se inopinada em noite de opera-lyrica italiana em um camarote de primeira ordem do theatro de D. Pedro II.

Reapparecia linda como fulgira nos seus dias de felicidade e de encanto. Seu rosto que as afflicções tinham acabado por desbotar, rehouvera o matiz da flôr da mocidade, e mais insinuante e enlevador se tornára por suave expressão de melancolia: as vestes de luto davam realce maior á brancura da sua tez, e nos seus modos e no seu parecer havia brando acento de gravidade serena que embellezava ainda mais a sua graça natural.

Na cidade, onde tanto brilhára e soffrêra, ella estava já tão esquecida, como se tivesse morrido a dez annos. Nem os admiradores lembravam-se de sua belleza, nem os maldizentes de seus erros. A propria inveja inimiga déra a um anno de ausencia o perdão que se concede á morte.

O effeito que por isso mesmo produziu o reapparecimento da baroneza, foi extraordinario, e nos primeiros momentos quasi commoção electrica.

Centenas de vozes murmuraram baixinho a um só tempo :

— A *baroneza de Amor !...*

E todos os olhos fitaram-se nella a contemplal-a enlevados...

Em tanto movimento que era verdadeiro triumpho, bem facil podia despertar a inveja dormida.

III

Dez dias depois do fallecimento do barão de Amorotahy a joven viuva retirára-se para Theresopolis com sua tia, dona Margarida, deixando apenas a algumas pessoas de particular e distincta amizade bilhetes de despedida, em que nem indicára o lugar do retiro, nem o tempo da ausencia.

Em despedida tão simples não dissera, mas parecêra dizer :— *adeus para sempre.*

Era com effeito essa a idéa então predominante da baroneza.

A dôr da viuvez não lhe mirrára o coração : os ultimos e desabridos ultrajes, com que o esposo a atirára á ceva da calumnia, e a diffamação quasi autorizada, tinham apagado as flammas do seu amor.

A furia dos seus detractores por vingança de pretenções repulsadas, e de suas rivaes

por inveja só lhe mereciam desprezo, não a abatiam, e menos a prostravam vencida.

Havia porém irosa, implacavel potencia que perseguia, atropelava a baroneza, zombando do seu orgulho, e trucidando-a incessante: era a opinião publica, que a fogo vivo lhe imprimia no seio o ferrete de sua condemnação.

Não podendo nem convencer de injustiça, nem escapar aos tormentos da sentença terrivel desse tribunal inflexivel e supremo, a baroneza fugia em desespero.

## IV

A *baroneza de Amor* tinha errado muito em seus phrenesis de ciumes; um dia porém o conselho da virtude acendêra em sua alma a luz do arrependimento.

Então quiz, tentou rehabilitar-se no conceito publico, e ninguem acreditou na lealdade da arrependida.

Ella tinha fingido incastidade, e se ostentára namoradeira por impetos de ciumenta vingança; nunca porém descêra a real rebaixamento infamante; mas a julgal-a pelas apparencias a opinião geral a declarou esposa criminosa.

Nunca se nodoára em fraqueza aviltadora,

e a reputavam indigna e repetidamente nodoada.

Peccára por desatinos de amor que era santo e que endoudecêra ferido pela ingratidão, e por escandalosa infidelidade do esposo, e todos a accusavam de perversões adulteras...

Na sociedade em que fulgurára, tinha sido rainha pela belleza e pela virtude, e, quebrado o sceptro, rainha desthronada por falhas de virtude, ficára apenas bella inçensada por thuribulos, que a faziam corar.

Era horrivel.

Coração despedaçado, orgulho rebatido, descredito e martyrio de calumnias, e mais horrivel que tudo — rehabilitação impossivel!

## V

A *baroneza de Amor* fugiu desesperada da cidade cruel que a condemnava e jurou a si mesma desapparecer para sempre da sociedade que lhe negava as honras e os cultos devidos á virtude.

Profundamente orgulhosa ella, tendo perdida a primazia entre as primeiras, só se submetteria a ser igualada ás primeiras; mas negava-se altiva a ver-se confundida entre as menos estimadas que são as ultimas.

A baroneza fugiu.

Theresopolis deu-lhe saude, e socego do espirito, regeneração do viço e do esplendor da juventude, toda a lindeza dos seus aditados e saudosos dezoito annos de idade.

Ella passava horas a adorar-se, contemplando-se ao espelho...... mas era ella só a adorar-se, e tinham sido tantos a adoral-a por formosa poucos annos, poucos mezes antes!..

A vaidade e a juventude são na mulher tão avidas, tão exigentes de cultos!.....

A *baroneza de Amor* immensamente vaidosa aspirava sempre adorações, como as que gozára no tempo feliz do seu primor em belleza, em elegancia, e em pudicicia.

Mas o sceptro estava quebrado: a rehabilitação debalde reclamada se mostrára impossivel...... e o orgulho não se abatia.

A *baroneza de Amor* ficou, e quiz permanecer em Theresopolis adorando-se bella em face do seu espelho, como flôr do deserto a pender para o lago da solidão, que a namora retratando-lhe a lindeza.

## VI

Um dia veiu doce e puro voto de amor procurar em sua solidão a bella e voluntaria desterrada.

O capitão Avante ardendo em mais vivas e

apaixonadas flammas, desde que não lhe era mais defeso amar a baroneza, esperou um seculo, esperando quatro mezes em respeito á recente viuvez da querida senhora; mas no fim desse longo prazo foi como se bradasse — avante!

Procedeu conforme o seu caracter franco e recto, fogoso e positivo.

Elle tinha cêdo e facilmente descoberto o retiro da baroneza.

Em aprazivel manhã estava a linda e joven viuva a adorar-se diante do seu espelho, quando lhe apresentaram uma carta: era do Avante, e chegava opportuna, trazendo-lhe cultos de amor.

O capitão escrevia-lhe com simplicidade, clareza, e paixão. Lembrava, e repetia a declaração do seu amor; singelo e ardente se exaltava, aspirando a gloria de esposo; e pedia com fervorosa exigencia ou animadora esperança em permissão de ir pessoalmente ajoelhar-se a seus pés em Theresopolis, ou desengano leal que lhe marcasse outro destino.

A carta era em alguns pontos de nitidez, e de energia rude; mas ainda nesses mesmos de apaixonado abrazamento. Era carta a *avançar* pelo caminho mais curto, carta de — *avante!* emfim.

## VII

A baroneza nunca tinha amado, não amava o capitão Avante; devia-lhe porém muito, admirava a magnanimidade do seu caracter, e a pureza dos seus sentimentos, e nenhum outro homem subira tanto na grandeza de sua estima.

Não podia acender-lhe doce luz de esperança de amor; mas tambem não tinha animo para fulminal-o com o desengano.

A mulher é ainda em innocentes illusões que urde, em negativas que habil dissimula, nos desenganos que suavisa com a doçura da meiguice a santa consoladora do homem, a quem estima sem poder amar.

A baroneza respondeu assim ao capitão Avante:

« Meu amigo:— Martyr de amor, creei medo ao sentimento que foi meu algoz: não abra as azas para vir em arroubos de terna esperança pedir-me aquelle affecto que fez o tormento da minha vida; mas venha em vôos de amizade pura aditar-me o coração agradecido, venha!— *Baroneza de Amorotahy.* »

## VIII

O capitão Avante não tardou em ir *ajoelhar-se aos pés* da baroneza.

Incapaz de fingir, insistiu em suas pretenções, pedindo á joven e linda viuva o *sentimento á que ella creára medo*.

Receiosa de offender o seu tão dedicado cavalleiro, a baroneza não ousava repellil-o claramente, e recorrendo a evasivas, o animou sem querer fazêl-o.

Em um mez o Avante apaixonado, solicitante e fervoroso foi quatro vezes em visita de teimoso 'empenho ao bello retiro de Theresopolis.

A baroneza não o desenganava; elle perseverava.

## IX

O capitão Avante desde a primeira vez que se apresentou franco e amoroso pretendente á mão da baroneza, teve por si a mais decidida protectora na boa e virtuosa dona Margarida.

— E's joven e formosa; dizia ella á sobrinha; porque te condemnas ás tristezas da viuvez, e da solidão?... este mancebo é digno de ti, e ama-te com extremo: é Deus que t'o envia: aceita-o, e volta com elle á sociedade que era o teu encanto, e que radiava com a tua belleza.

A rude senhora sem que o calculasse fazia vibrar a corda mais forte do coração da vaidosa baroneza.

E o amor do Avante era immenso, instinctivamente magnanimo, e como providencial para salvar a victima barbaramente condemnada.

O capitão Avante honorificava a *baroneza de Amor*, com a plena confiança asseguradora de estima baseada no conhecimento de sua innocencia; exaltava-a, não lembrando jámais o descredito injusto que a deprimia; era sabido escrupulosamente melindroso em pontos de honra e de pundonor, e offerecia-lhe a egide de seu nome; era irascivel e bravo, e tão famosamente brioso, altivo, e de impetuosa valentia, que o mais audacioso maldizente não se atreveria a murmurar palavra desrespeitosa em allusão á sua esposa.

Tudo isso era muito; o que porém sobretudo enchia amplamente a alma da *baroneza de Amor* era o sublime, perfeito contraste do desconceito, da reprovação implacavel, que a desesperavam; era a confiança absoluta, que o capitão Avante depositava em sua virtude, era o magnanimo, angelico desprezo, com que elle nem se abaixava a lembrar as calumnias diffamadoras, que tinham corrido contra a baroneza de Amorotahy.

O capitão Avante a adorava casta, honestissima, santa martyr.... quasi pura...

Que em furia de odios e de invejas se repetissem os aleives, que ultrajavam a baroneza, o capitão Avante não a abateria jámais, dando-lhes importancia, que magoasse de leve o seu orgulho de senhora altiva, e de dignidade delicadissima.

O capitão Avante era por todas as suas qualidades o homem que a podia reerguer, era o seu elemento providencial da rehabilitação que ella julgára impossivel.

## X

A baroneza pouco e pouco se foi abalando pela força dessas considerações; mas resistiu sempre sem confessar a natureza dos sentimentos que determinavam a resistencia.

O capitão Avante, como se tivesse adivinhado o segredo da vaidade, que por ultimo animava e mantinha a reluctancia da baroneza, um dia disse-lhe tristemente no fim de mil empenhos de amor:

— Oh, minha senhora!... V. Ex. não m'o diz; mas sente-o, e eu nem ouso protestar: desposando-a, eu poderia tudo para tornal-a feliz; ha porém duas cousas que eu não

posso... ah! não posso apagar as cicatrizes que afeiam meu rosto, e não posso conservar-lhe seu titulo de nobreza!...

A baroneza confundida e enleiada corou fortemente, e quasi logo respondeu palpitante de commoção:

— Deixarei de ser baroneza... para ser sua esposa...

## XI

O capitão Avante em transportes de amor e de gratidão submetteu-se reverente ás exigencias decorosas da baroneza que aprazou o seu casamento para o termo de um anno de viuvez.

Eram seis mezes a esperar ainda: a baroneza os passaria no seu doce retiro de Theresopolis: o capitão gardaria zeloso o segredo de sua proxima dita, e, sem amiudar visitas, viria algumas vezes render cultos á sua bella amada; ao seu anjo da solidão.

E o tempo foi passando...

Em suavissimas horas de expansões, e de enlevos o capitão Avante revelou-se quasi homem novo em melindres de sentimento e em formosura de coração e belleza d'alma.

A baroneza applaudiu-se feliz, arrebatou-se em admiração das qualidades, e do caracter

do seu noivo, sentiu-se sublimada pelo amor que inspirava; glorificando-se *rehabilitada* pela confiança perfeita e illimitada do cavalleiro que ia desposar.

Mas, sempre vaidosa, sonhou, prelibou esplendidos triumphos na sociedade que a maltratára tanto, e que de novo em breve havia de prestar-lhe adorações.

## XII

A baroneza mostrára-se louvavel pelo decoro, não querendo passar á segundas nupcias antes de terminar o anno de luto e de viuvez, e dera boa prova de prudencia, impondo a guarda de segredo do casamento ajustado, e a restricção das visitas do Avante ao seu retiro de Theresopolis.

Chegou porém a hora das inspirações da vaidade, e a prudencia falhou.

A baroneza quiz que o seu casamento fosse celebrado brilhantemente na cidade, d'onde aliás tinha fugido magoada e resentida; quiz nella reapparecer bella, refulgente nas vesperas de segundas nupcias que davam testemunho do poder de seus encantos e da estima e confiança que merecêra de um cavalleiro reconhecidamente brioso e de escrupulosa honestidade.

Quiz e foi obedecida. A sua vontade era a lei do capitão Avante, e a velha dona Margarida era como mãi cega que se aditava, servindo aos caprichos da sobrinha.

## XIII

A *baroneza de Amor*, a incorrigivel vaidosa exultou, recolhendo a commoção triumphal que produzira ao reapparecer inopinada no theatro de Pedro II.

A noticia de seu casamento com o capitão Avante espalhou-se logo: deixára de ser segredo; dentro de um mez a baroneza de Amorotahy se chamaria sómente Irene Brazilia.

Os gracejadores mudaram-lhe a doce alcunha: em vez de *baroneza do Amor*: começaram a chamal-a — a *linda Avante*.

Esperando o casamento a vaidosa que triumphára, reapparecendo em noite de theatro aos olhos dos antigos admiradores quiz e foi reluzir no baile.

Radiava lindeza, esplendor, elegancia, felicidade; triumphou no baile, como triumphára no theatro.

Mas despertou a inveja dormida.....

Em falta de erros, a inveja diffamadora corria avida ao pasto dos erros passados.

*A linda Avante* foi ultrajada nas recriminações dos namoros andazes, dos indicios de aviltamento da *baroneza de Amor*.

## XIV

Os écos da maledicencia e da detratacção chegaram aos ouvidos da baroneza que orgulhosa e soberba os despresava; porque exaltada com a certeza da estima e da confiança absoluta do capitão Avante já estava segura de que este confundiria os seus aleivosos diffamadores, ostententando-se ufano da gloria de ser seu esposo.

E ella se ufanava tambem de assoberbar assim a inveja e a maledicencia.

Sem essa ultima segurança, e sem aquelle immenso poder de estima, com que o capitão Avante plenamente confiado em sua virtude havia de rehabilital-a no conceito de todos, impondo-a ao respeito dos seus proprios e indignos abocanhadores, nunca a baroneza teria aceitado a proposição do casamento que ia realizar.

## XV

E os écos da maledicencia e da detrac-

tação chegavam igualmente aos ouvidos do capitão Avante.

Não houve quem ousasse ir a elle para fazel-o ouvir a mais leve insinuação offensiva da honra da senhora que em breve seria sua esposa; todos ao contrario o felicitavam, encarecendo os dotes e o merecimento que altamente a distinguiam; mas a maldade cobarde, assassina invisivel, multiplicava cartas anonymas, atassalhando nellas a victima, e enxovalhando com infame ridiculo o pundonoroso cavalleiro que ia desposal-a.

O capitão Avante exasperava-se por não poder descobrir o autor, ou algum dos autores das cartas anonymas e perversas: reconhecia em todas ellas o veneno da calumnia; por isso mesmo firmava ainda mais a confiança, que depositava na baroneza; mas, á pezar seu, a impressão cruel dos aleives e das injurias feria-lhe o coração.

Cada uma das malvadas cartas era queimada; a calumnia porém ficava ainda na cinza, a que se reduzia o papel....

A baroneza nem um só dia, nem um só momento pôde conjecturar, ou sentir as furias de leão ferido que ferviam na alma de seu noivo. Junto della e rendido a seus pés o capitão Avante era todo amor, e arrebatamento de felicidade e de encanto.

## XVI

Escondendo mal sepulto no coração o segredo que não podia communicar ao melhor dos amigos sem grande vexame proprio, e sem expôr ludibriada a senhora que teria em breve o seu nome, o capitão Avante achava-se abandonado ás susceptibilidades, e extremos melindres de sua natureza.

Elle tinha ouvido a confissão ampla e completa dos grandes tormentos, e dos erros da baroneza de Amorotahy em impetos de phreneticos ciumes do esposo perfido; sabia até que ponto ella se deixar a comprometter de plano adoudado, e admirava-a virtuosa pela continencia, com que ainda no mais vivo incendio da paixão delirante, evitára nobre e honesta a queda de que a mulher não póde mais levantar-se.

Nos proprios desatinos, a que se lançára ciumenta a baroneza de Amorotahy dera a extrema prova do poder da sua virtude.

O capitão Avante exultava com a certeza de tudo isso; a sua certeza, porém a sua inabalavel confiança não bastavam para livrar a baroneza do descredito que a calumnia propalava....

Elle queimava, reduzia a cinzas as cartas

anonymas; mas os miseraveis que as escreviam, certamente murmuravam a meia voz, vendo-o passar, e livres de sua presença diziam alto horriveis injurias, que ultrajavam a baroneza, e que o açoutavam no pelourinho de zombarias e de escarneos atrozes.

O capitão Avante começava a ter medo de si: no theatro, no baile, ou na rua se alguns fallavam-se em tom de confidencia, ou de segredo, se alguem sorria-se casualmente, estando elle perto, as confidencias e o riso se lhe afiguravam insultos, e só á força de immenso tributo pago ao decoro e ao respeito que devia á baroneza continha os impetos de provocação.

O Avante reconhecia que, casado com a bella e digna senhora assim mal julgada, e martyr de aleives, um simples murmurar de voz que lhe parecesse suspeitoso de offensa cobarde, um riso que indiciasse escarneo, o levariam a excessos de desaffronta, que poderiam impellil-o até o crime.

Elle mataria o homem que ousasse negar preito e homenagem á virtude de sua esposa.

## XVII

E a *baroneza de Amor* vaidosa de sua belleza, vendo certa a sua rehabilitação no conceito

geral pelo seu casamento com o brioso cavalleiro, que a exaltava pela confiança e pela estima perfeitas e ostentosas, e pelo despreso confundidor de seus detractores, nem ao menos lembrava, que ella em verdade tinha sido; mas durante alguns mezes em um anno tinha deixado por loucas apparencias de *parecer* honesta, e que a sociedade exige que a mulher não sómente seja; mas *pareça* sempre honesta.

E nem ao menos lembrava que sem as duas condições, e, seja-o dito, principalmente sem a segunda que é a que a sociedade vê, conhece, e aprecia, a mulher que cahe, ou *parece* cahir ainda uma só, uma unica vez, mais nunca se levanta até a altura, d'onde cahiu, ou sómente *pareceu* cahir.

## XVIII

Tudo estava disposto e preparado: mais cinco dias de anciosa espera e soaria emfim a suspirada hora da celebração do casamento.

Ao doce declinar da tarde mais bella o capitão Avante chegou á casa da baroneza.

Na manhã desse dia elle tinha recebido ainda uma carta anonyma escripta com endemoninhado calculo para feril-o, como

punhal envenenado. A carta cheia de atrozes calumnias denegridoras da *baroneza de Amor* terminava assim: « *só a riqueza dessa mulher indigna explica o ignominioso rebaixamento do homem que a vai desposar, vendendo-lhe o seu nome.* »

O golpe offendeu terrivel a fibra mais delicada do coração do cavalleiro.

O Avante tragou horas de fel e de raiva a referver concentrada; passou o dia mais triste encerrado em seu quarto; mas vendo aproximar-se a noite apressou-se a ir inebriar-se de amor, e de encantamento, adorando feliz a linda martyr de sceleratos aleives.

A baroneza estava no jardim reclinada em banco de relva, respirando perfumadas as suaves auras da tarde e em tão delicioso enlevo, que se afigurava em extasis, ou meio-adormecida.

O capitão Avante chegou-se a ella, e ajoelhando-se, beijou-lhe a mão.

A baroneza sorriu-lhe feiticeira.

— Dormia no meio das flôres? perguntou o Avante.

— Dormir não dormia; mas com certeza sonhava.

— Ah! sonhava?

— Com o nosso primeiro baile: o seu amor

veiu reacender-me a vaidade: de hoje a cinco dias o casamento que me assegura a felicidade e me dará gloria, e de hoje a um mez o nosso primeiro baile: quero que me vejam ufanosa, e muito amada! quero que o vejam desvanecido de sua esposa!....

O capitão Avante ainda de joelhos e a beijar a mão da baroneza, disse-lhe:

— Foi o dia dos sonhos!

— Tambem sonhou?....diga!

— Tambem.

— Com o nosso primeiro baile?

— Confesso que não. Sonhei mais terno... e talvez mais sabio.

— Quer saber? não creiu na sabedoria a envolver-se em sonhos de ternura; mas.... como foi que sonhou terno e ao mesmo tempo sabio?

O Avante respondeu commovido:

— Sonhei com a minha inexcedivel dita pelo nosso casamento de hoje a cinco dias, e como na manhã seguinte larga do porto do Rio de Janeiro um vapor da linha de Liverpool, sonhei-me em transportes de amor e de jubilo a seguir com a minha formosa esposa para Europa, e a adoral-a incessante e apaixonado longe, livre e sem saudades desta cidade....ruim.

A baroneza sentiu invadir-lhe o seio a algi-

dez da morte; reprimindo porém a impressão dolorosa que recebêra, sentou-se no banco onde estava meio-reclinada, e perguntou docemente:

— E' uma proposição, meu querido Avante?....

Na voz um pouco tremula da baroneza o capitão percebeu o máo effeito que produzira a sua idéa de immediata partida para a Europa e logo arrependido e temeroso de causar a mais ligeira magoa á sua bella amada, respondeu-lhe brando e affectuoso, e por sua vez dissimulado:

— Sonhar não é propôr; mas emfim.... pois que houve dous sonhos, eu prefiro realizar o sonho do anjo, o de nosso primeiro baile.

— Obrigada! disse a baroneza sorrindo.

E depois de breves momentos de reflexão, que se indiciava jocunda, deliciosa na expressão physionomica, a baroneza tornou dizendo ao capitão Avante, que ainda se conservava ajoelhado junto della:

— E' sempre o mesmo homem! o magnanimo cavalleiro da generosidade e da abnegação que lhe sublimam o amor!...

E estendendo os braços, e offerecendo-lhe as mãos para levantal-o, acrescentou em tom apaixonado e ardente:

— Capitão Avante !.... juro-lhe que agradeço á Deus tel-o encontrado no caminho da minha vida !.... devo-lhe muito mais do que amor, devo-lhe a estima, que sómente á virtude se tributa! oh! ainda que a fatalidade ou adversa fortuna nos separasse para sempre, nunca o seu nome se apagaria no meu coração!...

E com rapido movimento a baroneza beijou tres vezes e fervidamente as mãos do capitão Avante, que ella continha presas entre as suas.

## XIX

No outro dia pela manhã o capitão Avante foi afflictivamente sorprendido pela seguinte carta da baroneza:

« Meu amigo.—Errei muito, quando em assanhos de louca vingança, fingindo o que não era, compromettí minha reputação de esposa casta; errei tanto que não pude mais rehabilitar-me no conceito publico. O seu amor veiu dar-me alguns mezes de doces illusões; hontem porém reconheci na invenção do sonho mais sabio, que sómente por abnegação e com sacrificio do seu exaltado brio ousaria o capitão Avante arrostar a condemnação do meu

passado, vivendo nesta cidade casado comigo. Não me queixo: mas em minha dignidade, ou, se quizer, em meu orgulho impossivel me é aceitar por marido um homem, que tenha vexame de sel-o nesta cidade ou em qualquer lugar do mundo. Quando receber esta carta, já eu terei partido...para sempre... e nem sei ainda para onde: Adeus, meu dedicado e optimo amigo! adeus!—Perde-me e eu perco-o; juro-lhe porém que morrerei viuva... e honesta. E' enorme e horrivel o meu infortunio; mas sirva elle ao menos de lição e de exemplo *ás minhas tristes irmãs*, as esposas amorosas, castas e infelizes, que, pobres martyres, se deixam possuir e arrebatar pelo demonio do ciume.—*Baroneza de Amorotahy.*»

## XX

O capitão Avante correu afflictissimo á casa da baroneza, e achou fechadas todas as portas e janellas.

Os vizinhos o informaram da partida que se lhes afigurára precipite de toda a familia ao romper do dia.

O Avante seguiu immediatamente para Theresopolis, e lá nem ao menos recolheu noticias da bella fugitiva.

Gastou mezes em pesquizas estereis: esperou dous annos; mas esperou debalde.

A *baroneza de Amor* desapparecêra, como o meteóro que se extingue no espaço.

Ninguem pôde descobrir o segredo do seu destino: ou viajando por longes terras, ou escondendo-se em asylo mysterioso no seio da patria a *baroneza de Amor* que levára comsigo a velha e extremosa tia, fugira, como a ave que vôa espantada sem deixar nos ares vestigios de sua passagem.

O desengano apagou emfim as esperanças do capitão Avante.

Um dia elle abraçou o Dr. Olympio, e disse-lhe:

— Doutor, retiro-me amanhã para a Bahia.

— Oh! e porque te vás, meu Avante? perguntou-lhe o amigo.

— Porque esperei viver aqui no céo, e estou vivendo no inferno, respondeu o capitão.

E acrescentou logo, dominando vivissima commoção:

— Doutor!... *lá na guerra* era mais facil; era muito melhor.

FIM.